

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)  
Escola de Comunicação (ECO)

TARCÍSIO BEZERRA MARTINS FILHO

**ESPAÇO URBANO E PRÁTICAS COMUNICATIVAS:  
experiência transeunte e polifonia das ruas no Centro de Fortaleza**

Rio de Janeiro  
Abril de 2013

TARCÍSIO BEZERRA MARTINS FILHO

ESPAÇO URBANO E PRÁTICAS COMUNICATIVAS:  
experiência transeunte e polifonia das ruas no Centro de Fortaleza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janice Caiafa Pereira e Silva.

Rio de Janeiro

Abril 2013

M386 Martins Filho, Tarcísio Bezerra  
Espaço urbano e práticas comunicativas: experiência transeunte e polifonia das ruas no centro de Fortaleza / Tarcísio Bezerra Martins Filho. Rio de Janeiro, 2013.  
140 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Janice Caiafa Pereira e Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

1. Comunicação e cultura. 2. Antropologia urbana. 3. Subjetividade. 4. Fortaleza, Aspectos sociais. I. Título. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 302.2

**Tarcísio Bezerra Martins Filho**

**Espaço urbano e práticas comunicativas:  
experiência transeunte e polifonia das ruas no Centro de Fortaleza**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2013.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janice Caiafa Pereira e Silva – Orientadora  
Doutora em Antropologia (Cornell University), Escola de Comunicação-UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Kastrup  
Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Instituto de Psicologia-UFRJ

---

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves  
Doutor em Comunicação (UFRJ), Faculdade de Comunicação Social-UERJ

Rio de Janeiro  
2013

Dedido este trabalho à minha querida mãe (*in memoriam*) cuja imensa doçura cultivo em meu dia a dia.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha querida mãe, Iraê, e ao meu pai, Tarcísio, que sempre apoiaram esta ambição; aos meus irmãos, Rafaela e Tiago, pela coragem que depositaram em mim; aos amigos queridos que deixei em Fortaleza e que sempre se fizeram presentes; aos novos amigos (“tchurminha”) da capital fluminense que tornaram essas terras “estrangeiras” um pouco mais familiares; aos amigos Daniel Fonseca, Jhessica Reia e Pedro Mizukami, que foram companheiros de apartamento no Rio; à prof.<sup>a</sup> Janice Caiafa, minha querida orientadora, que com suas aulas, textos e disciplina me ensinou muito mais do que cabia nos conteúdos programáticos; aos professores da Eco, que me acolheram, especialmente ao professor Renzo Taddei, à professora Liv Sovik e à professora Anita Leandro; aos professores e colegas do curso “Deleuze e Guattari: Filosofia Prática” (PUC-RJ); à Diana Melo, revisora deste trabalho; aos professores da Fa7, em especial à professora Juliana Lotif, pelo carinho que estão tendo comigo neste ano de 2013; à Capes, pelo auxílio financeiro nos últimos meses dessa empreitada; às instituições, secretarias e empresas que me forneceram informações valiosas durante a pesquisa; e, especialmente, aos transeuntes que tive a oportunidade de conviver e conversar no Centro de Fortaleza.

Tendo por berço o lago cristalino,  
Folga o peixe, a nadar todo inocente,  
Medo ou receio do porvir não sente,  
Pois vive incauto do fatal destino.

*O peixe. Patativa do Assaré.*

Só o desejo inquieto, que não passa,  
Faz o encanto da coisa desejada...  
E terminamos desdenhando a caça  
Pela doida aventura da caçada.

*Da eterna procura. M. Quintana.*

Não me reconheço mais. O que me tornava igual aos outros foi destruído. Eu era como os outros, talvez, com muitos defeitos... os meus e os do meu mundo. Você me tirou da ordem natural das coisas. E, enquanto você estava perto, eu não tinha percebido. Agora entendo que você vai embora. E perder você me conscientizou da minha diferença. O que será de mim? O futuro será como viver perto de um outro "eu"... que não tem nada a ver comigo. Devo chegar ao fundo dessa diferença... e que é a minha íntima e angustiante natureza?

*Teorema. Pasolini.*

## RESUMO

MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. *Espaço urbano e práticas comunicativas: experiência transeunte e polifonia das ruas no Centro de Fortaleza*. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

O Centro de Fortaleza mostra-se hoje em uma posição menos hegemônica que outrora. Ele, que já fora o principal espaço sociopolítico da cidade, encontra-se em uma situação particular diante dos novos arranjos que a capital cearense tece. No espaço entre a região mais pobre e a mais rica da cidade, o Centro efetua uma espécie de espaço misto, cheio de contrastes e contradições. A arquitetura de estilo antigo soma-se aos anúncios publicitários, às placas de sinalização, aos gritos dos vendedores ambulantes, às conversações e aos encontros, produzindo uma situação peculiar em Fortaleza. Em uma cidade que cresce tendo como exemplo espaços privatizados, o Centro se reforça como espaço heterogêneo e urbano. Visamos, neste trabalho, a pensar essa região e suas práticas comunicativas a partir de experiências transeuntes que fazem parte desse território complexo e instável. O trabalho segue três capítulos. No primeiro, desenvolvemos considerações a respeito de estudos urbanos, da urbanização e das apropriações do espaço público de Fortaleza. No momento seguinte, produzimos um texto baseado em nossa experiência etnográfica. No capítulo derradeiro, buscamos – por meio de nosso trabalho de campo, de falas de transeuntes e de um arsenal teórico-metodológico interdisciplinar – considerações sobre a experiência transeunte no Centro. Observamos como essa experiência não cabe dentro das categorias bem definidas, flertando sempre com territórios novos, com estranhamentos. Sugerimos que se trata de um lugar de produção de diferença e de investimento na mobilidade dos signos. Finalmente, utilizamos o conceito de “agenciamento”, cunhado por Deleuze e Guattari, para tentar dar conta dessa intensidade especial do Centro de Fortaleza.

Palavras-chave: Espaço urbano. Sociabilidade. Subjetividade. Comunicação da diferença. Centro de Fortaleza.

## ABSTRACT

MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. *Urban space and communication practices: passerby experience and polyphony from streets of Fortaleza's Centro*. Rio de Janeiro, 2013. Dissertation (Master's Degree in Communications and Culture) – Communication College, Federal University of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

Fortaleza's Centro, downtown/Centre area of Fortaleza, appears today in a position less hegemonic than heretofore. It, which once was the city's main sociopolitical space, finds itself in a particular position in front of Fortaleza's new arrangements. Between the rich and the poor area of the city, the Centro produces a kind of joint space full of contrasts and contradictions. The old style architecture combines itself to advertisings, signposts, street vendor's yells, conversations and meetings, engendering a peculiar situation in Fortaleza. In a city that grows having as example private spaces, the Centro strengthens itself as an heterogeneous and urban space. From passersby's experiences, which are part of this complex and unstable territory, we seek to think Fortaleza's central area and its communication practices. Three chapters compose this dissertation. In the first one, we developed considerations about urban studies, urbanization and appropriation of Fortaleza's public spaces. In the next chapter, we produced a text based on our ethnographic experience. In the final chapter, we seek – by the use of our field experience, passersby's speeches and an interdisciplinary theoretical-methodological arsenal – considerations about the passerby experience in the Centro. We observed how this experience does not fit into well-prepared categories, always tending to new territories, to estrangements. We suggest that it is a place of difference production. Finally, we use the concept of "assemblage", thought by Deleuze and Guattari, to explore this special intensity of Fortaleza's Centro.

Keywords: Urban space. Sociability. Subjectivity. Communication as difference. Fortaleza's Centro.

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 - População do Município de Fortaleza 1890-1970. Números absolutos e crescimento intercensitário.....	48
Figura 1 – A elite fortalezense em sua <i>Belle Époque</i> , na Avenida Caio Prado (Passeio Público).....	45
Figura 2 – Anúncio publicitário do <i>Shopping Center Um</i> para jornal. Nota para os monstros da “poluição sonora”, dos “preços altos”, da “desorientação”, do “trânsito congestionado”, do “desconforto”, do “calor” e da “multidão”. Fonte: reprodução a partir de BENEVIDES (2012: 35).....	50
Figura 3 – À esquerda, a Praça Portugal, em 1969. À direita, a mesma região em 2009. Fonte: arquivo Nirez. ....	52
Figura 4 – Feira da Praça da Estação em janeiro de 2012. Fotos nossas.....	55
Figura 5 – Calçadas protegidas contra o sol por toldos cortinas na rua General Sampaio. Foto nossa. ....	57
Figura 6 – Calçadas na rua General Sampaio. Fotos nossas. ....	57
Figura 7 – Interseção entre a rua Barão do Rio Branco e a rua Guilherme Rocha. À esquerda, uma visão do Edifício Joly; à direita, a efervescência do Centro. Fotos do Google Maps registradas em janeiro de 2012. ....	59
Figura 8 – Galeria Pedro Jorge. Fotos nossas.....	61
Figura 9 – Calçada na rua Senador Pompeu. Da esquerda para a direita: vista de dentro da Rabelo (foto da Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza), foto vista da rua (Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza), foto da calçada (foto nossa) em um dia particularmente mais vazio.....	66
Figura 10 – Esquina da rua Senador Pompeu com a rua Liberato Barroso (à esquerda, foto nossa) e com a General Sampaio (à direita, foto da Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza).....	70
Figura 11 – Alguns exemplos de práticas comunicativas possíveis de serem observadas no trajeto da rua Liberato Barroso. (Fotos nossas).....	73
Figura 12 – Praça do Ferreira do alto, do nível dos olhos e a Coluna das Horas. À esquerda, reprodução a partir do Google Maps; as demais são fotos nossas.....	75
Figura 13 – Algumas fachadas e prédios do entorno da Praça do Ferreira. Fotos nossas.....	78
Figura 14 – Manifestações e eventos diversos na Praça do Ferreira. Fotos nossas.....	85

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 QUESTÕES URBANAS.....	19
1.1 A dinâmica das transformações urbanas .....	19
1.2 Produção de subjetividade na cidade.....	24
1.2.1 O modelo de cidade moderna.....	28
1.2.2 As novas facetas do capitalismo e o espaço urbano: a “antichidade”.....	33
1.3 Fortaleza: cidade em construção.....	38
1.3.1 Fortaleza: do Centro às Areias .....	42
1.3.2 Do Centro à Aldeota: da praça ao shopping.....	47
2 EXPERIÊNCIA TRANSEUNTE NO CENTRO DE FORTALEZA .....	54
2.1 Rua General Sampaio .....	54
2.2 Galeria Pedro Jorge .....	60
2.3 Rua Senador Pompeu .....	63
2.4 Rua Liberato Barroso.....	69
2.5 Praça do Ferreira.....	74
<i>Post-Scriptum</i> : outras formas de observar o Centro.....	90
3 PRÁTICAS COMUNICATIVAS E POLIFONIA URBANA.....	94
3.1 Experiência transeunte: comunicação nas ruas do Centro.....	94
3.1.1 Perder-se na cidade .....	98
3.1.2 Outrem e a comunicação da diferença .....	103
3.2 Polifonia urbana: vozes transeuntes .....	109
3.3 Centro de Fortaleza, um agenciamento .....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	131
ANEXO A – MAPA DAS REGIONAIS DE FORTALEZA .....	136
ANEXO B – MAPA CENTRO DE FORTALEZA E TRAJETO DA PESQUISA.....	137
ANEXO C – MANIFESTO “O GRITO DOS COMERCIANTES LEGAIS”.....	138

## INTRODUÇÃO

Antes de começar este trabalho, uma imagem. Ela retrata a cidade de Fortaleza contemporaneamente: no último andar do prédio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), no Centro da capital cearense, é possível ver duas cidades. Uma delas, a oeste, é formada por construções pequenas que, lá do alto, colorem a urbe com suas telhas de barro avermelhado. A leste, uma muralha de prédios demarca o início de uma outra região feita de concreto e colorida pelas cerâmicas das novas construções. O Centro, no meio, atua como uma ponte ligando as diferentes cidades. Ele é um lugar de passagem para aqueles que transpõem fortalezas instauradas. Se há, na cidade, um espaço que atue contra as segregações característica do meio urbano fortalezense, esse espaço é o Centro. Por um lado ele separa as duas cidades, ao mesmo tempo que, por outro, as une.

O Centro de Fortaleza foi, durante muitas décadas, o principal espaço de encontro da capital cearense. A urbanização moderna da região – moderna no sentido mais próximo à segunda metade do século XIX e ao começo do século XX – possibilitou espaços que visavam à “mistura urbana”, à “produção do coletivo” (CAIAFA, 2007): uma espécie de ponto de convergência atraindo contingentes de diversos bairros. Foi na região central que a cidade viveu sua *Belle Époque* entre 1860 e 1930, momento quando se registrou uma pujante cultura urbana moderna. Posteriormente, o bairro passou por mudanças significativas. Sua vizinha a leste, a Aldeota, produziu uma outra experiência urbana diferente daquela instaurada no Centro: um regime de cidade que se distanciava da cultura moderna tanto urbanisticamente quanto em formas de sociabilidade, atraindo, ao longo de algumas décadas, as elites e as classes médias altas que habitavam a região central.

Enquanto espaço instituído, isto é, enquanto um bairro de Fortaleza oficializado nas leis municipais e ilustrado nos mapas cartográficos (vide Anexo B), o Centro tem como limites o bairro Moura Brasil e o Oceano Atlântico (a norte), o bairro José Bonifácio (a sul), os bairros Jacarecanga e Farias Brito (a oeste) e os bairros Piedade, Praia de Iracema e Aldeota (a leste). Contudo, para aqueles que visitam a região central sem se importar com o que diz ou não a legislação, o Centro é uma infinidade de coisas que não é, e nem poderia ser, aquele institucionalizado. Esse Centro que nos referimos não é apenas um, mas tantos quantos são suas potencialidades. Para a maioria dos fortalezenses, o Centro é normalmente reconhecido como um território demarcado por uma mancha<sup>1</sup> comercial que, de segunda a sábado no período diurno, atrai um grande contingente de pessoas à região. Dessa forma o Centro que nos referimos neste trabalho é esse de perímetros incertos que a cada instante muda de forma, conforme os novos arranjos do dia a dia.

Creemos que a experiência da metrópole moderna – caracterizada pelo encontro de desconhecidos, pelo aparecimento das multidões, por um urbanismo voltado para a vida pública – é, em Fortaleza, uma exclusividade desse Centro. Em outras manchas não há tão intensamente essa vivacidade que marca a região central. A Aldeota, a leste, talvez pudesse registrar uma experiência moderna de cidade. Mas, ali, se desenvolveu uma outra forma de cultura urbana enclausurada e privatizada, refém de espaços controlados.

É por tal que este trabalho aposta em uma *particularidade* do Centro de Fortaleza. Uma experiência excêntrica às demais formas de sociabilidade fortalezenses. O transeunte que anda pelas ruas e que se perde na multidão parece-nos quase extinto nessa urbe. O Centro, entretanto, mesmo para os insistentes visitantes da Aldeota e de seu entorno, precisa ser conquistado a pé: ao lado de outros transeuntes, de vendedores ambulantes, de prédios antigos, de praças e da típica algazarra que caracteriza o bairro.

Em dias comerciais ouvem-se gritos de produtos, promoções, o volume alto de amplificadores de som (que promovem tanto o comércio informal quanto o formal),

---

<sup>1</sup> Segundo Magnani (2008: 42) as manchas são “área contíguas do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática dominante”.

pregações religiosas, artistas de rua, etc. Visualmente, cartazes, placas e anúncios compõem um cenário confuso que busca a atenção do passante. Panfletos são distribuídos e descartados no chão, abarrotado de sujeira. Pichações, estênceis, cartazes “lambe-lambe” podem causar surpresa ou mesmo indignação aos transeuntes. Paralelamente, o cheiro do milho verde, do mugunzá, do pastel de queijo, da batata frita (ou mesmo do lixo e do resto de comida) participam da experiência que é ser transeunte no Centro. Na Praça do Ferreira, no coração da região, as ruelas lotadas dão lugar ao espaço monumental, convidativo para conversações e para um breve descanso. Entre os transeuntes, a praça serve como ponto de encontro de diversos grupos de aposentados que diariamente se reúnem ali. É também nesse último local que ocorrem os principais eventos e manifestações políticas de Fortaleza. Conforme afirmou Herliande, uma das transeuntes abordada nas primeiras idas a campo, o Centro “tem sempre uma novidade!”.

Todo esse contexto – que utilizamos para ambientar o leitor no Centro de Fortaleza contemporâneo – serve-nos também para indicar que a região forma uma *atmosfera comunicacional* que interpela os sujeitos e dota o espaço de sentido. Essas modalidades de *práticas comunicativas* podem ir das mais institucionalizadas – como as grandes campanhas publicitárias frequentemente encontradas em suportes midiáticos (estes também institucionalizados) – às manifestações cotidianas – como a conversação ou o silêncio entre os sujeitos. A diversidade dessas atividades compõe o objeto desta pesquisa.

O alicerce teórico do trabalho apoia-se na transdisciplinaridade que caracteriza as pesquisas em Comunicação. Seu arsenal conceitual tem bases na Filosofia Contemporânea e em diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. Um dos conceitos marcantes que determina a posição deste trabalho é o de “agenciamento”, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995; 1997). Por meio do conceito, é possível observar que o agenciamento “Centro de Fortaleza” precede tanto o indivíduo quanto o próprio meio. Trata-se de uma experiência expandida do Centro. Este analisado não mais pelos limites cartográficos, nem pelas “identidades” que o compõe. O Centro, enquanto agenciamento, pulsa sem forma, adquirindo contornos imprevisíveis, abarcando uma grande diversidade de outros agenciamentos concretos. Paralelamente, entender o Centro como um agenciamento, permite-

nos lhe dar certo movimento, entendê-lo em sua dinamicidade. É por meio do agenciamento “Centro” que lançamos luz às práticas comunicativas.

O objetivo principal da pesquisa é investigar as diversas modalidades de práticas comunicativas que se desenvolvem ao longo da experiência transeunte no Centro de Fortaleza. Para tal, visamos a identificar e analisar algumas dessas práticas. Desta forma, poderemos vir a relacioná-las com as particularidades dos espaços públicos estudados. Além do transeunte, buscamos outros discursos relacionados à região. Focamos, principalmente, na representação do bairro pela mídia e na opinião de algumas instituições patronais do Centro.

Exploramos a experiência de ocupação e frequência do Centro a partir de determinados locais do bairro (vide Anexo B). Elegemos, por sua intensidade urbana, um trajeto<sup>2</sup> de aproximadamente 1 km, percorrido durante os períodos de ápice do comércio na região. Acreditamos que, nesse percurso, seja possível observar uma parte expressiva da vivacidade do Centro de Fortaleza. Começamos nossas observações a partir Praça da Estação. Dali, subimos a rua General Sampaio no sentido praia-sertão. Adentramos, então, a Galeria Pedro Jorge, cortando o quarteirão. Adiante, temos a rua Senador Pompeu onde conduzimos nosso percurso até a rua Liberato Barroso, exclusiva de pedestres. Caminhando na multidão, chegamos finalmente à rua Major Facundo, porta de entrada da Praça do Ferreira, coração do Centro da cidade.

Ao realizar o trajeto, colocamo-nos também na condição de transeunte e participamos do agenciamento Centro de forma a sermos interpelados pelas multiplicidades do campo. Temos a Praça do Ferreira como destino final do trajeto, um importante espaço de encontro dos sujeitos pesquisados. Se falta um momento plenamente adequado para o diálogo com os sujeitos da pesquisa durante o período de caminhada nas ruelas lotadas, encontramos, na praça, as condições adequadas para conversações. Observamos como ocorrem esses diálogos, quais são as questões abordadas, quem são os envolvidos, etc. Passamos também a participar

---

<sup>2</sup> O “trajeto” na designação do antropólogo José Guilherme Magnani (2008) tem dois usos. O primeiro referente ao percurso em áreas não contínuas da cidades, “na paisagem mais ampla e diversidade da cidade” (MAGNANI, 2008: 43), isto é, como forma de ligar ambientes longínquos espacialmente, mas que mantêm certa afinidade. O segundo deles, que nos interessa particularmente, diz respeito a percursos de curta extensão, “na escala do andar”. Ainda segundo autor, “a construção dos trajetos não é aleatória nem ilimitada em suas possibilidades de combinação. Estamos diante de uma lógica ditada por sistemas de compatibilidades” (MAGNANI, 2008: 44).

de tais conversas. Ouvindo os transeuntes, registramos questões importantes acerca da experiência no Centro de Fortaleza.

Conforme o leitor já deve ter percebido, o trabalho adota a etnografia como método. Seguindo as recomendações apontadas por Caiafa (2007), o trabalho etnográfico deve estabelecer-se como uma espécie de viagem capaz de provocar um estranhamento, que a autora considera algo a ser obtido no contexto da pesquisa, um “fator de situação”. Assim, a pesquisa, qualificada como um “método-pensamento”, permite uma espécie de “simpatia” em relação ao lugar e a seus frequentadores. A “simpatia” não abrange nem uma identificação nem uma distância. Ela é “o afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles” (CAIAFA, 2007: 152), “afetos que experimentamos com o contato com a diferença, que distrai de si” (CAIAFA, 2007: 156). Isto é o que Lawrence (1977 *apud* CAIAFA, 2007: 153) compreende como um *feeling with*, um “sentir com”.

Em nossa pesquisa, procuramos refazer inúmeras vezes o percurso traçado, de forma a “estranhar o familiar”, conforme afirma Gilberto Velho (2003). Essa é um atitude que diz respeito a uma “disponibilidade”, isto é, “é preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se encontre longe ou na vizinhança” (CAIAFA, 2007: 149). Estranhar é uma forma de estarmos atentos e curiosos aos procedimentos desse outro. Damos-lhe certo valor por meio do estranhamento: passamos a ouvi-lo, a procurá-lo, a pensar *com ele*, agir *com ele*. Esse procedimento de campo é uma forma de abertura para a experiência. Ele envolve, segundo a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2003), um “*deixar-se levar* pelo encontro com uma determinada situação ou assunto” (CAVALCANTI, 2003: 118, grifo da autora). Se havia, antes, uma espécie de preocupação em relação ao Centro engendrada pela minha situação socioeconômica, eu – mais um morador de classe média residente da Praia de Iracema, justamente no limiar do Meireles e da Aldeota – entendi que o sucesso da pesquisa dependia desses estranhamentos, isto é, era necessário produzir uma *abertura* para a experiência do campo. O Centro era um lugar distante para mim. Distante de todas as relações que eu havia construído com a cidade. Poucas vezes, eu havia ido ao Centro.

Ao mesmo tempo, havia de minha parte um sincero interesse por aquela região tão importante de Fortaleza.

Precisei, em algum grau, desfazer as minhas antigas concepções sobre a região central, envolver-me ao ponto de gerar um novo olhar. Cavalcanti (2003) também nos ajudou a construir essa atitude ao conferir importância a uma aproximação baseada no estranhamento. O estranhamento é uma boa maneira de conhecer, uma atitude que a autora chamou de “coragem antropológica” (CAVALCANTI, 2003: 121). O “des-conhecer” é, na concepção de Cavalcanti (2003: 133), uma forma de “relativizar a familiaridade”.

A aproximação exigia que eu *desfizesse essa estranheza, desconhecesse* – não no sentido de ignorar ou recusar o que sabia, mas de *desfazer conhecimentos pertencentes à esfera do senso comum* que, como eu ia simultaneamente realizando, inundavam não só minhas idéias como em especial meus sentimentos a respeito do tema. (CALVANTI, 2003: 120, grifo nosso)

Em outras palavras, trata-se de um sentimento semelhante à “simpatia” que Caiafa (2007) demonstrou. Por meio de tais procedimentos é possível afirmar que

a experiência de campo, com todas as suas arestas e estranhezas, se a deixamos predominar sobre pretensões de autoridade, pode muitas vezes trabalhar contra as tendências generalizantes, simplificadoras, redutoras da vida social. (CAIAFA, 2007: 140)

A teorização passa, portanto, para um nível de diálogo com o campo, e não o precede. O campo, como uma atividade produtora de suas próprias reflexões, pode vir a influenciar a teoria. Assim, “é possível conseguir uma inteligibilidade dos fenômenos que pouco tem de interpretação, é mais uma forma de experimentação, agora com o pensamento e a escritura” (CAIAFA, 2007: 140). Essas são as bases para Caiafa (2007) formular a etnografia como um “método-pensamento”.

A partir de textos de Clifford (1986), Crapanzano (1986) e Caiafa (2007), procuramos levar as preocupações do campo também para a fase de escritura do texto. Segundo Caiafa (2007), é preciso passar a multiplicidade do campo para a multiplicidade da escrita. O fazer etnográfico, advoga Clifford (1986), é um trabalho artesanal, amarrado à escritura. Ao

contrário da mera descrição dos eventos, acompanhado de modelos interpretativistas, sugere-se que o etnógrafo, agora como escritor, busque um diálogo com o campo.

A noção de que as culturas são “textos” a serem interpretadas pelos etnógrafos confere a ele uma enorme autoridade como decifrador e hipertrofia sua presença no texto etnográfico. Os acontecimentos do campo e as outras vozes tendem a recuar no texto em prol das convicções do escritor e de sua retórica. [...] Eles [os novos experimentos que se colocaram contra esse esquema] tentam trazer, por vezes materialmente, e de diversas formas, as palavras de outros presentes na experiência de campo até o texto etnográfico. Há uma valorização do momento do campo [...]. (CAIAFA, 2007: 158-159)

Crapanzano (1986) problematiza o trabalho do etnógrafo evocando o dilema de Hermes, deus grego da comunicação. Hermes fora incumbido do trabalho de ser o mensageiro dos deuses e por tal prometera jamais mentir. Todavia, sendo ele o mestre dos discursos, buscara maneiras de dizer apenas o que lhe era conveniente, utilizando a retórica para conduzir a seus interesses. Segundo o autor, o etnógrafo também compartilha desse dilema. Pode ele se utilizar de tal estratégia (às vezes de modo consciente, outras vezes, não) para preencher as “lacunas” dos problemas de pesquisa. Deve-se, adverte o autor, evitar esse procedimento, assumindo a participação do etnógrafo como uma experiência, um ponto de vista. Assim, abandona-se tanto a autoridade do pesquisador quanto as constantes evocações dos sujeitos – não mais entendidos como “nativos”, mas como *interlocutores* da pesquisa. Se já no campo procura-se uma “simpatia” em seus agenciamento, na fase textual almeja-se, uma “polifonia radical” (CAIAFA, 2007), de modo que tanto o pesquisador quanto os interlocutores estejam audíveis no tecido textual. Logo, buscamos apresentar, no texto, os relatos da heterogeneidade de transeuntes envolvidos na pesquisa. Nossa voz navega por esses relatos, acompanhando-os. Isto não significa que os interlocutores protagonizem o texto. Ao contrário, colocamo-nos no nível de diálogo, em constante contato com nossa própria experiência e teorização.

Para fins de estruturação, organizamos o trabalho em três capítulos. No primeiro deles apresentamos alguns apontamentos sobre questões urbanas. Primeiramente, propomos olhar a cidade como um movimento. Trata-se de uma *dinâmica das transformações urbanas*, uma característica presente no cerne das urbes que nos permite observá-la como um fenômeno em

constante mutação. A discussão se apoia principalmente no texto do historiador estadunidense Lewis Mumford (1936; 1961). O autor propôs algumas teorizações acerca das transformações citadinas. Segundo ele, as mudanças nas urbes não ficam restritas à discussão arquitetônica-urbanística. Ela somente é insuficiente para abranger as dinâmicas das transformações das cidades. É preciso acrescentar ao debate as transformações à luz de “práticas sociais” (CERTEAU, 1994), isto é, em nível de uma cultura urbana.

Em seguida, damos início à discussão que melhor alicerça o trabalho: a produção de subjetividade na cidade. Eis o momento de apresentarmos o debate teórico deleuze-guattariano sobre o “agenciamento” e suas implicações na metrópole. Damos continuidade ao texto observando como a cidade moderna – a metrópole do século XIX e começo do século XX – possibilitou atuar a favor de um “gênero de subjetividade” (GUATTARI, 1992) produtivo e criativo. Esse fenômeno se dá, principalmente, em espaços públicos coletivos. Todavia, já a partir da primeira metade do século XX, o urbanismo vê florescer uma nova forma de cidade que, ao contrário dos alicerces modernos, baseia-se na busca pela comunidade, na fuga do coletivo, na valorização dos espaços privatizados e homogêneos. Por atuar contra a cidade, chamamos esse regime de “anticidade” (CAIAFA, 2007). Autores como Deleuze (2010) e Sennett (2002; 2011), além dos já citados a respeito desse capítulo, compõem a cena teórica da discussão.

Concluindo o capítulo, buscamos nossa atenção em alguns pontos acerca da urbanização fortalezense, em particular no que tange ao Centro. Observamos dois importantes períodos. O primeiro, referente ao período que vai do século XIX ao começo do século XX, foi o momento em que o Centro, ambicionando ares modernos, registrou mudanças importantes a favor da produção de espaços coletivos. Entretanto, já a partir da terceira década do século XX, observamos, na região leste da cidade, o alvorecer de uma nova cultura urbana contrária.

Essa cultura, acreditamos, poderia ser vista como um produto da transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle (DELEUZE, 2010). Ressaltamos a figura do *shopping center* (no caso, o *Shopping Center Um*), como um dos agentes de uma nova forma de sociabilidade citadina. Diversos autores da história de Fortaleza compõem este

diálogo: Matos e Vasconcelos (2011); Oliveira (2009); Dantas, Silva e Costa (2009); Ponte (2001) e Jucá (2003; 2004).

No capítulo seguinte, apresentamos detalhes e dados de nossa experiência etnográfica. Por meio de um trajeto, produzimos um texto que visa a descrever partes importantes da experiência transeunte no Centro de Fortaleza. Os transeuntes abordados ao longo do período em campo são constantemente chamados a participar do texto. Assim, a experiência dos demais se combina com a minha, montando um espaço dialógico.

Ao final do capítulo, em uma seção particular que chamamos de Post Scriptum, abordaremos algumas opiniões a respeito do Centro diferente daquelas produzidas no interior da região central. Isto é, são os constantes relatos feitos de fora do Centro, mas que dizem respeito a ele. São, em especial, as notícias que, conforme veremos, exploram o Centro a partir de instituições patronais, de categorias cristalizadoras e identidades.

No capítulo seguinte, o último deste trabalho, abordaremos um ensaio do sociólogo americano Louis Wirth (1973). Nele, o autor argumenta que a comunicação nos espaços públicos das grandes cidades tende a ser “elementar”. A partir de algumas intervenções de certos autores e dos dados que colhemos em campo, apresentaremos dados contrários, considerando o Centro como um espaço onde a comunicação pode tornar-se mais criativa. É esse contexto que nos possibilitará explorar textos sobre “comunicação da diferença” (CAIAFA, 2004) e “outrem” (DELEUZE, 2011).

No momento seguinte, investigaremos o trabalho do antropólogo italiano Massimo Canevacci (1993) com o objetivo de explorar o conceito de “cidade polifônia” que ele aborda, relacionando-o com as práticas comunicativas no Centro de Fortaleza. Aqui, mais uma vez, chamaremos nossos interlocutores para contribuir em nossa discussão. Será nesse momento onde abordaremos algumas das muitas práticas comunicativas que existem na região central.

Por fim, o trabalho é conduzido a pensar o Centro de Fortaleza como um agenciamento, um território heterogêneo e instável que pode ser levado a zonas incertas. Mais uma vez, exploraremos falas de transeuntes que demonstrem essas fugas, essas desterritorializações como partes integrantes do agenciamento.

# 1 QUESTÕES URBANAS

De repente, o homem desaviado se apercebe do que lhe era, até então, insuspeitado. E vê que está deslocado, em meio à paisagem, aquela paisagem que foi a sua grande companheira de infância.

É que, enquanto o homem cresce para envelhecer, as cidades crescem para remoçar e – o que em parte dói – para mudar de fisionomia, de costumes, de modos de ser...

Otacílio Colares (1980: 30)

## 1.1 A dinâmica das transformações urbanas

Em determinado trecho do livro “As cidades invisíveis”, de Italo Calvino (2011), o viajante veneziano Marco Polo descreve a cidade de Tecla ao imperador mongol Kublai Khan. Para o viajante, a urbe é escondida por detrás de tapumes e andaimes, imersa em constantes transformações. “Qual o sentido de tanta construção?”, indaga-se. A resposta também vem como pergunta: “qual seria o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade?” (CALVINO, 2011: 117). A cidade é um corpo sempre inacabado, em constante atualização. Ela não apenas se transforma como também não perde nunca essa capacidade. Desenvolve-se e modifica-se de modo a garantir sua vivacidade. Mesmo que nos pareça dura como concreto, e sempre igual, ela movimenta-se como em uma dança cujos passos não foram plenamente ensaiados. À revelia daqueles que a pensam parada, a cidade baila por terrenos imprevisíveis. Quando a observarmos à distância, como espectadores de histórias citadinas, percebemos que a *dinâmica das transformações urbanas* pulsa no cerne da urbe: da cidade antiga à cidade medieval; da cidade absolutista ao aparecimento das indústrias; da cidade moderna à era dos *shopping centers*...

Mesmo em urbes de fundação recente, como no caso das cidades brasileiras, florescidas durante a Modernidade, encontramos esse constante movimento de renovação. A pequena vila de Fortaleza, por exemplo, que se formou ao redor das ruínas do *Forte Schoonenboch* no século XVIII, apresentava toda sua pequena estrutura e vida urbana relacionada à fortificação. No século seguinte, em 1812, todavia, com o início de seus primeiros investimentos em urbanização, a cidade desenvolveu-se em torno de sua recém inaugurada alfândega. Aos poucos, o forte tornava-se um equipamento urbano sem grande importância para Fortaleza e sequer ostentava o prestígio de outrora. O *modelo de cidade* que visava à defesa, à guarda do território contra os ataques estrangeiros, já não era mais condizente. Foi justamente o comércio exterior que impulsionou um novo *modelo de cidade* que, ironicamente, transformava a urbe em uma porta de entrada e saída para outras nações.

Por meio do exemplo, é possível perceber que há uma relação entre o grau de protagonismo das instituições e o modelo urbanístico vigente. Foi o historiador americano Lewis Mumford (1936) quem observou isso. Segundo sugere o autor de “The culture of cities”, as instituições urbanas podem ser classificadas a partir de seus respectivos estados de influência na vida cidadina. Podendo elas serem, portanto, classificadas como “dominante” (*dominant*), “recessiva” (*recessive*), “em mutação” (*mutation*) ou “sobrevivente” (*survival*). Estas categorias são explicadas a partir do seguinte exemplo:

In Rome before Constantine the Cristian Church was a *mutation*: within the city one would scarcely be aware of its presence: living in crypts and catacombs on the outskirts, it hid even its physical presence. In medieval city the Church was a *dominant*: no part of life could fail to record its existence and its influence. In the great seventeenth century capitals, the Church had become a *recessive*: still an imposing visible present, but no longer a unifying and dynamics social force. In the metropolis today the Church is a *survival*: its powers rests upon numbers, wealth, material organization, not upon its capacity to give its stamp to the daily activities of men: it claims much, but except by repetition and rote, it contributes little to the active spiritual life of the city.<sup>3</sup> (MUMFORD, 1936: 74, grifo nosso)

---

<sup>3</sup> Em tradução nossa: “em Roma, antes de Constantino, a Igreja Cristã era uma *mutação*: na cidade, alguém dificilmente estaria a par da sua existência: em meio a criptas e catacumbas nas periferias da urbe, ela escondeu até mesmo sua presença física. Na cidade medieval, a Igreja era *dominante*: nenhuma parte da vida poderia deixar de registrar sua presença e sua influência. Nas grandes capitais do século XIX, a Igreja tornou-se *recessiva*: continuava visivelmente presente, mas não era mais uma força social unificante e dinâmica. Na metrópole contemporânea, a Igreja é uma *sobrevivente*: seu poder resta sobre números, riqueza, organização

No exemplo, a Igreja viu sua hegemonia ameaçada diante de uma nova cultura urbana ensejada a partir de um novo regime citadino. Para Mumford (1936), esses regimes correspondem a “eras”, estas delimitadas a partir do estado de suas instituições. Mesmo a Alfândega de Fortaleza, que tanto transformara a vida na jovem capital cearense, também viu seus dias de dominação findados. Hoje, seu prédio encontra-se abandonado e o trapiche (seguido posteriormente do porto) que ali havia foi desativado<sup>4</sup>.

Vejamos outra situação: no plano urbanístico da cidade medieval, afirma o historiador francês Jacques Le Goff (1998: 90), destacava-se a presença de “ruelas sombrias, estreitas e sujas” que eram constantemente comparadas ao inferno. Elas terminavam, todavia, em praças que, ainda segundo o autor, seriam o paraíso. A praça era o local onde se encontrava a Igreja, a principal “instituição dominante” (MUMFORD, 1936) da Idade Média. Ao contrário do que acontecia nos modelos urbanísticos da Antiguidade, em que os espaços públicos coletivos eram usados como fóruns de discussão entre os cidadãos; sob o regime medieval, “apaga-se esse hábito de discutir em conjunto os negócios da cidade ou os negócios privados” (LE GOFF, 1998: 10). Quando necessário, as reuniões aconteciam dentro dos espaços fechados, nos átrios das igrejas.

Com este outro exemplo, percebemos que uma mudança na cidade, conforme defende o sociólogo Robert Ezra Park (1967 *apud* HARVEY, 2009), pressupõe uma mudança no próprio homem. Afinal, as transformações de um “modelo” para outro não se limitam apenas ao aspecto físico das urbes. Elas se dão tanto no nível material, no espaço arquitetônico-urbanístico, como no “espírito citadino”, nas “práticas sociais”<sup>5</sup> (CERTEAU, 1994), em suas

---

material; não mais sob sua capacidade de deixar sua marca nas atividades diárias do homem: ela reivindica muito, mas exceto por repetição e hábito, pouco contribui para a ativa vida espiritual da cidade”.

<sup>4</sup> Na reta final deste trabalho, o prédio da antiga Alfândega foi transformado em um espaço cultural mantido pela Caixa Econômica Federal.

<sup>5</sup> Michel de Certeau (1994) apresenta-nos dois importantes conceitos para problematizar as questões urbanas: lugar e espaço. O lugar, para o autor, é a ordem pretendida pelos gestores públicos, consolidado por meio da matéria bruta que o concretiza. Lugar, enquanto conceito, indica certa estabilidade. O espaço, por sua vez, é instável. Ele é o “efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidade contratuais. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1994: 202). Há, portanto, duas cidades à vista: aquela que fora “instaurada pelos discursos utópicos e urbanísticos” (CERTEAU, 1994: 172) e aquela experimentada no dia a dia, nas “práticas sociais”.

formas de sociabilidade. Em outras palavras, do ponto de vista antropológico, as sociedades envolvidas também são transformadas.

É importante salientar que essas transições não ocorrem de um período para outro de modo linear e homogêneo, como um corte abrupto que resulta em uma época absolutamente nova, sem influência alguma do regime anterior. Mesmo em casos particulares, como a transição da cidade antiga para a cidade medieval<sup>6</sup>, há, certamente, elementos do período anterior que continuam a existir. Segundo o próprio Mumford (1936), as instituições humanas não simplesmente desaparecem, elas deixam seus rastros muito depois que as sociedades que as sustentaram não mais existam. O sociólogo americano Louis Wirth (1973) também advoga nesse sentido ao observar que “em maior ou menor escala [...] a nossa vida social tem a marca de uma sociedade anterior” (WIRTH, 1973: 92).

Foquemos, por enquanto, no início da modernidade. A partir do século XV, as cidades e as formas de sociabilidade da época registraram mudanças importantes, pois o alvorecer do capitalismo na Europa marcou novas transformações. Tratava-se do aparecimento da cidade barroca ou a “era das cidades absolutistas”, como também nomeia Mumford (1936: 75). Foi nesse período, no auge do absolutismo monárquico europeu, que algumas características citadinas se cristalizaram ecoando mesmo nas cidades contemporâneas. A principal dessas características foi a consolidação das capitais, fenômeno que teve origem a partir do início do século XVI. Tal forma de centralização da autoridade político-econômica trouxe, entre outras consequências, o inchamento populacional de tais urbes, especialmente se comparado ao da maioria das demais cidades<sup>7</sup>. Paris, por exemplo, já uma grande cidade em 1801, apresentava

---

<sup>6</sup> A desarticulação do Império Romano no Ocidente e no Oriente, aliado às prosseguidas invasões bárbaras marca o início do que se convencionou chamar de Idade Média. A particularidade do caso se dá, segundo Le Goff (1998), pela constatação de que as cidades, nesse período, marcam antes um recomeço do que uma continuação do regime antigo. Ainda segundo o autor, ao contrário do que diriam os renascentistas, a vida urbana moderna está mais próxima, a rigor, da vida medieval, do que daquela da Antiguidade.

<sup>7</sup> Foi na Modernidade que as cidades (as capitais, especialmente) obtiveram seus maiores índices de crescimento demográfico. Contudo, apesar da intensidade maior, a “função magnética” das cidades não é uma característica exclusiva da cidade moderna. Segundo Mumford (1961: 9): “[...] thus even before the city is a place of fixed residence, it begins as a meeting place to which people periodically return: the magnet comes before the container, and this ability to attract non-resident to it for intercourse and spiritual stimulus no less than trade remains one of the essential criteria of the city, a witness of its inherent dynamism, as opposed to the more fixed and indrawn form of the village, hostile to the outsider”. Em tradução nossa: “[...] mesmo antes da cidade ser um lugar de residência fixa, ela começou como um lugar de encontro que se retorna periodicamente: o magnetismo vem antes do *container*, e essa habilidade de atrair não-residentes para si por intercurso e estímulo espiritual não

cerca de 547 mil habitantes. Quase um século depois, em 1896, esse número cresceu para mais de 2,536 milhões (SENETT, 2002: 131).

Do ponto de vista político, a corte, já não mais a Igreja, tornou-se o centro das cidades. As ruelas deram espaço às grandes avenidas, primeiramente chamadas de “ruas militares” – “viae militares, or military streets” (MUMFORD, 1936: 95). Foi durante esse período que se popularizou o uso de veículos como as carruagens entre as classes mais elevadas. Enquanto nas cidades medievais todas as classes se encontravam em convivência direta nas ruas, mercados e mesmo nas igrejas, o regime absolutista consolidou o costume que, resguardado às devidas relações, perdura até hoje nas metrópoles contemporâneas: “the rich drive: the poor walk. The rich roll along the axis of the grand avenue: the poor are off-center, in the gutter: and eventually a special strip is provided for the ordinary pedestrian, the sidewalk”<sup>8</sup> (MUMFORD, 1936: 97).

A nova invenção, a avenida, conforme lembrado por Mumford (1936), serve-nos como mais um exemplo para que observemos a existência de relação entre o espaço urbano e as formas de sociabilidade, questão que voltamos a enfatizar aqui. Conforme afirma-nos o filósofo francês Félix Guattari (1992: 157): “quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo...”. Assim, nossa experiência urbana está diretamente relacionada aos elementos citadinos. Da mesma forma, o concreto dos prédios e o asfalto das ruas tornam-se incompletos ao serem deslocados das “práticas sociais” (CERTEAU, 1994).

Creemos que seja possível apontar com os exemplos e conceitos apresentados que, historicamente, na dinâmica das cidades, transforma-se as urbes e também as pessoas. Tais mudanças deixam rastros ao longo de outros períodos, e que podem nos servir como trilhas a nos conduzirem às culturas urbanas de antigamente (MUMFORD, 1961). Além disso, as referências nos possibilitam pensar sobre as transformações ocorridas hoje, e também refletir

---

maior que a troca, mantém um dos critérios essenciais da cidade, a testemunha de seu próprio dinamismo, como oposto ao modelo fixo e intimista da vila, hostil aos estrangeiros”.

<sup>8</sup> Em tradução nossa: “o rico dirige, o pobre anda. O rico segue ao longo do eixo da grande avenida: o pobre é periférico, segue na sarjeta: e, eventualmente, uma faixa especial é providenciada ao pedestre comum: a calçada”.

sobre que cidade poderemos deixar como legado. Tendo tais apontamentos em destaque, vejamos o contexto da metrópole contemporânea, em especial no *lócus* deste trabalho, que é a cidade de Fortaleza. Nela, observamos a presença de dois importantes modelos em constante tensão: a cidade moderna e sua rival, a cidade privatizada.

## 1.2 Produção de subjetividade na cidade

Apontamos em um momento anterior, por meio de uma citação de Guattari (1992), que o espaço construído interpela os sujeitos de diferentes maneiras. Vimos, até então, que há uma relação entre ambos, mas ainda não foi plenamente explicado de que forma o espaço teria capacidade de impor qualquer interpelação ao nível da subjetividade. Não se trata apenas de uma mera relação de influência ambiental em que o espaço influencia as formas de sociabilidade. A relação é, conforme afirma Virgínia Kastrup (1996 *apud* CAIAFA, 2000: 65), “muito mais radical”.

Primeiramente, seria sensato problematizar a questão a partir do conceito de “máquina desejante” proposto em algumas obras de Deleuze e Guattari. Logo nas primeiras páginas de “O anti-Édipo”, os autores afirmam que “há tão somente máquinas em toda parte” (DELEUZE; GUATTARI, 2010: 11-16). Essa grande quantidade de máquinas induz-nos a pensar a respeito da relação que elas mantêm entre si, acoplando-se umas às outras, continuamente. Tal visualização nos permite aprofundar nossos estudos urbanos, conduzindo-os a outro nível. Pensemos em prédios, árvores, passantes, ruas... Tudo é máquina e tudo se acopla. Em um exemplo dado por Deleuze e Guattari, o seio que produz o leite é uma máquina-fonte acoplada à boca, a máquina-órgão. Os elementos da cidade também são máquinas acopladas a outras máquinas. Mesmo os seres humanos não poderiam ser vistos como uma máquina só. Nós somos (e tudo mais é) uma multiplicidade em pleno funcionamento. Somos “bricoleurs” de várias máquinas, afirmam os autores (DELEUZE; GUATTARI, 2010: 11).

François Zourabichvili (2004) observa que, em obras posteriores, esses autores abrem mão do conceito de “máquinas desejantes” em favor do conceito de “agenciamento”, pois

conforme Deleuze afirma a Claire Parnet: “só há desejo agenciado ou maquinado. Vocês não podem apreender ou conceber um desejo fora de um agenciamento determinado, sobre um plano que não preexiste, mas deve ser ele próprio construído” (DELEUZE *apud* ZOURABICHVILI, 2004: 10).

O conceito de agenciamento apresentado em “Mil Platôs” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) propõe uma “territorialidade”. Esta não deve ser compreendida em um sentido geográfico, pois ela excede tanto o organismo quanto o ambiente. O território deve ser apontado a partir de “fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’” (DELEUZE; GUATTARI, 1997: 218-220). Janice Caiafa (2000: 62) expõe o conceito como “*conexões ou arranjos concretos de elementos heterogêneos* (de linguagem, de poder, formas sociais etc.) que se inscrevem e se *estabilizam* num meio, mas que mergulham numa zona incerta que os pode *desestabilizar*” (grifo nosso).

Tais “conexões ou arranjos concretos de elementos heterogêneos” de que nos fala a autora podem ser separados em duas formalizações em constante e simultânea relação: um lado dos “conteúdos” e outro das “expressões”. Estes são “agenciamentos coletivos de enunciação”, estão no domínio das transformações incorpóreas<sup>9</sup>, de um sistema semiótico, dos enunciados (palavras de ordem). Enquanto que aqueles são “agenciamentos maquínicos”, compõem o campo das ações e paixões, de um sistema pragmático, da mistura de corpos (DELEUZE; GUATTARI, 1995; DELEUZE; GUATTARI, 1997). Os principais erros, apontam os autores, estão em crer que um determina o outro por ação causal ou que haja suficiência da expressão como sistema linguístico. Ambos os lados são independentes, mas estão em constante diálogo. As expressões não representam os conteúdos, pois “estes já têm suas qualidades próprias, suas ações e suas paixões, suas almas, em suma, suas formas, que são, elas mesmas, corpos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 27). No entanto, cada estrato insere-se no outro, intervém não para representar, “mas para antecipá-los, retrocedê-los,

---

<sup>9</sup> A “transformação incorpórea” é instantânea e simultânea ao enunciado que a exprimiu e ao efeito que ela mesma produziu. Os autores afirmam que é por tal motivo que as palavras de ordem são datadas, localizadas e específicas. A transformação incorpórea, mesmo sendo encontrada no domínio semiótico – na expressão, produz um efeito, “expressa um atributo não-corpóreo dos corpos”. Cf. Deleuze e Guattari (1995: 18-20).

retardá-los ou precipitá-los, destacá-los ou reuni-los, recortá-los de um outro modo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 27).

Ainda com base na formulação de Caiafa (2000: 62), vimos que as “conexões ou arranjos concretos de elementos heterogêneos” se estabilizam em uma ponta e se desestabilizam em outra. Trata-se de outro eixo perpendicular aos polos dos estratos de conteúdo e de expressão. Isso porque a intervenção de um estrato no outro, no quadro das “pressuposições recíprocas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995), só pode ocorrer por meio de movimentos de desterritorialização. Assim, pressupõe-se uma dinâmica no agenciamento que começa em zonas firmes e coesas, os estratos, mas que nunca deixam de encontrar um escape, uma “linha de fuga”. Em outras palavras, nesse novo eixo, um de seus lados são “territoriais ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, picos de desterritorialização [linhas de fuga] que o arrebatam” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 219).

As consequências imediatas para as linhas de fuga, afirmam os autores, podem ser:

Algumas abrem o agenciamento territorial a outros agenciamentos, e o fazem passar nesses outros [...]. Outras trabalham diretamente a territorialidade do agenciamento, e o abrem para uma terra excêntrica, imemorial ou por vir [...]. Outras, enfim, abrem esses agenciamentos para máquinas abstratas e cósmicas que estes efetuam. (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 219-220)

O debate filosófico para compreender os “agenciamentos” é denso e longo. Mas já nos basta esses primeiros passos para perceber que as máquinas se relacionam, antes de tudo, a processos subjetivos. Para Guattari (1992: 19), a subjetividade pode ser entendida como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. Sobre o conceito, Caiafa complementa:

são componentes heterogêneos, internos e externos, em constantes processualidades – a subjetividade não é nunca um produto, mas produção. Assim, podemos dizer que os processos sociais e materiais nas cidades podem nos afetar diretamente, produzir desejo, compor a sintagmática subjetiva. (CAIAFA, 2007: 120)

Mumford, segundo Guattari (1992: 160), qualificou as cidades como “megamáquinas”. O autor de “Caosmose”, todavia, propõe levar o conceito a uma dimensão muito além de seus aspectos técnicos. Conforme o leitor já deve ter percebido, e segundo a indicação que demos no começo deste texto, todos os elementos citadinos ou, conforme escreve Guattari, “as engrenagens urbanísticas e arquiteturas”, são máquinas desejanças, agenciamentos produtores de subjetividade individual e coletiva. “A cidade, a rua, o prédio, a porta, o corredor... modelizam, cada um por sua parte e em composições globais, focos de subjetivação” (GUATTARI, 1992: 161). É por isso que a afirmação de Guattari – em que o espaço interpela o sujeito – não pode ser vista sob um viés meramente ambiental. Há uma relação mais intensa entre o ambiente e o indivíduo a partir desse campo filosófico. A rigor, não há nem o meio nem os indivíduos, mas subjetivações que se encontram, “acoplam-se”, “agenciam-se”. As máquinas enunciadoras das construções “também produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação” (GUATTARI, 1992: 158).

Cada um desses equipamentos materiais opera, conforme Guattari (1992: 158), como “máquinas de sentido e de sensação”, isto é, como “máquinas portadoras de universais incorporais que [...] podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva”<sup>10</sup>. É por este motivo que o autor afirma que os arquitetos e urbanistas devem tomar consciência da importância ético-estética de seu trabalho ao “assumir uma posição [...] em relação ao *gênero de subjetividade* que ajudam a engendrar” (GUATTARI, 1992: 163, grifo nosso).

Os diversos regimes urbanísticos que observamos não garantem um ou outro “gênero de subjetividade” específico. As características urbanísticas servem apenas como potencializadoras, isto é, possibilitam o florescimento de um tipo de subjetividade. A seguir, veremos as possibilidades de produção de subjetividade em dois importantes modelos em plena tensão na metrópole contemporânea.

---

<sup>10</sup> O “esmagamento uniformizador” de que nos fala Guattari (1992: 158) diz respeito a uma produção de subjetividade pouco criativa, onde não há (ou quase não há) heterogeneidade. Assim, é possível, segundo atesta o autor, que o espaço trabalhe a favor da “miséria de subjetividade capitalística”. A miséria subjetiva, e não a econômica é a pior das consequências da perversidade do capitalismo. Mas essa não se reduz apenas a esse sistema de produção. Caiafa (CAIAFA, 2000: 65-66) observa que “os regimes socialistas autoritários do Leste também souberam produzir sua miséria subjetiva”.

### 1.2.1 O modelo de cidade moderna

David Harvey (2009) afirma que o principal problema da crise da França em meados do século XIX dizia respeito ao acúmulo de capital excedente, o que levou a burguesia a ascender Napoleão Bonaparte ao poder. O mesmo autoproclamou-se imperador em 1852. A fim de lidar com a crise, o governante desenvolveu grandes investimentos infraestruturais que visavam à circulação do capital excedente e à criação de mão de obra. No âmbito exterior, ainda segundo Harvey, isso significou a montagem de uma larga rede ferroviária por toda a Europa e o apoio a grandes construções como o Canal de Suez. Internamente, obras que ligavam as cidades também foram incentivadas. Contudo, foi na capital francesa que os maiores investimentos foram realizados.

Napoleão convidou Georges-Eugène Haussmann para ocupar o cargo de prefeito de Paris e conduzir a maior das urbanizações francesas. A reestruturação foi um marco na consagração da capital da França como o exemplo de metrópole moderna<sup>11</sup>, algo que já se prenunciava a partir do barroco<sup>12</sup>. Haussmann tornou-se conhecido por suas grandes transformações no espaço público. Para materializar seus planos foram realizadas grandes demolições que o levaram a ser conhecido como “o artista demolidor”. Harvey cita um exemplo bastante icônico da grandeza das ambições urbanísticas do prefeito: quando o arquiteto Hittorf apresentou seus projetos para um novo *boulevard*, Haussmann retornou dizendo: “não é amplo o suficiente... você o tem em 40 metros de largura e eu o quero em 120” (HARVEY, 2009: 10). A utilização de investimentos urbanísticos como forma de lidar com o capital excedente funcionou bem por cerca de quinze anos, afirma o autor, até entrar em declínio, reavivando a crise. Isso porque “o problema [...] não se extingue sob o capitalismo, ele tem apenas soluções temporárias, mas com grandes impactos irreversíveis

---

<sup>11</sup> Vale lembrar aqui o título de um importante ensaio de Benjamin (1940 *apud* DIDI-HUBERMAN, 2011): “*Paris: capitale du XIXe siècle*” (em tradução nossa: “Paris: capital do século XIX”).

<sup>12</sup> As transformações de Haussmann fazem eco às grandes avenidas dos primeiros séculos da Idade Moderna, durante o período de transição da cidade medieval para a cidade barroca. Afirma Mumford (1936: 96): “[...] it is no wonder that military traffic was the determining factor in the new city plan, from the first mutation in Alberti to the final survival in the laying down of Haussmann’s Boulevards in Paris”. Em tradução nossa: “[...] não é de se admirar que o trânsito militar [as *military streets*] foi o fator determinante no novo plano urbanístico, desde sua primeira mutação com Alberti, à sua última sobrevivência na consolidação dos *boulevards* de Haussmann em Paris”.

sobre a vida urbana (os *boulevards* de Haussmann dominam Paris até hoje)” (HARVEY, 2009: 11).

O principal impacto, conforme afirmamos anteriormente, foi a mais radical transformação urbana presenciada em Paris. Uma mudança que não poderia ser, de acordo com o que nos mostrou a discussão sobre a dinâmica das transformações urbanas, restrita às construções. Seria incompleto observar a cidade moderna apenas por meio de suas características físicas, é necessário levar a questão ao domínio da cultura.

De acordo com o filósofo alemão Walter Benjamin (1994: 186), certa vez, um dramaturgo austríaco chamado Hoffmannstahl descreveu a Paris moderna como uma “paisagem construída puramente de vida”. A citação nos faz pensar sobre esses elementos não arquitetônico-urbanísticos, visíveis apenas na experiência do cotidiano citadino. Eles são, antes de tudo, experimentados nas ruas, nas “práticas sociais” a que nos remeteu Certeau (1994). No caso parisiense, acontecimentos como a ascensão da burguesia ao poder, a grande densidade de pessoas e as transformações urbanas de Haussmann estão profundamente relacionados com uma nova e pujante cultura urbana que se dedicava, principalmente, à ocupação coletiva dos espaços públicos (no caso de Paris, ocupava-se, especialmente, os parques, os *boulevards*, as ruas e as galerias<sup>13</sup>). Eis a principal característica do modelo de cidade moderna para além do urbanismo.

Todavia, muitos foram os que viram efeitos nocivos nessa nova cultura urbana. Segundo o historiador americano Richard Sennett (2002), as reais intenções do modelo de Haussmann se consistiam em torno de uma homogeneização. Um efeito cuja consequência para as urbes seria a impessoalidade, um produto do capitalismo industrial. Em um de seus textos mais conhecidos, “A metrópole e a vida mental”, o sociólogo alemão Georg Simmel (1973) afirma que a grande cidade criou condições psicológicas específicas que viriam a gerar um tipo particular de indivíduo, um “tipo metropolitano”. Este, por sua vez, difere completamente daquele presente na pequena cidade. Segundo o autor, a metrópole é

---

<sup>13</sup> As galerias eram, segundo um livro ilustrado de Paris em 1852, “caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore, através de blocos de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações. De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como uma cidade, um mundo em miniatura” (BENJAMIN, 1994: 35).

responsável por uma grande quantidade de estímulos que, se fossem internalizados, levariam o sujeito a uma “impensável condição mental”. Para defender-se, o “tipo metropolitano” teve que desenvolver certa atitude *blasé*, isto é, um constante estado de reserva. A grande cidade, para Simmel, caracteriza-se, então, pela independência dos indivíduos que se preservam dos estímulos externos por meio de um rigoroso arranjo de barreiras psicológicas.

Sobre a vida moderna, Benjamin (1993: 119) afirma que “ficamos pobres. Abandonamos as peças do patrimônio humano para receber a moeda miúda do atual”. O autor se refere a uma nova forma de miséria engendrada a partir da modernidade. Diante da impossibilidade de uma “experiência tradicional”, encontramos a mera “vivência” do indivíduo. Constantemente, observa-se a ruína da experiência por meio da informação. O homem moderno, diante da informação fácil e acessível, não encontra espaço para essa experiência. Até mesmo o romance, segundo Benjamin compreende, tem suas bases na solidão do leitor, o que, conforme aponta, reforça a “vivência” em detrimento da “experiência”. Para o autor, não há mais troca verdadeira quando os indivíduos se atomizam, quando cada um cria o seu próprio núcleo. A personalidade moral, independente e autônoma que qualifica o sujeito representa a base da modernidade e a principal crítica do filósofo alemão.

Em determinados trechos, Benjamin (1994) observa que a multidão moderna abrigou o indivíduo. No romance policial, ela serve de esconderijo, asilo para o criminoso: “o conteúdo social primitivo do romance policial é a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande” (BENJAMIN, 1994: 41). Em Baudelaire, Benjamin enxerga a multidão como “o refúgio do amor que foge ao poeta” (BENJAMIN, 1994: 42). Adiante no texto, o autor alemão observa que o poeta francês “amava a solidão, mas a queria na multidão” (BENJAMIN, 1994: 47), uma citação que já prenuncia algumas características do transeunte no plano conceitual de Benjamin.

Para o filósofo alemão, eis o perfil do transeunte diante da multidão: a indiferença, seu quase que total desinteresse em relação à cidade. Seu destino nunca é a rua, esta é apenas uma condição passageira entre seus objetivos. Assim, o transeunte adapta-se a qualquer massa.

No ensaio, o autor também nos apresenta outro personagem da metrópole, talvez na esperança de destinar um fim menos apocalíptico à experiência moderna. Oriundo também dessa nova atmosfera urbana, a figura do *flâneur* é um indivíduo que, ao contrário dos demais passantes em constante estado de reserva, ostenta grande atividade mental criativa. Essa figura importante na obra benjaminiana destaca-se na multidão.

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo. (BENJAMIN, 1994: 35)

Sem as condições ideais, segundo o autor, o *flâneur* jamais existiria. Foram necessárias as reformas urbanísticas na Paris de meados do século XIX para que a *flânerie* florescesse. Se, antes de Haussmann, Paris era insalubre para este personagem, a nova cidade era um convite a uma “experiência” nas ruas marcada pela presença do outro. No texto de Benjamin, portanto, o *flâneur* e o transeunte se distinguem, e a relação criativa com a cidade está reservada ao primeiro.

Todavia, esse sentido atomizado dado aos indivíduos nas multidões confronta-se com a definição que buscamos. Em nosso trabalho, não aderimos a essa distinção entre as duas figuras benjaminianas. Não temos a intenção de fazer essa oposição. Usamos o termo *transeunte* simplesmente para caracterizar aqueles que se movem enquanto pedestres no espaço público, pois acreditamos que a própria movimentação na cidade pode possibilitar efeitos criativos. Nesse ato de mobilidade, o sujeito é colocado em exposição ao espaço da cidade, à heterogeneidade.

Sennett (2002) afirma que foi justamente a busca por quebrar os efeitos nocivos da cidade no começo do século XX que fizeram emergir alguns dos principais argumentos em defesa da atmosfera moderna. Esse ponto de vista otimista aponta as primeiras investidas de nossa aposta em esboçar uma experiência transeunte. Afinal, ao promover um rico “espaço de

trocas” (LE GOFF, 1998), o modelo de cidade moderna possibilitou, em grande escala, um intenso encontro com desconhecidos. Cada desconhecido na rua possui uma vida única que não poderia ser igual ao de qualquer outro passante na multidão. É essa exposição à heterogeneidade que possibilita uma espécie de *comunicação* característica dos meios urbanos heterogêneos.

A antropóloga Janice Caiafa (2007: 20) aponta algumas qualidades que acreditamos ser potencializadas nesse modelo urbanístico: a forte “densidade” aliada às possibilidades de “dispersão”, de “circulação” e de “acesso”. Como efeito, a autora observa que se gera uma experiência com a *alteridade*.

Nesse espaço coletivo se dá a mistura propriamente urbana e em alguma medida uma dessegregação, mesmo que sempre provisória e local. Cria-se um *espaço de contágio com outros e estranhos* onde há uma imprevisibilidade que o confinamento familiar não permite, onde há mesmo ou pode haver uma criatividade maior dos processos subjetivos. (CAIAFA, 2007: 20-21, grifo nosso).

Desta forma, segundo Caiafa (2007), a cidade poderia assumir-se, em contraste com os espaços onde se reina o previsível, o familiar, o conhecido, como um “espaço de exterioridade”, isto é, um espaço “feito de fora” em que é gerada uma heterogeneidade capaz de produzir “efeitos interessantes, dispersando as recorrências do familiar, provocando encontros, introduzindo o imprevisível na vida dos habitantes da cidade, evitando a repetição rotineira” (CAIAFA, 2007: 119-120). Em tal ambiente, possibilita-se o florescimento de um “gênero de subjetividade” (GUATTARI, 1992) que se afirma contra a miséria subjetiva. Em tais casos, os transeuntes deparam-se diante de arranjos subjetivos que constantemente lhe interpelam criativamente. Essa experiência coletiva e rica nesses processos é um fenômeno que Caiafa compreendeu como sendo uma “aventura própria das cidades”, isto é, uma “experiência expandida de outrem, a produção de um espaço feito de fora, um devir estrangeiro de todos, uma abertura subjetiva” (CAIAFA, 2007: 122). Ela só vingará, como explica a autora mais adiante, a partir da produção do coletivo: “garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferença, é condição fundamental para essa aventura”

(CAIAFA, 2007: 128). Diante do regime moderno de cidade, o transeunte tem essa experiência potencializada.

### *1.2.2 As novas facetas do capitalismo e o espaço urbano: a “antichidade”*

Richard Sennett (2011), assim como os demais membros da chamada Nova Esquerda, acreditava que o desmonte das disciplinas seria capaz de gerar comunidades:

relações pessoais diretas de confiança e solidariedade, relações constantemente negociadas e renovadas, um reino comunitário no qual as pessoas haveriam de tornar-se sensíveis às necessidades umas das outras. (SENNETT, 2011: 12)

Todavia, a história mostrou perversamente que as forças opressoras do capitalismo poderiam adaptar-se à ausência das disciplinas.

Foucault (*apud* DELEUZE, 2010) aponta o começo do século XX como o apogeu das sociedades disciplinares. Estas se caracterizam pelos grandes meios de confinamento, tendo a prisão como um modelo por excelência. Na narrativa disciplinar, o indivíduo não cessa de passar de uma instituição para outra: a família, a escola, a fábrica, o hospital e, eventualmente, a prisão. Estas instituições visam a “concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito seja superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 2010: 223). O que Foucault também argumenta é que essa forma de sociedade prenuncia o seu fim e testemunha o nascimento de uma nova lógica.

Deleuze ensaia, então, sobre as sociedades de controle. Nestas, predomina-se a continuação infinda das atividades, não mais uma após a outra, em uma lógica linear, mas uma ao lado da outra, em um constante deslizar pelas instituições. Assim, prenuncia-se o fim dos confinamentos: ao invés “das antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado”, “formas ultrarrápidas de controle ao ar livre” (DELEUZE, 2010: 224). O indivíduo (“assinatura”) e a massa (“matrícula”) dão lugar à “cifra” – isto é, uma senha – que impede ao mesmo tempo que permite o acesso às informações<sup>14</sup> (DELEUZE, 2010: 226). Nessas

---

<sup>14</sup> No âmbito das cidades, vale lembrar uma ilustração proposta por Guattari (DELEUZE, 2010). O filósofo “imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal” (DELEUZE, 2010: 229).

condições, “pode ser difícil perceber que se está sendo controlado e essa ilusão de liberdade é um componente fundamental pra o exercício do novo poder” (CAIAFA, 2011: 138). Enquanto que, nas sociedades disciplinares, a fábrica era a “instituição dominante” (nos termos de Mumford, 1936), nas sociedades de controle a empresa é que ostenta essa posição. A empresa tornou-se a “alma” das sociedades de controle e o *marketing*, seu “instrumento de controle social”, afirma Deleuze (2010: 228).

Em um ambiente tão peculiar como esse em que se desenvolvem as sociedades de controle, Sennett (2011) observa que o indivíduo só é capaz de prosperar ao enfrentar três desafios. O primeiro deles diz respeito ao tempo. O sujeito, diante de uma situação em que as relações se dão em curto prazo e sempre se migra de uma atividade para outra, pode ser obrigado a “improvisar uma narrativa” e mesmo “a se virar sem um sentimento constante de si mesmo” (SENNETT, 2011: 13). Já o segundo desafio diz respeito ao talento. Em uma sociedade em que tudo é exigido e descartado de tempos em tempos, uma constante atualização torna-se necessária. Dessa forma, incentiva-se a meritocracia<sup>15</sup>, de modo que as velhas formas de massificação, base de uma identidade que abraçava a todos como iguais (algo tão característico das sociedades disciplinares), tornaram-se elementos a serem superados por meio da constante competição. O terceiro e último desafio, segundo o autor, diz respeito a abrir mão do passado, visando sempre às atualizações. Trata-se de uma personalidade que mais se assemelha ao “consumidor ávido de novidades” do que ao “proprietário muito zeloso daquilo que já possui” (SENNETT, 2011: 14).

Da forma como colocamos, identificamos vínculos entre as sociedades de controle de Deleuze (2010) e as facetas de um “novo capitalismo” (SENNETT, 2011). Do ponto de vista cidadão, enseja-se não só uma nova forma de se relacionar com a sobrevivente urbanização moderna, como também a instauração de um novo modelo de cidade. Mas como tal transição

---

<sup>15</sup> No que tange às meritocracias, vale ressaltar um novo regime de salários incentivado pela nova lógica da instabilidade: enquanto que nas sociedades disciplinares, objetiva-se o máximo possível para a produção e o mínimo possível para os salários, em uma sociedade de controle, a “empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpétua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios”, afirma Deleuze (2010: 225).

de um modelo para outro está ocorrendo? E quais foram as soluções urbanísticas registradas nessa nova cultura urbana?

Para tal empreitada, retornemos ao auge da Modernidade, em especial, ao começo do século XX. Conforme já vimos, a cidade moderna desenvolveu-se entre os espaços públicos. Do ponto de vista urbanístico, grandes *boulevards*, galerias, praças e parques foram consolidados. Do ponto de vista da sociabilidade, produziu-se uma nova experiência urbana que potencializou a ocupação de tais territórios, o encontro de desconhecidos e a alteridade. Os efeitos negativos dessa sociedade foram alvos de muitos estudos, conforme também já vimos. Mas apesar das crescentes críticas, a perspectiva monumental de Haussmann, o artista demolidor, foi amplamente adotada em outras cidades europeias, além de influenciar outras tantas cidades no mundo<sup>16</sup>. Todavia, no plano de discussões teóricas do urbanismo, desde o final do século XIX com Camillo Sitte<sup>17</sup>, já se falava sobre os aspectos negativos do modelo de urbanização hegemônico à época. Argumentavam que:

[...] only when the scale and functions of urban life returned to the simplicities of the late medieval era would people find the kind of mutual support and direct contact with each other which makes the city a valuable environment.<sup>18</sup> (SENNETT, 2002: 294)

A busca pela “comunidade” ganhou ainda mais força alguns anos depois, já nas primeiras décadas do século XX. Falava-se em reconstruir os elos perdidos no modelo de cidade moderna por meio da exploração de identidades. Esse momento pode ser definido como a “celebração dos guetos” (SENNETT, 2002: 295). Sennett afirma que as barricadas (simbólicas e/ou físicas) construídas ao redor das comunidades, apesar de sua intenção primeira, provocaram efeitos nocivos que, conforme relacionamos, atingem principalmente os processos subjetivos.

---

<sup>16</sup> Um dos exemplos mais icônicos no Brasil foi, certamente, a urbanização do Rio de Janeiro materializada por Pereira Passos, no início do século XX.

<sup>17</sup> Camillo Sitte foi um arquiteto austríaco que analisou as cidades na história. Foi um dos principais críticos das cidades modernas no final do século XIX, em especial dos espaços monumentais de Haussmann.

<sup>18</sup> Em tradução nossa: “[...] somente quando a escala e as funções da vida urbana retornarem à simplicidade da antiga era medieval, é que as pessoas encontrarão o tipo de apoio mútuo e o contato direto que fazem da cidade um ambiente valoroso”.

[...] unfamiliar terrain serves a positive function in the life of the human being. The function it serves is to accustom the human being to take risks. Love of the ghetto, specially the middle-class ghetto, denies the person a chance to enrich his perceptions, his experience, and learn that most valuable of all human lessons, the ability to call the established condition of his life into question.<sup>19</sup> (SENNETT, 2002: 295)

O espaço coletivo e a multidão, em especial, opõem-se drasticamente a esse formato: “são antíteses”, declara Sennett (2002: 298). As possibilidades de encontro com a diferença, argumentadas a respeito da cidade moderna, mingam-se em ambientes guetificados.

Além dos guetos, há ainda outro vetor importante desse novo regime citadino: as privatizações. Caiafa (2007: 21-22) observa, utilizando um exemplo dos Estados Unidos, como “uma reorganização da comunicação e do universo do transporte vai ter um efeito bombástico sobre elas [as cidades]”. No caso dos transportes, ainda segundo a autora, o desenvolvimento da indústria automobilística impulsionou um intenso processo de suburbanização e, conseqüentemente, o esvaziamento dos centros urbanos. As atividades passaram então a se concentrar em “áreas despovoadas”, tendo “a figura do shopping center” como núcleo (CAIAFA, 2007).

A antropóloga também afirma que a televisão, por sua vez, foi outro agente importante nesse processo. Por também reter, ela colabora com o esvaziamento dos centros urbanos, não possibilitando a “mistura urbana” propriamente dita (CAIAFA, 2007: 22-23). O mesmo pode ser dito em relação às compras feitas pelo computador ou via telefone. Nos exemplos da autora, tanto o entretenimento como os serviços econômicos passaram a ser fornecidos longe dos centros urbanos, em núcleos dispersos onde, a rigor, “não existem mais cidades, mas conjuntos de áreas metropolitanas que reúnem subúrbios residenciais de baixíssima densidade demográfica” (CAIAFA, 2007: 22). Situação semelhante é aquela observada a partir do progressivo aumento de condomínios fechados, elementos que se tornaram uma realidade cada vez mais visível no contexto urbano brasileiro:

---

<sup>19</sup> Em tradução nossa: “[...] espaços não familiares servem positivamente na vida dos seres humanos. Essa função serve para habituar o indivíduo a correr riscos. O amor ao gueto, especialmente ao gueto da classe média, nega ao sujeito a possibilidade de enriquecer suas percepções, suas experiências, e aprender a mais valiosa das lições humanas, a habilidade de questionar o que já está estabelecido na vida”.

[...] a cidade de ruas abertas, com estratégias mais ou menos sutis de inclusão e exclusão, vem dando lugar a bairros fechados por muros e cercas eletrificadas, monitorados por câmeras e seguranças armados, onde cada vez mais membros de nossas camadas médias “urbanas” vêm escolhendo residir. (MOURA, 2003: 45)

Sennett (2002) observa que os arquitetos e urbanistas de hoje dificilmente promoveriam grandes mudanças no espaço citadino no nível das transformações experimentadas em Paris, na época de Haussmann. Assim, planejam-se pequenos projetos de cidades que, por reterem em comunidades, evitam uma “relação ativa” com o espaço urbano (CAIAFA, 2007).

Ricardo Freitas (2005), ao observar o bairro “Barra da Tijuca” no Rio de Janeiro, considera que os condomínios fechados funcionam como uma espécie de “ilha urbana”. Os habitantes dos condomínios tem a sua disposição uma variedade de opções de serviços que os tornam “independentes” do restante da cidade. Esse processo “valoriza a privacidade, o anonimato e a liberdade individual” (FREITAS, 2005: 27). Do ponto de vista dos estudos midiáticos, o autor observa que os jovens que moram em tais condomínios “só experimentam a cidade por intermédio de telas” (FREITAS: 2005: 24): a tela do computador, a televisão, o *outdoor* luminosos, etc. Enfim, trata-se não só de uma nova forma urbanístico-arquitetônica, mas de uma nova cultura urbana excêntrica à história das cidades.

A consequência imediata para a *cidade privatizada* é o que Sennett (2002) anuncia como o declínio dos espaços públicos. Podemos observar, por exemplo, o caso das praças. Esses espaços que funcionaram como ponto de encontro na cidade moderna tornaram-se meros “sobreviventes” (termo utilizado a partir de Mumford, 1936) contemporaneamente. Claudia Natenzon (1995) faz essa constatação a partir da observação de uma praça em Buenos Aires. Seguindo os rastros de Mumford, a autora observa, por meio de um exemplo estadunidense, que as praças e parques de certa cidade tornaram-se estacionamentos, “un desierto de asfalto, destinado a recibir y aguantar los automóviles”<sup>20</sup> (MUMFORD, 1969 *apud* NATENZON, 1995: 135). Mas o que faz uma praça perder sua relevância no contexto urbano? Segundo a autora, isso ocorre pela falta de reconhecimento de seu valor econômico.

---

<sup>20</sup> Em tradução nossa: “um deserto de asfalto, destinado a receber e a guardar automóveis”.

O caso de Natenzon (1995) é um exemplo de como a lógica da empresa, que antecipou Deleuze (2010) em relação às sociedades de controle, está presente nos novos regimes. Na cidade privatizada, os espaços precisam ser atrativos para negócios. Cada vez mais, nesse contexto, a produção de espaços coletivos se vê ameaçada pela privatização de todas as instâncias de vida.

Mas o que se perde na nova cultura urbana em relação à experiência anterior? A principal vítima é a alteridade, acredita Caiafa (2007: 25): “nesses espaços predominam o reconhecimento e a previsibilidade. São encontros previsíveis entre conhecidos e a rigor o coletivo não se produz”. A miséria de subjetividade é, então, acentuada em tais espaços. Pouco ou quase não se produz heterogeneidade. Conforme o referencial guattariano que já abordamos, essas cidades atuam a favor do “rolo compressor da subjetividade capitalística, [...] da unidimensionalidade, do equívoco generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade” (GUATTARI, 1992: 115). Os espaços guetificados e/ou privados controlam acessos e regulam aquilo que poderia ser espontâneo nos espaços públicos coletivos. Assim, proporcionam uma espécie de segregação, reagrupando de forma homogênea os diversos indivíduos, além de afetar a vida pública urbana. Conforme vimos a partir de Mumford (1961), a cidade, desde seus primórdios, estabeleceu-se antes como um espaço de encontro (sua função magnética), do que como um “container”. Todavia o novo modelo citadino atua, a rigor, conforme Sennett (2002) e Caiafa (2007), contra essa função de troca que marca a história das urbes. Trata-se, portanto, de uma forma de “*antacidade*” (CAIAFA, 2007). Nela, o container parece preceder o magnetismo urbano, e as relações de troca entre desconhecidos é inviabilizada ou minguada.

### **1.3 Fortaleza: cidade em construção**

Até agora, vimos como a dinâmica das transformações urbanas pulsa no cerne das urbes. Em seguida, analisamos dois modelos de cidade, buscando compreender tais regimes a partir da discussão sobre produção de subjetividade. É chegado, então, o momento de relacionar o referencial teórico utilizado com a pesquisa desenvolvida. Nosso objetivo é

continuar as discussões abordadas, concentrando-nos agora na cidade de Fortaleza, especialmente em sua região central.

Fortaleza é a quinta maior cidade brasileira. Seus 2,4 milhões de habitantes (IBGE, 2012) ocupam uma área de aproximadamente 313 km<sup>2</sup>. A razão entre sua grande população e sua pequena área nos permite observar que Fortaleza é a capital brasileira com a maior densidade demográfica, ou seja, 7.834 habitantes por km<sup>2</sup>. Sua densidade reflete problemas típicos de uma metrópole, em especial no que tange a sua estrutura, incapaz de abarcar um contingente tão grande. Politicamente, a cidade é dividida em sete secretarias regionais, órgãos do executivo municipal que descentralizam a atuação da prefeitura (vide Anexo A). As “Secretarias Executivas de Regionais” (SER) são SER I, SER II, SER III, SER IV, SER V, SER VI e SERCEFOP (Secretaria Executiva Regional do Centro de Fortaleza). Sócio-geograficamente, também poderíamos pensar a capital do Ceará segregada em duas regiões: uma mais rica a leste e outra pobre a oeste.

Estes dados referentes à cidade contemporânea refletem traços das transformações urbanas registradas ao longo de um pouco mais de dois séculos. A rigor, só poderíamos pensar Fortaleza como uma cidade a partir do final do século XVIII, em 1799. Antes disso, o Estado do Ceará fazia parte da Província de Pernambuco e a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção não apresentava grande prestígio em nível nacional, especialmente se comparada a outras cidades da costa brasileira, como Salvador, Recife ou Rio de Janeiro. Até mesmo dentro do estado, não exercia grande influência econômica, tendo cidades como Aracati e Icó à frente. O primeiro governador do Ceará, Bernardo Manuel de Vasconcelos, descreveu a cidade como “um montão de areia... apresentando do lado pequenas casas térreas... incluindo a muito velha e arruinada casa dos Governadores” (DOCUMENTO MEMORIAL, 1947 *apud* JUCÁ, 2003: 34).

Conforme veremos com mais detalhes, o século XIX foi o momento de estruturação da capital, dotando-a de um ar moderno que tanto caracterizou o período. No século XX este processo se consolidou. Em meados da primeira metade desse século observamos outras transformações urbanas que também gostaríamos de destacar aqui e que produziram Fortaleza como uma cidade de espaços privatizados.

Na literatura que trata de Fortaleza, os historiadores citam diversos relatos referentes aos processos de “modernização” da capital em diferentes épocas. Conforme veremos melhor no terceiro capítulo, o discurso contemporâneo retoma a discussão a favor de uma “modernização” que encontramos em textos anteriores. Há, contudo, algumas diferenças. O discurso a favor da modernização em relatos do século XIX e do começo do século XX parece promover aqueles atributos da modernidade que buscamos apontar neste capítulo – os que constituem o espaço citadino como coletivo e partilhado. Já o discurso mais recente, aquele que vemos com maior incidência a partir da terceira década do século XX, parece promover uma solução urbanística diferente, um investimento em uma cidade atrativa para negócios. Neste segundo caso, trata-se, a nosso ver, da presença da lógica da empresa na cidade no contexto das “sociedades de controle” (DELEUZE, 2010), ponto que exploramos anteriormente.

Em outras palavras, percebemos, a partir de Oliveira (2009), que o termo modernização é usado como estandarte para advogar intensas mudanças na fisiologia e na cultura urbana. As soluções que parecem ser buscadas variam drasticamente de época a época, mas o termo permanece. Tanto nos relatos antigos quanto nos novos, observamos que aqueles que apoiam de modo otimista as transformações nas cidades o fazem de modo semelhante: realizando fortes críticas ao passado de forma a enaltecer o “progresso” e, dessa forma, apoiando novos investimentos. Mas eis que o “progresso” conquistado nunca é o suficiente. Ele se torna um argumento para abrir a cidade para novas transformações. “Progressos” vindouros que jamais chegarão ao fim. Analisemos um exemplo:

O cronista João Nogueira observa que “a Fortaleza de 1861 [...] era, pode-se dizer-se, um arremedo de cidade” (NOGUEIRA, 1981 *apud* OLIVEIRA, 2009: 4) se comparada à de seu tempo, em 1936. A citação nos demonstra, em algum grau, certa apologia ao progresso. Oliveira (2009) – tentando dar conta desse aspecto – apresenta uma citação do filósofo Bruno Latour, que faz referência a essa característica dos modernos, pois eles: “têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes dele” (LATOURE, 1994 *apud* OLIVEIRA, 2009: 2).

O “progresso” glorificado pelo cronista cearense traria melhorias à vida urbana. Mesmo os males da modernidade, ainda segundo o entusiasmado cronista, deveriam ser celebrados: “quanto mais os nossos carros quebrarem pernas e matarem gente, tanto melhor, porque tais acidentes mostram que a Fortaleza tem vida, tem gente, movimento e *progride*” (NOGUEIRA, 1981 *apud* OLIVEIRA, 2009: 5, grifo nosso).

Mas nem todos percebem as transformações urbanas sob esse otimismo. A escritora Ângela Gutiérrez (2011), por exemplo, observa que o discurso de “modernização”, presente na década de 1950, foi aproveitado como pretexto para novas mudanças. A “decanta brisa”, sempre contínua, é a figura que opera as mudanças citadinas no texto da autora. Logo, Gutiérrez percebe que no processo de construção de uma cidade está implícito, também, a destruição da mesma.

A cidade que eu menina via pela janela do carro de meu pai era sempre a mesma. Quando ia visitar minha vó, no Sítio Ângela Pompeu, em Mondubim, sabia de cor o caminho e sua paisagem, os sons de cada bairro e seus costumes. E, raramente, notava alguma mudança. [...] Fortaleza me parecia plantada no chão eternamente igual a si mesma. Um imenso jogo de xadrez esculpido em pedras brancas. [...] Um dia, me dou conta de que a cidade está mudando. Ouço papai falar em sopro da modernidade que a inauguração de Brasília, no Planalto Central do Brasil, e as políticas desenvolvimentistas de Juscelino impulsionaram. Vejo que a cidade desfaz, pouco a pouco, sua pedra em pó que a decanta brisa vai levando, ajudada pelos ventos fortes de agosto... (GUTIÉRREZ, 2011: 28-30)

Assim, Fortaleza não foge à regra das transformações urbanas<sup>21</sup> e, conforme observa o antropólogo Oswald Barroso (2011: 133), “a cada meio século a cidade se refaz. Continua a ser reconstruída sobre si mesma”. Hoje, em tempos de preparativos para a Copa do Mundo de

---

<sup>21</sup> Em um interessante ensaio sobre a principal obra indianista do romancista José de Alencar, Paulo Linhares (2011) afirma que “Iracema” inaugurou o “mito fundador cearense”, integrando o estado à “fábula das três raças” (DA MATTA, 1987 *apud* LINHARES, 2011: 17), a arma ideológica que reconhecia as unidades do “branco”, do “negro” e do “índio” como as matrizes fundadoras do Brasil. No caso cearense, “a realidade do mundo selvagem é encerrada em uma rede de negações que expressam tanto o desencanto da civilização, quanto o seu elogio” (VENTURA, 1991 *apud* LINHARES, 2011: 17). Moacir é o “filho da dor”, filho de Iracema com o guerreiro branco, é o mameluco que embasa as origens étnico-culturais dos cearenses. Ao mesmo tempo, a criança representa a consequência de uma escolha que traz, à heroína, a nostalgia e a repulsa de sua tribo (que aqui pode ser entendida como a natureza, o passado ou a tradição). Moacir, ao olhos de Linhares, poderia ser a Fortaleza moderna, uma cidade que se “realiza menos pela repetição do passado do que pela vaticinação de certo presente” (LINHARES, 2011: 26).

2014, a atmosfera de “progresso” ronda a cidade. Constantemente, vemos estampados nos jornais locais as vantagens que o evento da Fifa oportuniza.

Nesta seção, veremos apontamentos que demonstram algumas importantes transformações na cultura cidadina de Fortaleza. Começamos com a pretensão moderna da capital do Ceará durante o século XIX e as três primeiras décadas do século XX, para chegarmos, enfim, aos primeiros investimentos de uma cidade que caminha, ao que nos parece, para a sua versão privatizada. A região central, registramos aqui, será o foco da discussão.

### *1.3.1 Fortaleza: do Centro às Areias*

O início do século XIX foi marcado pelo interesse em transformar Fortaleza em uma cidade moderna. Devemos ressaltar que se tratava de um momento em que o urbanismo, enquanto disciplina, ainda começava a dar seus primeiros passos, o que demonstrava certo protagonismo da capital cearense em relação às demais cidades brasileiras. Em parte, o investimento no estudo de um projeto urbano deu-se pelo interesse em consolidar a autonomia da capital e de sua província em relação a Pernambuco.

A dependência a Pernambuco motivava a classe burguesa de Fortaleza a elaborar uma gama de estratégias que possibilitassem seu desenvolvimento urbano, a fim de tomar para si o papel de centro econômico. (MATOS; VASCONCELOS, 2011: 557)

Em consequência da abertura dos portos às nações amigas, em 1808, inaugurou-se a Alfândega de Fortaleza em 1812. O trapiche, utilizado sobretudo pelos produtores cearenses, especialmente os de algodão<sup>22</sup>, transformara a cidade em um importante ponto de apoio às navegações daqueles que vinham da Europa ou que para lá se destinavam.

---

<sup>22</sup> No Ceará, o algodão foi o principal produto do século XIX. Em Lisboa (1926 *apud* MATOS; VASCONCELOS, 2011), observa-se a importância do algodão na economia. Entre 1821 a 1830, somente o açúcar representava maior porcentagem na exportação brasileira (30%); o algodão, em segundo lugar, correspondia a 20,6%. Nas duas décadas posteriores, entre 1831 a 1840, o algodão perdeu espaço nas exportações para outras culturas (10,8%). Tanto a antiga hegemonia do açúcar quanto a do algodão eram desafiadas pela do café. Entre 1841 e 1850, o algodão representava 7,5% das exportações, um valor bem abaixo do que já fora, mas ainda expressivo o suficiente para promover grandes investimentos em seus estados produtores.

Do ponto de vista da urbanização, ainda nas primeiras décadas do século, foi proposto um plano ortogonal que recortava as ruas de Fortaleza em xadrez. Sua primeira planta data de 1813 e teve como autor o engenheiro Silva Paulet, ajudante de ordem do governador da Província. O objetivo do projeto era impor “uma autoridade central (a cabeça do poder e a estrutura social que ele erige e impõe) capaz de forçar a regularidade do esquema e a sua coerência” (LINHARES, 1992: 179-180).

A cidade de Fortaleza assentou-se em bases urbanísticas e racionais, já muito cedo. Nasceu extemporânea para uns, tal como Raimundo Girão, que considerou com espanto o traçado em plano ortogonal, emboçado em 1823, ‘quando não havia tomado corpo à ciência urbanística’. Uma cidade muito bonitinha e alinhada. Sua modelação urbana de fato não esperou nem a modernidade econômica. Ela foi plano racional ordenador antes de “espelhar” o progresso do século. Seu caráter moderno nunca esteve dissociado da vivência dos hábitos, costumes e etiquetas de distinção e controle frente ao homem cotidiano. Desde cedo, as classes sociais mais abastadas tinham à mão uma cidade geometricamente manipulável. (PIMENTEL FILHO, 1998 *apud* OLIVEIRA, 2009: 9)

A partir de meados do século XIX, foi construído um porto nas proximidades da Prainha (hoje, Praia de Iracema), além das linhas de trem que visavam à ligação de Fortaleza ao interior. A expansão ferroviária garantiu a hegemonia da capital cearense em relação a quaisquer disputas de poder existentes entre ela, Aracati e Icó. Conforme Lisboa (1926 *apud* MATOS; VASCONCELOS, 2011: 559):

o conjunto porto-ferrovia assume, então, dupla determinação no espaço urbano da metrópole litorânea. Marca de um lado o local que se tornaria o centro da cidade e, de outro, o eixo, ou os eixos ao longo dos quais foram implantadas as primeiras indústrias e armazéns.

De acordo com Oliveira (2009), o progresso do período teve seu ápice a partir do planejamento urbano de Adolfo Herbster, que fora contratado, em 1875, para dar continuidade à expansão e à modernização já iniciadas por Silva Paulet na primeira metade do século. Esse plano, claramente inspirado na Paris de Haussmann, aproveitou a já existente estrutura em xadrez da cidade e instaurou, na ainda provinciana capital, três grandes *boulevards*. Dois destes partiam do mar (as atuais Av. do Imperador e Av. Dom Manuel) e se encontravam, mais adiante, perpendicularmente, com o terceiro (a atual Av. Duque de Caixas),

que cortava a cidade no sentido leste-oeste. Ainda segundo o autor, o período que se estendeu até 1926 trouxe “alguns avanços tecnológicos como a iluminação pública (1866), o telégrafo (1881), o serviço telefônico (1883), o primeiro automóvel (1909) e o abastecimento de água e o sistema de esgoto (1926)” (OLIVEIRA, 2009: 2).

Em fins do século XIX e início do XX (1880-1926), Fortaleza recebeu vários serviços urbanos, como o de transporte coletivo, bondes puxados a burro – caixas postais, além da instalação de cursos superiores de Direito, Farmácia, Odontologia e Agronomia. Também, nessa época, é instalado o primeiro cinema na cidade (1907) e o Theatro José de Alencar (1910). Na época, durante a gestão de Ildefonso Albano, há sensíveis mudanças na cidade com a retificação do alinhamento das casas para o alargamento das ruas e a instalação dos bondes elétricos (1914). (DANTAS; SILVA; COSTA, 2009: 93).

Em meio a tantas novidades, Fortaleza sentia-se, de algum modo, uma cidade moderna, no auge de sua *Belle Époque*. A sociedade burguesa fortalezense, segundo relatos do poeta Otacílio de Azevedo, experimentava uma pujante cultura citadina associada a um urbanismo moderno. O poeta nos descreve algumas práticas da elite fortalezense à época:

[...] ao saltar na Estação Central fiquei espantado com a multidão que ali se via. [...] Vimos cafés, lojas, bilhares, restaurantes e longas avenidas. Muitas vezes, assustava-me pensando que estávamos perdidos. (AZEVEDO, 1980 *apud* SOUSA, 2007: 6)

No período, o discurso médico elogiava as iniciativas do poder público para fazer da cidade um espaço salubre para caminhadas e prática de exercícios. O passeio público, também conhecido como Praça dos Mártires, planejado nos tempos de Silva Paulet, fora remodelado ao estilo neoclássico em 1890.

Ponte (2001) é outro autor que observa os hábitos da elite da capital cearense durante esse período. As vestimentas da época, por exemplo, buscavam inspiração nos centros europeus. Anúncios publicitários e editoriais de moda faziam parte de muitas das publicações locais. Aos que podiam, também era possível encomendar periódicos especializados de outras regiões do país na livraria “José d’Oliveira e Cia.”. Segundo o autor, “o trinômio moda-publicidade-imprensa foi decisivo na formação dos desejos da sociedade fortalezense desde então” (PONTE, 2001: 152).

Outro aspecto relevante foi a proliferação de cafés como espaços para a elite intelectual. O Café Java, por exemplo, um dos quatro cafés encontradas na Praça do Ferreira, foi frequentado pela “intelectualidade e boemia literárias locais. Ali, em 1892, nasceu a ideia de se criar a Padaria Espiritual, agremiação literária que se destacou pela inovação e irreverência” (PONTE, 2001: 50). A Figura 1, a seguir, ilustra essa *Belle Époque*:

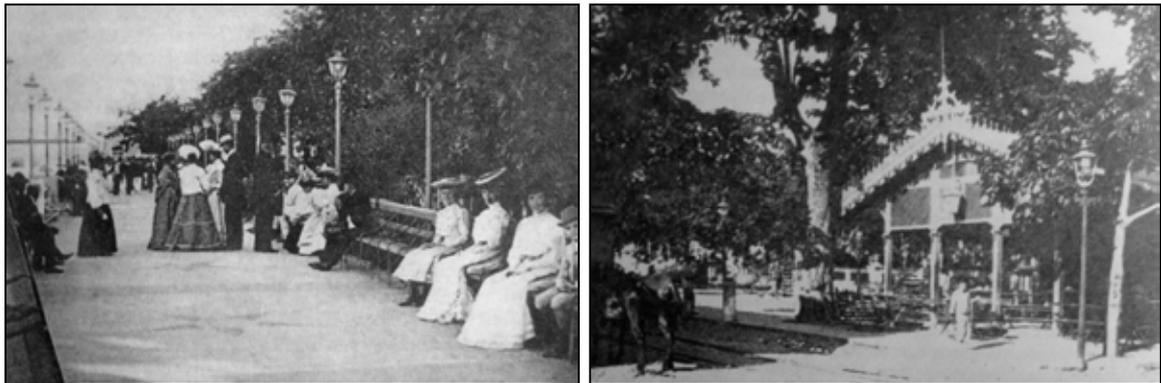


Figura 1 – A elite fortalezense em sua *Belle Époque*, na Avenida Caio Prado (Passeio Público) e no Café Java, um dos quatro cafés localizados na Praça do Ferreira que datam da década de 1880. Foto de 1906. Fonte: reprodução do Álbum de Vistas do Ceará (1908 apud PONTE, 2001: 99; 150).

É certo que essa boa-vida burguesa não poderia espalhar-se por toda a cidade. Chegamos, assim, a um ponto importante do crescimento da capital cearense: os bairros mais pobres. O que nos enseja apontar uma particularidade de Fortaleza, sobretudo se comparada a outros planos urbanísticos de cidades litorâneas, como Recife, Salvador ou Rio de Janeiro: desde seus primórdios como vila até às atuais configurações urbanísticas, a capital cearense concentrou-se, especialmente, em seu interior. Ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX, a periferia da urbe, incluindo a praia, era considerada de menor valor, como destino dos mais pobres, dos pescadores e dos flagelados que fugiam das secas no interior do estado<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> Sobre os flagelados, fala-se muito das migrações nordestinas para outras regiões do Brasil. O nordestino é constantemente representado como aquele que foge das misérias de sua terra e busca uma vida melhor na cidade grande. Vemos seus fluxos migratórios em direção a todas as regiões brasileiras, seja em busca das metrópoles nacionais, da promessa de enriquecimento com a extração do suco da seringueira na Amazônia ou, mais recentemente, da construção da capital do país e da povoação daquela região. Houve, todavia, fluxos ainda mais intensos dentro da própria região. Aqueles que não podiam migrar para destinos mais longínquos mudavam-se para as capitais. Deve-se ao fenômeno do êxodo rural tanto as altas taxas de crescimento demográfico quanto o agravamento das condições urbanísticas da cidade, incapaz de receber tamanho contingente.

O crescimento populacional da cidade deu-se a partir da periferia. Mesmo na metrópole contemporânea, os migrantes, segundo o antropólogo Oswald Barroso (2010), povoam a cidade de fora para dentro:

Em seus limites, Fortaleza cresce de fora para dentro. Os migrantes chegam pelas portas de entrada e formam bairros de recepção. Quem vem do Litoral Oeste arranha-se na Barra do Ceará [um dos bairros de Fortaleza]. Já o povo da Zona Norte achega-se pelo Antônio Bezerra. E assim por diante. Só depois vai se assentando. (BARROSO, 2011: 135)

A principal consequência da ocupação de outras áreas da cidade que não aquela central foi a cisão da lógica do ordenamento urbano proposto durante o século XIX. Segundo Matos e Vasconcelos (2011: 262), “dado o fato de o litoral fortalezense encontrar-se à margem da dinâmica urbana da cidade, esta zona passa a ser tomada pela ocupação irregular dos flagelados, contribuindo para o rompimento dos limites de Fortaleza [...]”.

Um exemplo de região que já fora destinada aos mais pobres é o bairro Meireles, que abriga a Beira-Mar, hoje uma zona de grande concentração de renda fortalezense e principal ponto turístico da cidade. A partir de relatos de pescadores remanescentes, Raquel Garcia (2010), autora da obra “Da rua da frente à beira-mar”, reconstrói, em tom etnográfico, esse cartão postal. Até meados do século XX, a chamada “rua da frente” restringia-se à população mais pobre<sup>24</sup>.

O historiador Gisafran Jucá (2004) aponta essas regiões mais pobres do começo do século XX como “o reverso da cidade”. Ali, as ruas eram de areia e emolduradas por casebres e dunas; era, de fato, “a outra face urbana de Fortaleza”, um local que “pouco sentia a presença ou os efeitos da modernização propalada” (JUCÁ, 2004: 129). A “cidade da areia” marcava, portanto, uma oposição à “cidade do calçamento”. Enquanto esta simbolizava a

---

<sup>24</sup> O calçamento e a Avenida Beira-Mar só foram concretizados a partir de 1964, valorizando imensamente a região. Todavia, mesmo com grande interesse imobiliário e turístico, o Meireles não predomina como um dos centros político-econômicos da cidade. Mais ao sul, a Aldeota – com suas características de metrópole interiorana – é a região considerada mais importante da Regional II. O crescimento urbano parece não preferir o mar. Ao longo do restante do litoral fortalezense temos, a leste, a Praia do Futuro e a Sabiaguaba. Com exceção da estrutura das barracas de praia, tais bairros não demonstram grande crescimento ou valorização imobiliária. Do outro lado, a oeste, as praias são redutos de uma das regiões mais pobres da cidade, que vai do “Grande Pirambu” (região que engloba os bairros do entorno do Pirambu) até a Barra do Ceará. Enfim, a Fortaleza da elite opta por crescer em direção ao interior, ao “Sertão”. A área de maior interesse concentra-se, atualmente, em uma região ao sul, distanciando-se mais ainda do litoral.

modernidade, aquela representava a natureza nunca vencida. O arquiteto cearense Fausto Nilo (2011) recorda quando migrou para um subúrbio em 1951: “[...] aos sete anos, fui viver em um subúrbio fortalezense, melhor dizendo, numa ‘areia’, como eram chamados os bairros periféricos” (NILO, 2011: 160, grifo nosso). A citação demonstra que a denominação “areia” sobreviveu por muito tempo, mesmo ao fim do século XIX.

Oliveira, citando uma observação de Marshal Berman (1988 *apud* OLIVEIRA, 2009) sobre Baudelaire, compara a existência da calçada e da sarjeta à urbanização de Fortaleza até meados do século XX. Enquanto a primeira representava a “modernidade emergente”, a “Fortaleza do calçamento”, a segunda era a “anticalçada”, a “Fortaleza da areia”. Ambas representavam o produto do crescimento rápido e desorganizado que jamais conseguira abraçar a todos.

Recapitulando, vimos que o período que se prenuncia a partir da consolidação de Fortaleza como capital do Estado do Ceará, no final do século XVIII, trouxe consigo um projeto de modernização, intensificado entre meados do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, quando foram registradas grandes transformações, tanto na estrutura cidadina como na vida urbana. Mudanças que, todavia, restringiam-se à “cidade do calçamento”, à burguesia. Outra cidade existia a seu redor: a “cidade da areia”, a periferia que, ao mesmo tempo que se contrapunha à boa-vida moderna, também a ambicionava. Foi justamente a cisão da lógica do ordenamento urbano proposto no século XIX que permitiu a expansão fortalezense para outras regiões. Conforme veremos a seguir, as elites também optaram por fugir do primeiro ordenamento da cidade, instaurando, a leste, suas próprias fortalezas.

### *1.3.2 Do Centro à Aldeota: da praça ao shopping*

Apesar de seus ares modernos, a capital cearense apresentava uma pequena população, se comparada às grandes metrópoles nacionais no alvorecer do século XX. Ainda gozava do luxo de não ser uma cidade grande, sem a pretensão que ostentava Salvador ou Recife no plano regional. Foi somente a partir do início da década de 1930 que se registrou uma onda

migratória muito intensa que a superpovoou. Segundo Dantas, Silva e Costa (2009: 69), isso aconteceu devido às secas de 1932, 1952, 1958 e 1970. Vejamos na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - População do Município de Fortaleza 1890-1970.  
Números absolutos e crescimento intercensitário.

ANOS	POPULAÇÃO	CRESCIMENTO (%)
1890	40.902	-
1900	48.269	18.2
1920	78.536	62.2
1940	180.185	129.4
1950	270.169	49.9
1960	514.813	90.5
1970	857.980	66.6

Fonte: IBGE. Anuário Estatístico do Brasil (1976 *apud* DANTAS; SILVA; COSTA, 2009: 14).

A cidade, diante de um intenso povoamento, viu-se em uma constante expansão. Todavia, uma característica permaneceria: a grande segregação socioespacial. A região oeste passou a concentrar os mais pobres à medida que a cidade se industrializava. O leste, por sua vez, atraiu a burguesia, já não mais interessada na mistura de classes que o Centro passara a produzir.

A partir dos anos 30, o funcional e o social passam a se distinguir em Fortaleza, fortemente e de maneira precoce. Sem dúvida, a cidade se organiza em torno de dois polos: ao leste, a cidade da nova elite e, ao oeste, a cidade industrial e trabalhadora. Com o Castelo do Plácido, obra pioneira de residência de alto luxo da cidade, construída na Aldeota (de estilo duvidoso, como a maioria das construções da nova burguesia urbana), a alta burguesia passaria a construir em direção ao leste. Bem longe do Centro, das fábricas e dos pobres, criando um novo espaço de diferenciação social, tentando marcar o seu prestígio e aprendendo tropegamente uma certa arte de viver. (LINHARES, 1992: 201)

A constatação de Linhares (1992) reflete a mesma Fortaleza que encontramos contemporaneamente: uma Fortaleza que, mesmo organizada em sete regionais, pode ainda ser caracterizada por suas duas distintas realidades. Oswald Barroso (2011: 133) também a enxerga assim:

“[Fortaleza] cresce feito uma cidadela apartada. A leste, os novos milionários erguem fortalezas sobre as dunas e os negociantes aterraram os mangues para fazer campos de golfe. A oeste, o povo do Grande Pirambu apegam-se aos terreiros praieiros por eles conquistados [...]”.

A Aldeota, a leste, destaca-se como o coração de um modelo a ser copiado pelos bairros vizinhos. Voltada para as classes mais ricas, a região se desenvolveu a partir da década de 1930, e, ao contrário do Centro, seus espaços eram quase totalmente residenciais. O transporte público não chegava até a Aldeota, que estava, portanto, restrita às elites motorizadas. Aos poucos, tanto a classe média como a mais alta começaram a esvaziar o Centro. Parece-nos que a intenção era fazer da Aldeota algo semelhante a um subúrbio estadunidense: uma área residencial isolada, afastada do centro urbano e restrita às elites. Essa nova configuração traria consequências perversas para a cultura urbana moderna que caracterizava o Centro. Todavia, apesar do nítido crescimento do novo bairro, tanto os equipamentos culturais quanto o comércio ainda se localizavam na região central da cidade, fator que mantinha o Centro como um espaço de encontro.

Foi somente a partir da década de 1970 que as classes mais altas de Fortaleza desfizeram seus últimos laços com o Centro. Construíram ali mesmo, na Aldeota, outra cidade, modulada pelos espaços fechados e pela segregação social. Se o Centro é marcado pela ocupação coletiva de suas praças, ruas e galerias, características que tanto marcaram a *Belle Époque* de Fortaleza, na Aldeota, a figura do *shopping center*, um dos agentes das privatizações, tomou esse papel.

Em 1974, um dos primeiros *shoppings* do Brasil foi inaugurado em Fortaleza. O negócio pioneiro do cearense Tasso Jereissati foi o primeiro da Jereissati Empreendimentos, empresa que controla diversos centros de compras brasileiros por meio da Iguatemi Empresa de Shopping Centers S/A. O objetivo do novo empreendimento era, segundo Augusto Benevides (2012), publicitário responsável pela campanha de inauguração do *shopping*, “mudar os hábitos dos fortalezenses que até então só faziam suas compras no centro da cidade, onde se situavam todas as lojas, cinemas e até hospitais” (BENEVIDES, 2012: 28). Tratava-se do primeiro passo de um grande investimento: transformar a Aldeota em um “novo centro”. Os regimes urbanísticos característicos de uma Fortaleza moderna não pareciam se encaixar na sociedade que se construía na Aldeota: era preciso não só atrair os consumidores para dentro dos claustros do equipamento, como também produzir uma nova cultura urbana. Isto é, a verdadeira intenção não se restringia a fazer do *shopping* um espaço de compras, mas trazer

um novo estilo de vida para os fortalezenses. O tempo das praças, dos bondes, dos passeios a pé foi deixado para trás sob o pretexto do “desenvolvimento” e do “progresso”. Benevides (2012), por meio de um relato entusiasmado, oferece-nos a oportunidade de conhecer os bastidores da empreitada e descobrir seus reais objetivos. Ao perceber o desafio proposto, o autor reconhece que o que estava em jogo era “mudar a praça para a Aldeota” (BENEVIDES, 2012: 28):

O Center Um teria uma loja-âncora, o supermercado Pão de Açúcar-Jumbo, que tinha como símbolo o elefante [...]. Além de concentrar várias lojas num só lugar, o Center Um abrigaria um cinema e uma área de lanchonetes, algumas operando no sistema “fast-food”. Era realmente um negócio de louco! Um senhor investimento para Fortaleza, ainda província, acanhada ante a perspectiva de virar metrópole. (BENEVIDES, 2012: 28)

O *jingle* da campanha publicitária anunciava que o “Centro agora é Center Um”<sup>25</sup>. Da mesma forma, o anúncio de jornal, conforme vemos no detalhe na Figura 2, ilustrava a região central da cidade como um espaço terrível, cujos males eram representados como monstros.



Figura 2 – Anúncio publicitário do *Shopping Center Um* para jornal. Nota para os monstros da “poluição sonora”, dos “preços altos”, da “desorientação”, do “trânsito congestionado”, do “desconforto”, do “calor” e da “multidão”. Fonte: reprodução a partir de BENEVIDES (2012: 35).

<sup>25</sup> “Depois que acabaram / Com a Coluna da Hora / Depois que derrubaram / O abrigo central / O centro da cidade / Mudou pr’a outro local / Lá tem ar para respirar / Tem coisas lindas para olhar / Tem muita coisa para comprar / Pois, o Centro agora é Center Um / Center Um, o centro da cidade” (BENEVIDES, 2012: 34). O *jingle* aponta algumas intervenções no Centro, como o fim da Coluna da Hora, monumento que havia na Praça do Ferreira (reconstruído anos depois), e o Abrigo Central, uma grande estação de ônibus que serviu também de espaço de encontro e lazer em seus muitos cafés e livrarias. Tanto a destruição da Praça do Ferreira como a do Abrigo Central estão diretamente relacionadas ao período da ditadura militar, cujo primeiro presidente foi o cearense Castelo Branco.

Para consolidar o espetáculo, a campanha publicitária convocou a população da cidade a comparecer à inauguração do *shopping center*. No dia marcado, um elefante, o símbolo da loja âncora, faria uma surpresa aos expectadores: ele realizaria um cortejo, como se percorresse um caminho que se iniciava no Centro e se dirigia à Aldeota, em direção ao empreendimento. O paquiderme celebrava o acontecimento com seus passos pesados, como se ali houvesse um ritual de passagem em direção a uma nova era.

Às 9 horas do dia 24 de novembro de 1974, o então governador César Cals cortou a fita simbólica, inaugurando o primeiro empreendimento do jovem Tasso Jereissati. Uma multidão invadiu o local que, ao abrir suas portas, já estava se transformando no verdadeiro centro de compras da cidade. A festa do Center Um, sem dúvida, foi um marco na cidade. Realmente, como dizia a letra do *jingle* de Ednardo, mudamos o centro da cidade para a Aldeota. (BENEVIDES, 2012: 39)

O historiador Antônio Carlos Coelho (2011: 63), em um ensaio sobre os negócios de Fortaleza a partir dos anos 1950, atesta que:

Até a década de 1970, o comércio, ainda base da economia de Fortaleza, concentrava-se no centro da cidade, com suas primeiras grandes lojas e magazines. Também no Centro estavam os camelôs e ambulantes movimentando a forte economia informal. Em 1974 surgia o primeiro centro comercial fora do perímetro central: o *shopping Center Um* abria suas portas, tendo o supermercado Jumbo como loja âncora. Em 1982, era inaugurado o *shopping Iguatemi*. Estes dois centros de compras são considerados os responsáveis pela expansão dos bairros nos seus arredores. O comércio de Fortaleza saía, enfim, do Centro para os bairros, formando vários polos comerciais distribuídos pelas principais zonas da cidade.

Conforme podemos observar, o povoamento da região leste e o esvaziamento do Centro pelas classes média e alta aconteceram incentivados por grandes investimentos, como o *shopping Center Um*. Em um dado recente, retirado do Censo 2010 realizado pelo IBGE (2012), a Praia de Iracema e o Centro aparecem como os bairros com a maior proporção de domicílios vagos. Uma ida hoje ao bairro central da cidade revela-nos que os muitos prédios de arquitetura *art déco*, em sua maioria com mais de um pavimento, estão subutilizados. Apenas a parte térrea é ocupada, e, de modo geral, como estabelecimento comercial. Enquanto isso, na Aldeota e em seu entorno, os novos arranha-céus tomam a região.

A Aldeota integrou-se plenamente à cidade. Parece que, para muitos, ela se transformou, conforme sugerira o *jingle* da campanha do *shopping Center Um*, em “um novo centro”. Trata-se, porém, de um “centro” diferente. Se, na região Central de Fortaleza, a Praça do Ferreira é provavelmente, dentre as muitas existentes, a principal praça da região, na Aldeota, a Praça Portugal – que é, na verdade, uma rotatória de veículos – é que ostenta, por comparação, essa posição. Na região leste da cidade, os espaços de sociabilidade estão concentrados nos muitos *shoppings centers*<sup>26</sup>. Observamos que quase não se anda a pé na região da Aldeota. É comum vermos ruas sem pedestres, apesar da grande densidade de residentes, e, de modo geral, fala-se constantemente dos perigos de se andar nas ruas<sup>27</sup>. Os espaços são pensados quase que exclusivamente para os veículos privados<sup>28</sup>. Também é importante ressaltar que o bairro hoje continua restrito às elites, mas não mais àquelas grandes elites que o fundaram na primeira metade do século XX (que, por sua vez, migraram para outras regiões da cidade). É a alta classe média que ocupa hoje o bairro, enclausurada nesse modelo citadino voltado para a privacidade. A Figura 3 ilustra essa transformação.

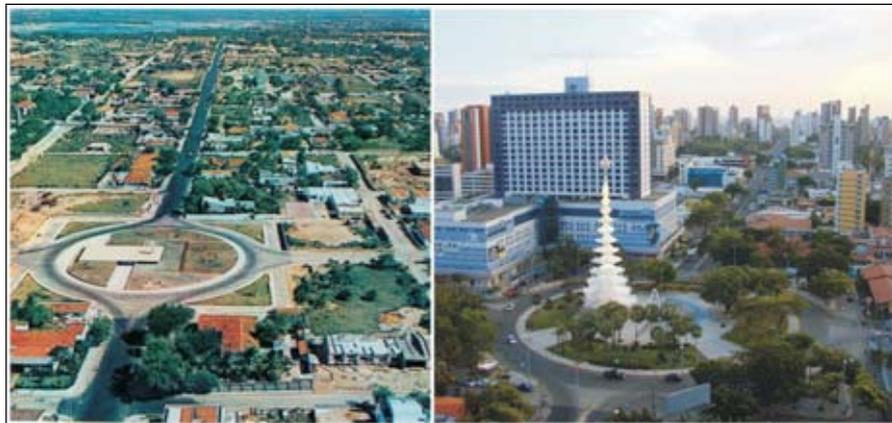


Figura 3 – À esquerda, a Praça Portugal, em 1969. À direita, a mesma região em 2009. Fonte: arquivo Nirez.

<sup>26</sup> A região e seu entorno concentram a maior quantidade de *shopping centers* de Fortaleza. Segundo nossa própria contagem, são pelo menos sete, desconsiderando os muitos centros comerciais de pequeno porte, os grandes supermercados e os magazines que também compõem o cenário da região.

<sup>27</sup> A arquiteta Jane Jacobs (1992 *apud* CAIAFA, 2007) afirma que as pessoas nas ruas formam a melhor medida de segurança para as cidades. A violência, desta forma, está relacionada com a ocupação dos espaços. “De fato, a violência é muito mais provável nas regiões despovoadas, onde as pessoas preferem permanecer entre conhecidos em ambientes familiares, onde o espaço público está abandonado” (CAIAFA, 2007: 25).

<sup>28</sup> O problema dos veículos privados em Fortaleza chegou a um recorde alarmante: até o final de 2011, havia um veículo para cada 3,4 habitantes, segundo dados do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) publicados em matéria do Diário do Nordeste (LIMA, 2011b). Dessa forma, seria possível transportar toda a população fortalezense nos veículos particulares e ainda sobriam vagas.

Finalmente, cremos que o leitor já terá percebido que relacionamos, em algum grau, a experiência em bairros como a Aldeota com o que descrevemos como uma “cidade privatizada”, um espaço que míngua a experiência propriamente urbana, a “aventura própria da cidade”, como denomina Caiafa (2007). Em Fortaleza, não foi preciso reconstruir o perímetro urbano da elite, o Centro. Um novo espaço foi criado. De modo geral, pode-se afirmar que as elites e as classes médias abandonaram o Centro, deixando-o para as classes mais populares, que, antes, apenas o almejavam de longe, das areias. Na Aldeota, os *shopping centers*, automóveis particulares e condomínios fechados atualizam um modelo de cidade homogênea e privatizada. Tal modelo tornou-se hegemônico, um exemplo a ser copiado pelo restante da cidade. Essa “maioria”, aos olhos de Deleuze (1995: 52), compõe um “metro-padrão”, um “fator majoritário”<sup>29</sup>.

No Centro, todavia, ainda parece ser possível o espaço de encontro (o “magnetismo” de Mumford, 1936) que tanto caracterizou as cidades e acompanhou suas distintas renovações desde seus primórdios. A região central da cidade apresenta uma *particularidade*. Acreditamos que o Centro possibilita uma experiência caracteristicamente urbana, uma “comunicação com o estranho” (CAIAFA, 2000: 79). Uma *comunicação* que se vale da heterogeneidade que o bairro produz. Desta forma, o Centro de Fortaleza, ao interpelar o transeunte, permite uma espécie de transformação. Todavia, estas serão questões a serem abordadas nos capítulos a seguir.

---

<sup>29</sup> O conceito de “maior” em Deleuze e Guattari (1995) diz respeito a um “metro padrão”. Trata-se daquilo que é produzido dentro de um agenciamento por suas vias territorializadas. Em um agenciamento social, o “maior” não foge da doxa, ao contrário, ele não se cansa de insistir nela, reterritorializando-a. Desta forma, a maioria ou minoria não tem nada a ver com valores quantitativos. O homem branco europeu heterossexual adulto cidadão e falante de uma língua padrão, em um exemplo dado pelos autores, é uma maioria não por ser mais numeroso que os mosquitos, as mulheres ou os negros. Ele é maior porque “a maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 52).

## 2 EXPERIÊNCIA TRANSEUNTE NO CENTRO DE FORTALEZA

Relatos não faltam na cidade, é claro. [...] Mas a cidade é o teatro de uma guerra dos relatos, como a cidade grega era o campo fechado de guerras contra os deuses. Entre nós, os grandes relatos da televisão ou da publicidade esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairro. É urgente que a restauração venha em socorro destes últimos. Já o faz registrando e difundindo as memórias que se contam no padeiro, no café ou em casa.

Michel de Certeau (1994: 201).

### 2.1 Rua General Sampaio

Acompanhado de um grupo numeroso de pessoas, salto do ônibus lotado no ponto mais próximo à Praça da Estação. Nosso grupo anda em bando como se fôssemos íntimos, como se houvesse algo que nos unisse além de termos dividido o mesmo ônibus. A maioria, assim como eu, anda em direção à esquina da rua General Sampaio, buscando entrar no Centro por ela, que é uma de suas vias mais importantes. Outros, porém, seguem o caminho oposto, procurando outras entradas ou saídas. Digo *entradas* porque parece que ainda não cheguei ao *centro* do Centro. Apenas a sua borda.

À minha direita, subindo a rua, vejo a Praça da Estação. Poucos meses antes de começar o trabalho de campo, ela era um terminal de ônibus frequentado por grupos grandes de moradores em situação de rua. Todavia, desde abril de 2011, um mês antes de quando comecei a coletar os dados desta pesquisa, a praça foi transformada em uma feira ao ar livre. A maioria dos permissionários foi removida da feira da Praça da Lagoinha – alguns quarteirões adiante – para a implementação de uma das estações da linha sul do metrô. Desde

então, durante todo o período que fiquei em campo, passei a ver, do outro lado da rua, o colorido das barracas e a presença, mesmo que tímida, de alguns transeuntes.

Nunca cheguei a notar um grande movimento ali (ver Figura 4). Em outubro, quando resolvi andar por entre as barracas – que mais parecem paredes de um labirinto –, pude constatar a decepção dos permissionários. Um deles, Caetano, lamentava a mudança do local da feira. Segundo ele, a prefeitura havia prometido, durante a transferência, que ordenaria todos os ambulantes do Centro, o que acabou não acontecendo: “Nós que estamos na legalidade é que mais sofremos com isso”.



Figura 4 – Feira da Praça da Estação em janeiro de 2012. Fotos nossas.

Mas não só a feira é um pouco vazia, como as redondezas da praça também possuem um aspecto de abandono. Esses quarteirões que vão da rua Dr. João Moreira até a Senador Alencar são das partes mais perigosas do Centro. Certa vez, na Praça do Ferreira, quando disse a um de meus interlocutores que já precisava ir embora e que pegaria um ônibus naquela região, fui advertido: “Cuidado, não ande por ali não. Ali é perigoso. Se você puder pegar o ônibus em outro lugar, é melhor”.

À minha esquerda, do lado oposto à praça, há alguns estabelecimentos comerciais, incluindo uma pousada. O letreiro “Big Hotel Pousada” pintado à mão é de aparência muito velha e abandonada. Há ainda um estacionamento. Este, todavia, sempre cheio.

Existem muitos estacionamentos no Centro. Eles, na maioria irregulares<sup>30</sup>, são construídos na parte térrea de muitos dos edifícios da região. Não há um quarteirão sequer que não tenha pelo menos um, ainda que nessas áreas marginais. Mesmo assim, na condição de

<sup>30</sup> Segundo levantamento da Secretaria Executiva Regional do Centro (Sercefór), dos 200 estacionamentos existentes na região, 182 estão irregulares (MOURA, 2011)

motorista, eu poderia relatar o quão é difícil encontrar um lugar para estacionar e o quão precário são esses equipamentos. Apesar do serviço ruim, os automóveis são constantes. Aqui, onde começamos nossa caminhada, os condutores trafegam avançando com velocidade. Eles vêm na contramão de meu caminho, acelerando depois de um longo período de engarrafamento na localidade mais densa do Centro.

Mas deixemos os carros de lado e nos voltemos um pouco para a arquitetura. À medida que prossigo, tento olhar com cuidado os velhos casarões de um ou dois andares que me fazem pensar no passado rico e próspero do bairro. Eles possuem uma influência do estilo *art déco*, tão importante na modernização das pequenas e grandes cidades brasileiras<sup>31</sup>. Mas, salvo um ou outro, os casarões e edifícios são de uma aparência velha e abandonada. Aqui, quase todas as casas perderam suas eiras e beiras, elementos dos telhados que eram comuns em residências nobres. No lugar, observo a superfície lisa, por vezes revestida de cerâmica. A presença de marquises é outra interferência na arquitetura original que vejo ganhar as ruas da cidade. Das mais simples, de lona e ferro, às mais elaboradas, de concreto, essas estruturas arquitetônicas formam extensões dos prédios e invadem as calçadas por vias aéreas. Por fim, seria muito difícil olhar para os edifícios sem perceber a aparição constante dos anúncios publicitários e das placas de sinalização: a grande maioria são impressões de plotagem digital em lona, apesar da presença de pinturas em muros e outras superfícies. Essas mensagens são colocadas em quase todos os espaços possíveis: das paredes internas dos estabelecimentos às marquises.

Atravessando a rua Dr. Castro e Silva, continuo meu percurso pela rua General Sampaio. Começo a notar um elemento característico desta via: os “toldos cortinas”. Eles só se encontram do lado esquerdo da via (no sentido praia-sertão, que estamos seguindo) e garantem proteção contra o sol da tarde para os pedestres nas calçadas (ver Figura 5). Assim,

---

<sup>31</sup> Rossi (2010; 2012) observa a influência do *art déco* na região Nordeste a partir de um caso na cidade de Campina Grande (PB). Segundo a autora, “O Nordeste do Brasil, notadamente o interior, fez seu *Art Déco* sem aço, sem bronze, sem arranha-céus. Mas a inspiração geométrica, o espírito do jogo de retas e curvas, é o mesmo do Art Déco do resto do mundo, com o sabor do primitivismo” (ROSSI, 2012). Em muitos dos casarões do Centro de Fortaleza, essa tendência também pode ser observada.

nosso caminhar é então separado momentaneamente do asfalto e dos carros. Aqui, já é possível perceber certa concentração de transeuntes.



Figura 5 – Calçadas protegidas contra o sol por toldos cortinas na rua General Sampaio. Foto nossa.

Apesar de não haver nenhum vendedor ambulante deste lado da rua (ao contrário do outro), as mercadorias dos lojistas invadem as calçadas (ver Figura 6). João, um vendedor de uma loja de cadeiras e mesas de plástico, localizada em meio a nosso itinerário, quando indagado sobre a proximidade dos produtos com os passantes, disse-me que “quanto mais perto do consumidor, melhor”. À medida que começam a aparecer os primeiros vendedores ambulantes, meu andar, antes retilíneo, torna-se irregular. Ando ziguezagueando entre os produtos – sejam eles dos camelôs ou dos lojistas – e os demais transeuntes que, por vezes, param para ver algo exposto na calçada.



Figura 6 – Calçadas na rua General Sampaio. Fotos nossas.

À proporção que caminho e atravesso a rua Senador Alencar, o Centro começa a mostrar sua vivacidade. É a partir daqui que começo a me sentir no Centro. Quando atravesso a rua São Paulo, a última antes de chegar à Galeria Pedro Jorge, na rua General Sampaio, tenho total consciência de que *entrei* na efervescência da região. É essa “confusão”, essa “bagunça”, essa “algazarra” – características que sempre ouvi relacionadas ao Centro – que se formam e me fazem sentir *dentro* da mancha. Em janeiro de 2012, em uma de minhas investidas em campo, escrevi que adentrar o Centro era semelhante a entrar em uma sala de

cinema durante um filme que já havia começado. Não há uma narrativa linear: começo, meio ou fim. O tempo é sempre o presente. Lá, tudo parece que já está acontecendo, e que eu chego sempre na metade, *entro* pelo meio. Assim, escrevo em meu diário de campo: “É uma espécie de concentração constante no instante presente”. Nunca se sabe o que se encontrará adiante. O andar no Centro é, portanto, uma aventura.

Enquanto transeunte, estou cercado de acontecimentos: um homem vende uma bacia de plástico, *e* uma mulher come uma acerola, *e* alguém ouve uma música do Matruz com Leite (uma banda de forró), *e* outro alguém ouve música sertaneja, *e* um jovem rapaz vigia uma loja, *e* uma buzina de carro estoura adiante, *e* um gari passa, limpando a calçada, *e* uma mulher conversa com uma amiga, *e* um senhor descasca um abacaxi, *e* uma senhora atravessa a rua, *e* outra desvia de um buraco, *e* eu, ingênuo, anoto tudo, apressado, pensando ser capaz de registrar tudo. Mas a multidão não para e sou forçado a continuar andando, *e* vendo, *e* ouvindo, *e* cheirando, *e* tateando, *e* degustando.

Certa vez, observei em julho de 2011:

Estou na rua Barão do Rio Branco, e não há dúvidas de que estou dentro da mancha do Centro. Há tanta coisa para descrever que sinto grande dificuldade em registrar tudo. Os prédios e suas arquiteturas parecem pouco importar agora. É no nível dos olhos que as informações palpitam. Nem sequer me atrevo a olhar para cima, pois tenho que desviar dos camelôs, dos transeuntes, de tudo. Sou intensamente convocado ao consumo.

Alguns meses depois, em minhas investidas de outubro, problematizei a questão:

À medida que adentro a mancha, os prédios parecem perder importância. Apesar de meses de idas ao Centro, somente agora, quando estou mais preocupado em descrever tudo, é que percebo prédios nunca vistos. Eles fogem do meu campo de visão. Enquanto passante, no Centro de Fortaleza, sou sempre motivado a olhar para frente, a desviar das pessoas, dos produtos, dos próprios camelôs.

Eu me lembro de que, nesse dia, tive uma sensação de extrema surpresa ao encontrar um prédio antigo na rua Barão do Rio Branco, na altura da rua Guilherme Rocha – um lugar próximo de onde estamos andando. No texto do diário de campo, pergunto-me, surpreso:

“Como pode aquele prédio ter estado sempre ali, sem que eu nunca tenha percebido ele?” (ver Figura 7).



Figura 7 – Interseção entre a rua Barão do Rio Branco e a rua Guilherme Rocha. À esquerda, uma visão do Edifício Joly; à direita, a efervescência do Centro. Fotos do Google Maps registradas em janeiro de 2012.

Além da intensidade de coisas acontecendo “aqui embaixo”, no nível dos olhos, as ruas são, geralmente, bem pequenas em extensão. Não se tem uma dimensão da profundidade do espaço. Certa vez, acompanhado de um amigo que quase nunca vai ao Centro, passamos por uma rua que estava parcialmente fechada por tapumes. Assim, o espaço, já pequeno, fora reduzido pela metade. Com assombro, meu amigo disse que um dos principais motivos que o fazia detestar ir ao Centro era “essa coisa das paredes se fecharem em cima de você”. Quanto mais se anda pelo Centro, mais se percebe que o ordenamento formal não tem tanto valor. Nas práticas do dia a dia, os espaços se abrem e se fecham, amorfos, seja por esse tipo de intervenção com os tapumes, seja pela própria ação dos vendedores e transeuntes. No caso da rua em que estamos trafegando, vemos isso com muita exatidão: o curto espaço da calçada é comprometido pelos ambulantes e pelos produtos das lojas. As paredes que meu amigo relatou não são só os tapumes, acredito, mas todas essas forças que acompanham nosso caminhar e que, ao tentarem se aproximar do passante, acabam por limitar ainda mais o seu curto espaço de trânsito.

Finalmente chego, acompanhado de outros tantos pedestres em ritmos diferentes, à entrada da Galeria Pedro Jorge.

## 2.2 Galeria Pedro Jorge

Talvez seja importante, agora, fazer uma ressalva sobre o espaço público do Centro de Fortaleza: o ordenamento urbano foi planejado para ser ortogonal, de modo que os quarteirões fazem parte de um imenso jogo de xadrez. Mas eis que o espaço, antes previsto para fins mistos (principalmente residenciais), tornou-se intensamente comercial, o que trouxe novas dinâmicas de trânsito de pedestres e novas intervenções urbanísticas. Em nível público, o aparecimento das ruas de pedestres, que são muitas no Centro. E, no domínio privado, as galerias.

As galerias são elementos importantes da região. Não se deve confundi-las com as suntuosas galerias de Paris, comentadas por Walter Benjamin (conf. nota 13 na página 29), apesar de servirem, em algum grau, de inspiração para as nossas, em Fortaleza. No Centro, as galerias são, antes de tudo, espaços de passagens que cortam os quarteirões e levam os transeuntes para o outro lado. São espécies de atalhos. Como nas descrições de Benjamin, são passagens através de blocos de edifícios que possuem espaços comerciais de um lado e do outro. Mas, em vez do vidro que reveste as galerias francesas, as daqui têm telhas com ornamento mais pobre, de amianto. E em vez do luxuoso mármore, o cimento sujo. Para quem anda no Centro, elas são caminhos sempre úteis para abreviar um trajeto. E dentre elas, a galeria Pedro Jorge é uma das mais antigas e importantes da região.

Entrar na Galeria Pedro Jorge já pressupõe adentrar um espaço incomum. Há um *tom* de Centro ali, mas um Centro que se conjuga de outras formas. A efervescência da rua General Sampaio e da rua Senador Pompeu transborda para dentro dela. A maioria das pessoas adentram só por passar, querendo cortar caminho. Nesse trânsito, em vez da luz forte da rua, o espaço semifechado produz um ambiente escuro. A caminhada, uma das poucas em que não vemos os ambulantes do Centro – apesar de estarmos *dentro* dele –, não dura muito. Não mais que 130 metros. Andando sem pressa, um transeunte não demora mais que dois minutos para sair da rua General Sampaio e entrar na rua Senador Pompeu. Todavia, essa pequena andança é, a nosso ver, uma passagem extremamente interessante que contribui para a intensidade que se experimenta no Centro.

A primeira impressão que tenho da galeria Pedro Jorge é de que se trata de um beco antigo que fora transformado em espaço de compras. A luz entra de forma peculiar no lugar, por vezes através de furos no telhado, dando uma sensação sinistra ao ambiente. Não há ambulantes aqui. E o meu andar é retilíneo e preciso. Ao mesmo tempo, em vez de prestar atenção apenas ao que ocorre a minha frente, a própria estrutura da galeria me permite ver, em perspectiva, o que vem adiante e o que está a minha volta. O meu olhar, então, salta não só por entre os outros transeuntes, mas pelas paredes da galeria e pela grande diversidade de letreiros que me interpelam insistentemente. E são tantos, conforme podemos ver na Figura 8, que minha passagem pela galeria é marcada pela predominância desse tipo de sinalização.



Figura 8 – Galeria Pedro Jorge. Fotos nossas.

Há, todavia, outros tipos de encontros na Galeria Pedro Jorge. Eles dizem respeito aos tipos de concentração de comércios e aos grupos que encontramos no percurso. No térreo da galeria, uma grande diversidade de estabelecimentos compõe o *mix* das 41 lojas encontradas na passagem: gráficas, papelarias, lojas de amolar facas, de conserto de eletrodomésticos, etc. Entretanto, o tipo de comércio que predomina na região é o da fé. Há, aqui, uma grande variedade de lojas especializadas no segmento cristão-evangélico. Portanto, não é estranho que veja entrar e sair das lojas senhoras de vestidos longos com terços e bíblias nas mãos. Em minhas andanças pela galeria, lembro-me da presença constante dessas mulheres, entrando e saindo da “Casa das Bíblias” que, segundo os lojistas, é a livraria cristã com o maior tempo de atuação no Ceará.

Paralelamente, conjugados a esses movimentos, há outros públicos que costumam frequentar essa passagem. Em minhas idas, observei um fluxo muito grande de pessoas que subiam as escadas do edifício Pedro Jorge, a nossa direita. É porque há, ali, nos quatro

pavimentos do imóvel, cerca de 164 salas comerciais voltadas para públicos diferentes daqueles do térreo. No primeiro andar, conhecido como “andar dos importados”, uma quantidade significativa de lojas variadas, de roupas a bijuterias, voltadas para comerciantes varejistas. Em uma dessas oportunidades de andar pelos corredores do edifício, conversei com Nonato Cruz, um dos lojistas:

Vem gente de toda parte comprar mercadoria nossa. [...] Hoje mesmo eu recebi um pessoal do Rio Grande do Norte. Mas tem gente até de Belém e de Manaus. [...] [As pessoas vêm para cá] porque aqui é muito mais barato! Se você comprar na rua, você não tem o mesmo preço. É por isso!

Esse contingente de excursões é comum no Centro de Fortaleza, em especial no horário da manhã. De modo geral, é realizado um percurso por feiras que começa no Mercado Central, passa pela rua José Avelino (que há alguns anos não fazia parte desse roteiro) e por áreas mais centrais da mancha, como a Galeria Pedro Jorge. Os grupos são formados principalmente por vendedores do interior, especialmente do Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão. Há toda uma estrutura informal para atender tais públicos: de táxis a hotéis<sup>32</sup>.

Além dos vendedores do varejo, é possível ver uma quantidade grande de jovens que chegam vestidos de preto, alguns com uma maquiagem forte de cor escura, *piercings* e tatuagens pelo corpo. Embora seja possível ver alguns conversando na passagem, a maioria sobe as escadarias do edifício em direção a seus três últimos andares, onde há uma grande quantidade de lojas voltadas para esse público. Embora formalmente seja conhecida como Galeria Pedro Jorge, para esses inusitados frequentadores, a passagem é apelidada de Galeria do Rock. São lojas de roupas, *cds*, artigos raros (como antigos *long plays* de bandas de rock), pulseiras *spikes*, bandanas, *piercings* e tatuagens. Só destes dois últimos segmentos, são pelo menos dez. A loja de *cds* mais antiga data do começo dos anos 1980.

---

<sup>32</sup> De uns anos para cá, vemos aumentar cada vez mais o número de africanos à procura de Fortaleza (a maioria de Cabo Verde). Em meu dia a dia, percebi que as faculdades particulares são as que mais recebem esse contingente migratório. Descobri também, conversando com uma feirante na rua José Avelino, que há um tráfico de contrabando brasileiro em direção à Praia, em Cabo Verde, que se abastece no Centro de Fortaleza.

Na condição de transeunte, tenho essa pluralidade diante de meus olhos: elementos tão antagônicos como uma menina com o cabelo punk frente a frente com uma daquelas senhoras da Casa das Bíblias. Certa vez, ao conversar com Carlinhos, um voluntário de um evento católico que fazia divulgação em frente à Galeria Pedro Jorge, ouvi esta reflexão sobre o lugar:

– Essa atividade que nós estamos fazendo hoje está acontecendo em todos os lugares de grande concentração de gente. Também está acontecendo na Praça do Ferreira, na Praça José de Alencar... Até nos terminais de ônibus. E eu fiquei na equipe que ficou responsável pela divulgação aqui, na Galeria. [...] A gente escolheu aqui porque aqui é um espaço de concentração, com um grande número de pessoas. Aqui tem todo tipo de gente, você vê: tem os jovens, senhoras, senhores... E a gente queria pegar o maior número de pessoas diferentes para chamar um pouquinho, passar dois minutinhos falando do amor de Deus.

– Mas não rola nenhuma tensão por vocês estarem aqui, tão perto? Quero dizer... Vocês sendo católicos e eles evangélicos?

– Não, nada a ver. Tudo isso são formas de adorar a Deus. Todo mundo se respeita aqui. Não tem problema. Se fosse assim, a gente nem viria para cá. A gente vem porque todo mundo é bem-vindo e todo mundo respeita todo mundo.

A região central é capaz de abarcar universos tão diversos que é possível que seja visto tanto uma menina punk quanto um grupo de senhoras evangélicas convivendo no mesmo local. Sobre esse contexto de possibilidades, escrevi em meu diário de campo, em fevereiro de 2012: “Em que outro lugar de Fortaleza isso seria tão possível? O Centro carrega uma conjugação de estilos que não se esgotam nem na arquitetura nem na publicidade. É, antes, uma conjugação de pessoas, de tribos, de desejos. No cantinho, escrito em letras apertadas, adicionei um *post scriptum*:

Duvido que isso aconteça no Iguatemi!

### **2.3 Rua Senador Pompeu**

Saindo da Galeria Pedro Jorge, chego à rua Senador Pompeu. Esta rua é, assim como a General Sampaio, uma das mais centrais e importantes do Centro de Fortaleza. Pela primeira vez em meu trajeto, encontro-me na posição de ter que atravessar uma via cheia de carros. Já mencionei antes que o Centro é um espaço para ser conquistado a pé, porém, como também já

mencionei, há uma grande quantidade de veículos na região. Não só os veículos daqueles que visam a ir ao Centro, mas também daqueles que atravessam o bairro para chegar a outras partes da cidade. Em lugares assim, as tensões entre pedestres e veículos ficam ainda mais visíveis.

O Centro é um espaço de trânsito. É difícil parar em meio ao fluxo. A multidão exige que eu ande, que prossiga. Como fazer então para atravessar a rua se os carros me colocam em uma situação de imobilidade? Duas multidões esperam nas calçadas, como duas margens de um rio. São os passantes que aguardam uma ocasião melhor para atravessar. Olhando para a via, em perspectiva, vejo que, aqui e acolá, transeuntes passam, com ou sem o consentimento dos motoristas. Isto é, há sempre os que atravessam a rua correndo o risco de serem atropelados, antes do momento apropriado. Sendo que este momento não é apenas quando o sinal fecha. Basta que o engarrafamento pare os automóveis por alguns segundos – e esses são momentos constantes no Centro – para que os passantes se ponham a cruzar as margens. Mesmo quando o trânsito desafoga e os veículos voltam a se movimentar, a multidão, insolente, continua a atravessar a via. Carros e pedestres, todos querem passar. Cabe ao carro, então, restabelecer a ordem. Isto é, investir em avanços que envolvem acelerar e buzinar, ameaçando os pedestres. Daí, então, a multidão espera de novo nas margens. Mesmo que um ou outro passante se aventure pelo perigo da travessia.

Do outro lado da Senador Pompeu, encontro as Lojas Americanas. Aqui, dentro do “centro do Centro”, não são os pequenos comércios que mais encontro, mas as grandes lojas de varejo: Laser Eletro Magazine, Esplanada, Rabelo, Casa Pio, etc. Os camelôs parecem se adequar ao produto predominante da região. Por exemplo: em frente a uma loja de salões de beleza, há uma vendedora ambulante especializada na venda de pentes e escovas; a seu lado, outra vende chapinhas. Adiante, nesta região que estamos, em frente à Rabelo, uma loja de eletrodomésticos, há ambulantes especializados em controles remotos e antenas. Certa vez, vi um vendedor de antenas de tevê demonstrando (com um microfone e um amplificador de som) o processo de instalação do equipamento, tendo, portanto, um aparelho de televisão ligado a sua frente.

Olha aqui, olha aqui, dona de casa! Você que tá passando agora, indo para o seu dentista, indo comprar alguma coisa, indo ver algum filme... Você que não sabe instalar uma antena na sua tevê. Pois eu vou ensinar. Tenho aqui, na minha mão, três tipos de antenas: de seis, de doze e de quinze reais. Só seis, doze e quinze reais! Veja aqui, dona de casa! Não peça ajuda para o seu filho, para o seu marido: monte você mesma sua antena de televisão. E você também, marido, compre uma antena nova para a sua esposa: tenho de seis, de doze e de quinze reais. Eu vou ensinar agora como montar, veja com é fácil, você vai chegar em casa e montar sua antena nova. É só encaixar aqui na tevê e pronto. Olha como a imagem fica bonita. Vamos lá, é fácil! Tenho de seis, de doze e de quinze reais!

De fato, é difícil ouvir apenas *uma* fala no Centro. Essa experiência perpassa uma quantidade grande de sons. Eles formam uma intensa orquestra que parece não fazer o menor sentido. São muitos os vendedores de *cds* e *dvds* piratas que anunciam seus produtos em alto e bom som por meio de amplificadores sonoros. Muitos dos vendedores têm um amplificador na mão, de modo que não há como se concentrar em apenas uma voz. São inúmeras. Elas formam um *remix* espontâneo e inesperado de muitas músicas e vozes distintas, de forma que o Padre Marcelo Rossi parece, assim, cantar lado a lado com o forró eletrônico mais esculachado que, por sua vez, mistura-se ao som de uma loja de eletrodomésticos (comuns nesta rua) que também coloca, à prova do consumidor, a eficiência do volume de seus televisores e aparelhos sonoros. Há também os ambulantes que gritam sem nenhum uso de aparato tecnológico. E eles são bem numerosos. Com a voz de altíssimo alcance, anunciam “no gogó”, falando de seus produtos das maneiras mais irreverentes possíveis.

De um lado, os ambulantes insistem em aumentar o volume, de outro são os lojistas que contratam locutores especializados para atrair clientes. Não muito dificilmente, encontro lojas cujos anunciantes são atores encarnados em personagens variados: de clássicos comediantes da noite humorística fortalezense que, aos berros, declaram que os preços de determinada loja são uma piada a palhaços e personagens famosos da televisão, como os do Sítio do Picapau Amarelo. O objetivo de todos é sempre o mesmo: surpreender o transeunte, incitá-lo a conhecer o estabelecimento.

Essas formas variadas de propaganda fazem parte do Centro. E elas, de maneira alguma, restringem-se às lojas locais – pequenas ou grandes. Mesmo as grandes empresas, cheias de estratégias de padronização das formas de promoção e venda, veem-se contagiadas

diante de um híbrido entre o fator institucional e o fator local. As Lojas Americanas, por exemplo, mantêm o mesmo cuidado institucional utilizado em todas as outras espalhadas pela cidade, mas há um fator local que destaca a loja do Centro.

No dia 30 de julho de 2011, fui surpreendido por esse estabelecimento ao testemunhar o uso de um desses locutores cujo timbre e discurso eram os mesmos dos vendedores do comércio informal. Não é um procedimento que estou acostumado a ver nas demais Lojas Americanas, mas é algo plenamente possível de ocorrer no Centro. Outras grandes marcas como o Bob's, a Marisa e a Riachuelo também já fizeram promoções semelhantes no período em que estive em campo.

Continuando meu trajeto, ando apressado entre transeuntes e ambulantes. De modo geral, os vendedores ambulantes não perambulam, conforme o nome “ambulante” sugere, mas se fixam ao longo das calçadas. Eles não trazem apenas os produtos expostos sobre um tecido, assim como é possível ver em algumas partes da Beira-Mar. Aqui, cada um traz consigo também uma barracinha desmontável. No alto dela, um imenso guarda-sol (ver Figura 9). Andando na Senador Pompeu, tenho, assim como na General Sampaio, o meu lado direito abarrotado de ambulantes e o meu esquerdo cheio de produtos de lojistas que não respeitam o espaço da calçada. Em virtude desses guarda-sóis, muitas vezes com produtos dependurados, preciso tomar cuidado para não bater a cabeça. Qualquer lugar, por mais improvável que possa parecer, transforma-se em um espaço de divulgação de produtos.



Figura 9 – Calçada na rua Senador Pompeu. Da esquerda para a direita: vista de dentro da Rabelo (foto da Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza), foto vista da rua (Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza), foto da calçada (foto nossa) em um dia particularmente mais vazio.

Em agosto de 2011, a Secretaria Executiva Regional entrevistou em outra região do Centro, nas intermediações do Parque da Criança. Ali, ela exigiu que as barracas fossem

padronizadas e proibiu a utilização de araras, manequins ou mesmo de guarda-sóis. Uma das vendedoras, Laudelina Gomes, em entrevista ao Diário do Nordeste, observou: “As araras e os manequins ajudam a fazer a propaganda das nossas mercadorias. E agora? A gente vai ficar o dia todo no sol também?” (SARAIVA, 2011). A questão chegou à região da Senador Pompeu. No dia 3 de fevereiro de 2012, conversando com o Seu Auterives, um vendedor ambulante dessa rua, ouvi o seguinte relato a respeito das diversas intervenções da prefeitura:

Toda vez tem isso aqui, faz tempo... Sai governo, entra governo, eles prometem que vão fazer alguma coisa por nós e não fazem. Inventam uma moda nova, mas no final o camelô volta a ficar na rua. Há quanto tempo eles não prometem os camelódromos? Lembra o que eles fizeram com o Beco da Poeira<sup>33</sup>? Aquilo foi uma covardia! Por isso é que eu acho que, enquanto eles não construírem primeiro um espaço bom, a gente vai continuar na rua. É muito camelô para pouco fiscal! [...] Eles precisam entender que a gente não faz isso porque acha bom não. A gente faz isso por sobrevivência. [...] O meu sonho é ter um ponto fixo, registrado, tudo direitinho. Mas não como esses que a prefeitura promete e que ficam longe de tudo, longe do comércio. Assim não dá!

Certa vez, no dia 12 de maio de 2011, quinta-feira, em uma das primeiras vezes que fui a campo, encontrei durante todo o percurso uma grande quantidade de transeuntes trajando roupas nas cores de uma das principais equipes do futebol local, o Ceará. Na noite anterior, quarta-feira, o Ceará conseguira, pela segunda vez consecutiva, derrotar o Flamengo, que estava invicto há 25 jogos na Copa do Brasil. Dessa forma, o “bonde sem freio” – como foi chamado o time carioca por sua incrível campanha durante os jogos – foi eliminado da disputa. O Ceará vencer o Flamengo duas vezes, uma no Rio de Janeiro e outra em Fortaleza, era um feito inesperado. Tratava-se de algo sem precedentes recentes na história do futebol local.

Esse acontecimento não tardou para contagiar as ruas de Fortaleza no dia seguinte. Em meu diário de campo, declaro-me surpreso com essa mudança nas cores do Centro:

A primeira coisa que eu percebo é que as formas coloridas da rua Senador Pompeu estão, hoje, monocromáticas. São muitos os

---

<sup>33</sup> O Beco da Poeira foi um local de concentração do comércio informal no início da década de 1990. Tornou-se um dos pontos mais visitados do Centro. Em 2010, os comerciantes foram transferidos para um galpão formado por mais de dois mil boxes que foi denominado “Centro Municipal de Pequenos Negócios Beco da Poeira”. Os permissionários reclamam que, depois da mudança, o fluxo de clientes diminuiu.

torcedores do Ceará que decidiram sair orgulhosos com as cores da seleção alvinegra. Se nas redes sociais, ontem, não se falava em outra coisa, eu vejo nas ruas, agora, o preto e o branco do time materializados nas camisetas dos frequentadores do Centro. Não se fala em outra coisa. Até mesmo as músicas tão variadas dos camelôs parecem tocar a mesma canção, a paródia cearense do bonde sem freio carioca: a carroça desembestada<sup>34</sup>.

Durante o período que estive em campo, em maio de 2011, nos dias que os cearenses, chamam de inverno (estação das chuvas), o Centro se apresentava um pouco mais vazio. Seu Aragão, dono de uma banca de jornais na Praça do Ferreira, contou-me sobre esses dias nublados. Segundo ele, os dias de chuva possuem um forte impacto nas ruas do Centro e o “movimento” diminui:

- Quando chove em março, abril... E até agora, em maio. Isso afeta o número de pessoas por aqui?
- Diminui tudo! O pessoal aqui é diferente do paulista, que tem que sair com chuva ou com sol, com frio ou com calor... Aqui, não. Aqui chove, pouca gente sai de casa. Aí, afeta o comércio. Se passar três dias chovendo, o comércio morre. Morre por três dias. Cai tudo, 50%.

Já no período do Natal, o Centro se transforma em um turbilhão de pessoas. Para atender a demanda maior que nos demais dias, as lojas, que normalmente encerram o expediente entre as 17h30 e 18h, passaram a fechar às 20h30. É uma sensação bem diferente andar pelo Centro e sentir ainda mais intensamente a vivacidade das ruas em pleno período noturno. Em Fortaleza, o sol se põe quase que pontualmente às 17h45 durante praticamente o ano todo. A experiência de andar durante a noite nessa mancha é uma ocasião rara e que gera, naturalmente, um estranhamento. Sobre tal, no dia 21 de dezembro de 2011, escrevi:

A sensação de estar rodeado de pessoas no Centro, em um período noturno, é diferente daquilo tudo que já vivi na região. É a primeira vez que tenho essa experiência. Há muitas pessoas e a decoração natalina me surpreende agora, durante a noite. Parece que estou em outro lugar que não em Fortaleza, afinal, essa mistura urbana, nesse período, é um evento raro aqui. Todas as atividades ordinárias do comércio funcionam normalmente, como se não houvesse nada de

---

<sup>34</sup> “Bonde sem freio” é uma canção muito criativa, um funk carioca feito para o Flamengo. À época, foi parodiada pela torcida cearense. Misturando o funk com o forró, a letra provocativa tocou imensamente naquela quinta-feira. Desde a primeira vitória do Ceará, quando a música foi produzida, até aquele dia, a versão foi exaustivamente repetida pelos camelôs do Centro. A paródia dizia: “Sai da frente, sai da frente... é a Carroça desembestada! / Tô sem freio é o caramba, vê se presta atenção / Se o Mengo é freio, o Vozão é freio de mão / E dentro da tua casa, tu pagou o maior micão / Uh! É freio de mão! / Uh! É freio de mão! / Carroça desembestada agora é o freio de mão!”.

extraordinário naquele dia artificial. Mas tudo mudou. É o Centro, mas ao mesmo tempo, um Centro que eu nunca tinha visto antes. [...] Fui embora depois de assistir a uma apresentação do Coral das Luzes na sacada do antigo Hotel Excelsior, ao lado de outros tantos que, como eu, estavam maravilhados!

Em janeiro de 2012, presenciei um novo ritmo no Centro. Na região da Praça dos Leões ocorre uma feira chamada Feira do troca-troca, em que é possível vender, comprar ou trocar livros escolares. Por isso, em todo o restante da mancha, fui constantemente chamado por ambulantes que me perguntavam: “Tá procurando algum livro, jovem?” (talvez porque estivesse de mochila e com um caderno na mão). Os ambulantes da rua Senador Pompeu, nessa região em que seguimos o nosso trajeto, são dos mais variados. Mas nessa época do ano, vejo que aqueles que vendem material escolar – canetas, cadernos, estojos, colas, grampeadores, etc. – multiplicam-se. Enfim, a depender da ocasião – seja a chuva, a época do ano, o horário, etc. – o Centro muda, todavia, sem deixar de ser Centro.

## **2.4 Rua Liberato Barroso**

Adentro, enfim, a rua Liberato Barroso. Não se trata de uma rua convencional, como a Senador Pompeu ou a General Sampaio. A Liberato Barroso é uma rua exclusiva de pedestres. Vias deste tipo, raras em Fortaleza, estão restritas ao Centro. De modo geral, foram intervenções urbanísticas trazidas pela prefeitura ao longo dos últimos 50 anos. O objetivo foi permitir mais tranquilamente o fluxo de transeuntes nessa região. São essas vias que me possibilitam atravessar o Centro – da Praça do Ferreira à Praça José de Alencar – sem me preocupar tanto com os carros. Elas são, de certa forma, como as galerias, embora tenham mais tenham a movimentação de pessoas características das ruas convencionais.

Uma rápida análise no projeto urbanístico da rua Liberato Barroso já nos fornece algumas informações sobre esse tipo de via. Ela foi projetada de modo que sua extensão inteira permitisse um tráfego tranquilo de pedestres. De um lado a outro da rua há pouco mais de 6 metros. No meio, um canteiro de árvores – além das marquises das lojas – garante sombra na passagem, ao mesmo tempo que divide a rua em duas seções. Entre as árvores, há ainda bancos de madeiras, dispostos de forma que um transeunte possa descansar. Enfim, por

meio do desenho da via, é possível identificar as boas intenções do urbanista em relação ao pedestre.

Certa vez, escrevi em meu diário de campo:

É uma experiência muito boa, enquanto andante, ter um espaço pensado especialmente *para* mim. Nas demais regiões do Centro, o passante ocupou, por vezes a contragosto, o espaço público, mas na Liberato Barroso ou na Guilherme Rocha, vê-se que o transeunte é sempre priorizado.

Estas minhas impressões encontram algum eco na fala de alguns pedestres, como Larissa, de 27 anos:

Eu acho que as ruas de passagem foram coisas muito boas. Já faz muito tempo, mas elas valorizaram muito o Centro. É melhor andar na rua de passagem que na rua de carro, né? Na verdade, deveria até ter mais! Porque é melhor você andar nessas ruas do que no meio dos carros, correndo o risco de ser atropelado.

Todavia, as intenções dos projetos urbanísticos são constantemente desafiadas pela dinâmica do dia a dia. Assim como as demais áreas do Centro, as ruas de pedestres também se tornaram espaços de intensa concentração de comércio. Nelas, a atividade informal ganha ainda mais destaque do que em qualquer outro lugar da região. Na Liberato Barroso, os ambulantes ocupam toda a parte central da rua, de modo que a larga passagem é dividida pela metade. Com os seus guarda-sóis coloridos, eles formam uma cobertura a mais, como se o passante adentrasse uma galeria escura, mas com a mesma – ou ainda maior – intensidade do comércio informal das ruas convencionais. A minha primeira impressão ao entrar nas ruas de pedestres é semelhante à de entrar em uma feira (ver Figura 10 a seguir).



Figura 10 – Esquina da rua Senador Pompeu com a rua Liberato Barroso (à esquerda, foto nossa) e com a General Sampaio (à direita, foto da Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza).

São nessas entradas que mais vemos congestionamentos de pessoas vindas de diferentes regiões do Centro. Andando, percebo que não há uma clareza no sentido dos fluxos: dos dois lados da via, os passantes vão e vêm. Há ziguezagues, encontros, esbarrões. Sobre esse aspecto de encontros forçados, Wilma, uma transeunte com quem conversei no dia 23 de julho de 2011, comenta:

É muito movimentado. É bom, mas tem limite, porque tem sempre pessoas te batendo. As pessoas andam devagar e ficam se batendo... Às vezes, elas andam muito rápido e não olham para onde andam. É o mal da cidade, né? Mas fazer o quê?

Em meu caminhar, percebo que a rua exige que continue a andar sempre prestando atenção no que vem imediatamente a seguir. Por vezes é preciso dar espaço quando alguém encosta de leve a mão em minhas costas como se pedisse para me ultrapassar. Em outras ocasiões, sou eu que, andando mais rápido que alguém à frente, peço sutilmente essa permissão para avançar. Ao mesmo tempo, há aqueles que andam apressados, cortando a frente dos demais transeuntes por meio de um caminhar ziguezagueante, nunca retilíneo, marcado por desvios. Também é possível, durante a travessia, que haja esbarrões com outros que param inesperadamente no meio da passagem para ver alguma coisa nas barracas dos camelôs ou nas lojas. Presenciei vários casos em que as pessoas se esbarravam, provocando um encontro inesperado de corpos, como observou Wilma. Essas vias são mais suscetíveis a esse tipo de fricção, afinal, a movimentação do Centro é mais intensa aqui do que em qualquer outra porção da mancha.

Na Liberato Barroso, assim como também vimos na General Sampaio, encontramos os produtos dos lojistas expostos para além do espaço comercial, invadindo a rua por cima e por baixo. O exemplo mais icônico dessa situação foi o que presenciei em uma loja da Rabelo<sup>35</sup>, em dezembro de 2011. Esse estabelecimento possui sua entrada alguns metros acima do nível da rua de modo que, imediatamente após a calçada, há uma elegante escadaria de pedra branca, antes do que seria realmente a loja. Mas os produtos não se restringem ao espaço do

---

<sup>35</sup> Essa loja não fica na Liberato Barroso, mas na rua Senador Pompeu, 1087. Destaco apenas por ser o exemplo que mais me marcou. Todavia, procedimentos semelhantes podem ser observados em todo o Centro.

estabelecimento comercial. Ao contrário, a escadaria vira, então, uma extensão do comércio. Ao longo de seus degraus, os produtos são expostos: máquinas de lavar roupa, geladeiras, colchões, micro-ondas, etc. Enfim, há, nas ruas do Centro de Fortaleza, uma proliferação dessas apropriações do espaço – seja por pessoas ou mercadorias. Não é de se estranhar que seja possível relacionar a caminhada na região com uma profunda exaustão.

Camila, uma dona de casa com quem conversei sobre a movimentação da rua Liberato Barroso, em janeiro de 2012, fez observações muito interessantes a respeito da experiência de “se acostumar” à região. Diz ela:

- Se eu passar muito tempo sem vir pro Centro, eu fico desorientada aqui, porque essas ruazinhas [falávamos da rua Liberato Barroso] têm muita gente vendendo tudo. É muita informação ao mesmo tempo. [...] Porque você vem pro Centro resolver isso, isso ou isso... A, B ou C. Aí, você quer ir para casa correndo porque é tudo muito tumultuado.
- É, eu sei, quando eu comecei a pesquisa, eu passava duas, três horas aqui, chegava em casa e dormia. Ficava muito cansado. Hoje, eu já estou mais acostumado um pouquinho, mas ainda chego cansado!
- É questão de costume. As primeiras vezes que eu vinha, quando eu era criança, eu chegava a passar mal. Aí, você vai se acostumando, até gostando... Mas também, se você passar um período sem vir, tem que se reacostumar.

Conversei também com pessoas que pareciam detestar ir ao Centro. Elas argumentavam que iam por “ser o jeito”, e que, na possibilidade de ir para outro lugar, optavam por evitar a região central. Esse tipo de passante forma um perfil de transeunte que não costuma andar muito na mancha. Em suma, percebo, quando relaciono tais falas às observações de Camila, que eles não estão “acostumados” com aquela realidade.

Daniel, um jovem que encontrei certa vez, diz pouco ir ao Centro, indo apenas quando “é o jeito”:

- Eu prefiro ir no *shopping*, mas quando eu preciso comprar alguma coisa que só tem aqui, eu tenho que vir, né? É o jeito!
- E você tem que vir aqui muitas vezes?
- Graças a Deus, não! Raramente eu venho aqui. Uma vez no ano, no máximo. E venho porque é o jeito, como eu disse.
- Qual o problema de vir ao Centro?
- Tudo! É muita sujeira, muita gente, é perigoso. Sei lá... Eu não gosto.

Estefânia e Rafaela, respectivamente, em outras ocasiões, fizeram coro à fala de Daniel, elencando argumentos sobre suas aversões ao local.

Eu nunca vou ao Centro. [...] Porque é quente, é fedorento e tem muita gente andando no Centro. Eu não me sinto segura andando no Centro. [...] Eu não sei andar no Centro, eu nunca consegui aprender. Literalmente, a única vez, eu me perdi, porque as ruas são muito iguais, se você não decorar os nomes, você se perde. [...] Quando eu preciso comprar alguma coisa vou ao *shopping*. *Shopping* ou internet. Hoje é uma exceção!

Se eu passo uma hora no Centro, parece que foram umas cinco horas. [...] O Centro é muito exaustivo. É muita gente, muita coisa, muito barulho, muito... Sei não... Não tem como andar, tem sempre alguém te empurrando e tem sempre alguém suado ou fedendo, ou gritando no seu ouvido, não dá. Eu não gosto de ir no Centro por causa disso. [...] Sinceramente, o Centro só dá periferia.

De volta ao trajeto, atravesso mais uma rua, a Barão do Rio Branco, a última antes de chegarmos, enfim, à Praça do Ferreira. Caminhando, percebo que os postes e as caixas de energia estão abarrotados de papéis variados: de currículos a cursos diversos, de anúncios de venda de casas de praia a mensagens bíblicas. Entretanto, os mais constantes são, certamente, os anúncios de “profissionais da sorte”: “Irmã Jurema, cartas, búzios e tarô”, “Sarah traz a pessoa amada”, “Irmã Angelita: cartas e búzios”, etc. Dessa forma, começo a perceber que há toda uma gama de práticas comunicativas visuais à margem dos espaços institucionalizados<sup>36</sup> (ver Figura 11) além dos anúncios e placas das lojas comerciais.



Figura 11 – Alguns exemplos de práticas comunicativas possíveis de serem observadas no trajeto da rua Liberato Barroso. (Fotos nossas).

<sup>36</sup> Quando fiz uma última visita em outubro de 2012, a fim de confirmar alguns dados, percebi também a presença constante de santinhos e cartazes de candidatos à prefeitura e à Câmara Municipal de Fortaleza.

As pichações são um desses elementos constantes no Centro. Não seria certo dizer que há muitas, mas não é possível avançar sem esbarrar em alguns desses exemplares nas paredes das casas e do comércio. Nesse trecho da Liberato Barroso, a pichação aparece ao lado da publicidade e, em alguns casos, sobre ela, ocupando seu lugar. Mas, na maioria das intervenções, elas estão nos prédios e no alto dos casarões, acima das marquises. De igual intensidade são as manifestações em lambe-lambe, grafite e estêncil. Ao fim dessa parte do trajeto, percebo uma pequena intervenção urbana: um estêncil de um caranguejo pixelizado com a inscrição “Monstra” abaixo. “Mas o que quer dizer aquilo?”, pergunto-me<sup>37</sup>.

Chego, enfim, ao término da rua Liberato Barroso. Se seguisse pela direita, iria encontrar mais “Centro” adiante. Seguindo em direção ao Sertão, veria, a cada quarteirão, a mancha se desfazer... Viro, contudo, à esquerda, seguindo uma calçada – na rua Major Facundo – que ainda se aproveita do movimento da Liberato Barroso. Bastam alguns passos para que a calçada e a minha visão se abram em um espaço largo, monumental. É o coração pulsante da metrópole sertaneja.

## **2.5 Praça do Ferreira**

Ao chegar à Praça do Ferreira, vejo centenas de pessoas – algumas sentadas, outras em trânsito. Aquelas que caminham, diferente das demais áreas do Centro, não estão lado a lado, ultrapassando umas às outras, mas espalhadas de modo disforme em um espaço monumental. Aqui, o trânsito de passantes é retilíneo, sem esbarrões. Ando mais à vontade, com o passo menos apressado que em outras áreas do Centro. Se antes o trânsito de pessoas nas ruas era demasiadamente denso, na praça, as pessoas se separam, diluem-se no espaço. Do meu ponto de vista, os prédios ao redor ganham mais importância do que nas demais áreas em que trafeguei: a aventura do olhar que se restringia ao que estava imediatamente próximo a mim, escapa para ver o que vem adiante. Na perspectiva profunda, os altos prédios – e aqui, eles são os mais altos do Centro – tornam-se pequenos. Em comparação à imagem no cinema, é

---

<sup>37</sup> Certo tempo depois do período em que passei em campo, descobri que Monstra é um coletivo de artistas visuais que trabalham com intervenções no espaço público.

como se estivesse diante de um “plano geral”, isto é, como se fosse possível ver a paisagem de longe, sem os detalhes dos *closes*.

A multidão adentra a praça por todos os lados. Vem da Liberato Barroso – como eu –, da Guilherme Rocha, da galeria São Luís, da parte mais ao norte da Major Facundo, da Floriano Peixoto, das ruas de pedestres que se ligam à Praça dos Leões... Enfim, diz-se que todos os caminhos levam à Roma. Aqui, no Centro de Fortaleza, todos os caminhos levam à Praça do Ferreira. Esse é um dos motivos que a faz ser o coração da cidade.

Começarei a descrever a praça (ver Figura 12) pelo seu projeto urbano. Embora não sejam as linhas de seu arquiteto, Fausto Nilo, as únicas que provocam meu interesse por ela. Há também outras, feitas de um traçado menos preciso, todavia mais expressivo e que dizem respeito aos encontros possíveis nesse contingente.



Figura 12 – Praça do Ferreira do alto, do nível dos olhos e a Coluna das Horas. À esquerda, reprodução a partir do Google Maps; as demais são fotos nossas.

A praça é retangular. As duas faces maiores correspondem a leste e a oeste de Fortaleza. Assim, na face norte da praça, se caminho em direção à rua Major Facundo e à Floriano Peixoto, encontrarei o Atlântico adiante. Se ando no sentido contrário, para o sul, o sertão. Exatamente no meio da praça, vejo a Coluna da Hora, um relógio-monumento que faz referência a outro ainda mais antigo que fora destruído no período da ditadura militar. Ao redor da coluna, um espelho d’água com uma fonte de águas dançantes. Na face norte da praça, há quatro casinhas que abrigam, cada uma, duas bancas de jornais. A arquitetura delas é semelhante à dos cafés que existiam na Praça do Ferreira (como o Café Java, que vimos no capítulo anterior). Na face sul, mais outras duas dessas. Próximo às duas faces maiores desse retângulo (lado leste e oeste), há um conjunto de bancos de madeira que formam um colchete

aberto em direção à Coluna da Hora. Esse conjunto forma bancos de ambos os lados, de modo que é possível haver pessoas de costas: algumas olhando para dentro da praça, e outras para seus limites. Há ainda quatro canteiros retangulares que são também cercados por bancos. Eles estão dispostos nas extremidades angulares do plano, entre os bancos centrais e as bancas de revistas. Por fim, há outro canteiro entre as duas “casinhas” da face sul da praça, também cercado de bancos.

Mas como já mencionei, só a descrição física da praça não daria conta de sua vivacidade e de sua importância para a cidade. É possível afirmar que, para os que são de Fortaleza, a Praça do Ferreira é reconhecida como o coração da cidade, o berço da urbanização de nossa metrópole sertaneja. Mesmo as esferas do Estado costumam representar Fortaleza por meio do desenho da Coluna das Horas. Enfim, há uma relação afetiva muito forte, me parece, entre a Praça do Ferreira e os fortalezenses. Carlos, um estudante de jornalismo, e Camila, a dona de casa que já apresentamos anteriormente, em nossa conversa sobre a Liberato Barroso, acrescentaram respectivamente sobre tal:

Eu conheci a Praça do Ferreira desde que eu cheguei em Fortaleza há quatro anos. Foi um dos primeiros espaços que eu conheci através de um amigo meu que me mostrou e falou da centralidade dela na cidade. [...] Se você conversar com as pessoas para onde elas vão, elas sempre falam da Praça do Ferreira, que é um espaço importante do Centro.

Eu acredito que a Praça do Ferreira é fortalezense. A gente vê a Beira-Mar, a gente que é daqui, como uma coisa para turista ver. Porque eu fui na Beira-Mar esse final de semana e já fazia muitos anos que eu não ia para a Beira-Mar, né? Mas, na Praça do Ferreira, querendo ou não, eu estou sempre aqui. É uma coisa de Fortaleza mesmo. A Beira-Mar você vai para levar um amigo que é turista e tal...

Não só Carlos e Camila reconhecem a “centralidade” e a importância da Praça do Ferreira para Fortaleza como também outras pessoas com quem conversei, como os organizadores de eventos ou de manifestações públicas. A eles, sempre questionei a escolha da Praça do Ferreira para esses acontecimentos.

Nina de Carvalho, a presidente da Associação das Esposas de Militares do Estado do Ceará comentou na ocasião em que participava de uma manifestação dos servidores públicos do Estado:

A gente sempre escolhe a Praça do Ferreira porque ela é hoje um referencial para esses movimentos, por ser no Centro da cidade, onde tem sempre gente passando. Passa gente de todos os lados e é onde queremos passar nossa mensagem de indignação. [...] A praça abrange todos os movimentos, de todas as entidades. Então aqui é sempre o foco. Aqui passa público de todos os segmentos.

Já uma pesquisadora do Cetrata (Centro de Tratamento de Transtornos Alimentares) – um grupo interdisciplinar de Psicologia, Fisioterapia e Nutrição da UFC – que, na ocasião, fazia uma atividade na Praça do Ferreira apontou:

A Praça do Ferreira, ela é referência para a divulgação de eventos, para serviços de saúde para a comunidade de forma geral, é um local de grande circulação de pessoas, não fica restringida a um público específico... [...] A gente direcionou para a praça por ela já ser referência. [...] Aqui, as pessoas estão passando, não estão aqui se encontrando por algum motivo específico, como uma sala de aula que é onde as pessoas vão porque são alunos daquele curso. A academia de ginástica, que elas vão para malhar. [...] Passam pessoas de várias idades, sexos, de todos os lugares e que querem coisas bem diferentes.

Há muitas praças no Centro, mas é a Praça do Ferreira que mais atrai os passantes. Ela é um dos principais lugares de convergência de transeuntes, quiçá o principal; é um coração pulsante que não cansa de atrair novos contingentes. Não é estranho que faça parte de meu percurso. Assim como eu, outros também a atravessam, e por vezes, sentam em seus bancos.

Uma vez aqui, gostaria de descrever os prédios de seu entorno, todos muito bem cuidados, pelo menos mais do qualquer outra área do Centro. Há edifícios pequenos com aparência de antigos ao lado de outros grandes, com mais de mais de quinze andares. Um ecletismo que chama atenção. De um lado, há a lanchonete Leão do Sul, onde eu sempre ia tomar um caldo de cana ao terminar o campo. É um desses estabelecimentos que se destacam por sua fachada preservada. Não muito distante, em outro casarão, a Farmácia Oswaldo Cruz, que recentemente passou por um processo de tombamento pelo município, mantém não só a fachada, mas o mobiliário e os azulejos internos igualmente conservados. Quase a seu lado, o mais alto dos prédios da Praça do Ferreira expõe uma gigantesca empena publicitária em sua medianeira. Foram várias as campanhas que vi ali expostas, da modelo Ana Hickmann em um anúncio da Romanel à divulgação da nova coleção da Riachuelo. Quinzenalmente, vi o espaço ser trocado, com um novo anúncio a surgir na superfície privilegiada do edifício.

Enfim, uma descrição da Praça do Ferreira passa por esses prédios de estilos ecléticos que convivem lado a lado (Vide Figura 13).



Figura 13 – Algumas fachadas e prédios do entorno da Praça do Ferreira. Fotos nossas.

Em meu diário de campo, em várias ocasiões, discuto que, apesar das fachadas preservadas, há sempre práticas comunicativas que fazem referência às situações atuais conjugadas ao estilo antigo. Junto à entrada da Oswaldo Cruz, por exemplo, é comum haver cartazes com promoções e banners de medicamentos conjugados ao estilo antigo do sobrado.

Eu fico imaginando o Centro sem essa coisa toda. Sem a propaganda... Porque aqui é tudo muito tumultuado. Imagina se fossem só as lojas, as calçadas... Você viria, ficaria na praça... Tem tanto prédio lindo! Os que estão em volta da praça são lindos! Quando eu venho com a minha mãe, já que ela é das antigas, e trabalhou muito tempo no Centro, ela vai me explicando as histórias dos prédios e vai mudando o meu olhar. Eu vou olhando para esses prédios antigos... Aí você esquece esse tumulto e curte bem mais. (Camila)

Eu acho feio. Porque as fachadas dos prédios são antigas e são bonitas, a prefeitura devia valorizar, né? Para chamar mais atenção do Centro. O cinema também tá todo deteriorado, e ele era muito bonito. (Elenice)

Se eu dissesse que me importava, eu estaria mentindo. Eu acho que é assim mesmo. Tem que ter para fazer a propaganda. [...] Não atrapalha nada minha vida. (Seu Pedro)

Eles [os prédios] me fazem pensar sobre a história do Centro. Pensar como ele era... [...] Os anúncios colocam o que a gente quer hoje em dia, mas sem também tapar tudo com uma lona e colocar um nome gigante. (Elano)

Mesmo na Praça do Ferreira, onde mais do que em qualquer outro lugar do Centro há preservação das fachadas históricas, vemos o novo se conjugar ao antigo.

Em relação ao comércio na região, percebo que, na Praça do Ferreira, não há vendedores ambulantes em barraquinhas como as que apareceram durante quase todo o trajeto. Os fiscais da prefeitura, presentes em muitos dos momentos em que estive na praça, inibem tais práticas. A recomendação, segundo certa vez li no jornal, é não deixar ninguém sem autorização da Secretaria Regional do Centro montar qualquer estrutura fixa. Assim, na praça, os únicos ambulantes são os vendedores de mugunzá, de pipoca e de picolé que circulam sem parar. Estes últimos, os mais numerosos, sempre estão tocando um sininho, tanto que associei o tintilar à região. Mesmo nos áudios que gravei, os vendedores de picolé marcam sua presença ao fundo.

Esses sons são misturados a outros tipos de apelos comerciais: como as interpelações dos jovens vendedores de *chips* de telefonia móvel e cartões de crédito que me chamam insistentemente, além dos encarregados de realizar enquetes para pesquisas de mercado. Além desses, há ainda, apesar de não serem constantes, as promoções por meio de alto-falantes, tais como nas demais ruas de nosso trajeto. A Farmácia Oswaldo Cruz, por exemplo, tão conhecida por preservar sua fachada, é a loja que mais faz uso dessa prática.

Tudo o que descrevi até agora é apenas uma parte da diversidade de acontecimentos que participam de minha experiência transeunte. Seria impossível restringir a Praça do Ferreira apenas à arquitetura e à publicidade. Há ainda uma dinâmica de pessoas que se deslocam de um lado para o outro e que, por vezes, param e sentam em um de seus bancos. Segundo uma dessas frequentadoras, Herliande – que foi quem primeiro citei, ainda na Introdução deste trabalho (ver página 12) – a praça poderia ser pensada em dois lados: o lado de maior movimento e o de menor.

Conversei com ela em uma situação peculiar: assistíamos a um casal de moradores em situação de rua discutir no meio da praça. Na confusão, a mulher jogou, inesperadamente, uma pedra no parceiro. Ele conseguiu desviar a tempo. A pedra, contudo, por pouco não me acertou. Foi aí que, afastando-me da briga, comecei a conversa com Herliande.

Primeiro falamos da pedra que quase me acertou. Depois, da falta de policiais na praça. Foi então que, passados alguns minutos de silêncio, percebi que Herliande estava estudando. Curioso, perguntei por que ela estava estudando ali, no meio da praça. E mais surpreso fiquei

quando ela me respondeu: “Porque aqui é mais calmo!”. Mas como a praça poderia ser um lugar calmo, se eu mesmo quase sofrera um acidente há alguns minutos? Foi então que, conversando com ela – e depois de me apresentar como pesquisador – entendi que *aquela lado* da praça era calmo.

Como já havia dito antes, os fluxos de pessoas que chegavam à praça espalhavam-se. Mas não uniformemente. Há um lado mais movimentado, que é o do Cine São Luís, e outro – onde estava conversando com Herliande – em que há menos passantes e pessoas sentadas. Os bancos do outro lado, conforme pude comprovar durante as minhas idas a campo, eram sempre os mais disputados. Isso ocorre porque aquela região recebe um maior contingente das pessoas que vêm das ruas de pedestres. Enquanto que, onde eu estava, podia ver uma rua de carros (a Floriano Peixoto) e uma porção menos movimentada do Centro a leste. Há ainda outro fator que Herliande me ajudou a desvendar: a temperatura. Durante as tardes da Praça do Ferreira, essa porção próxima ao Cine São Luís é a primeira a receber a sombra dos prédios. Assim, apesar da quantidade grande de bancos ao redor de toda a praça, os que ficam ao sol estão relativamente vazios, enquanto os outros, à sombra, estão sempre apertados.

Herliande me disse que a sombra torna o lado próximo ao Cine São Luís mais movimentado. O que, por sua vez, possibilita a maior quantidade de pessoas nos bancos. Segundo ela, os que mais conversam são os aposentados. “Os que estão só passando”, disse, “falam pouco”. Poderíamos talvez, seguindo a indicação de Herliande, distinguir, no Centro, aqueles *que ficam* e aqueles *que passam*.

Os que *passam* são os transeuntes que vão ao Centro e que param por alguns minutos na praça para descansar, ver alguma coisa e talvez conversar com alguém, seja algum acompanhante ou mesmo estranho. Mas, passada uma pequena porção de tempo, não mais que meia hora, seguem adiante. Para eles, a praça nunca é o destino final, mas um lugar de passagem entre os objetivos que os levaram ao Centro. É o caso de dois senhores cuja conversa ouvi. Ao chegar, um disse ao outro: “Vamos sentar aqui um pouquinho para melhorar a mente”. Passado um quarto de hora de conversa, os dois levantaram-se e seguiram adiante.

Em um outro momento, conversei com Elenice, uma senhora que passava na Praça do Ferreira durante um evento de São João, em julho de 2012:

- Eu estava passando aqui agora, né? A praça estava animada... A quadrilha também. São João! Eu parei para ver um pouquinho, mas já está bem no final agora. [...] Eu sempre ando na Praça do Ferreira quando venho pro Centro. [...] Eu acho a Praça do Ferreira a melhor de Fortaleza, porque as outras estão abandonadas. Essa daqui tem mais eventos, é mais limpa e tem mais segurança. As outras são esquisitas, não dá nem vontade de você ir nas praças. [...]
- Mas o que te fez vir ao Centro?
- Eu vim pagar umas contas e comprar umas roupinhas.

Manuela, uma jovem com quem conversei brevemente na Praça do Ferreira, também me falou sobre suas idas à região:

- Eu não vim para a Praça do Ferreira não. Eu vim foi procurar uma senhora que sempre vende uns docinhos gostosos aqui perto. Eu só sentei aqui um pouco. Mas eu não costumo ficar aqui não.
- Mas quando você vem pro Centro, você sempre para aqui um pouco?
- Não... Depende, né? Se eu estiver cansada, eu paro. Mas ficar aqui o dia todo, eu não fico não.

Tiago, um jovem estudante, respondeu a minha indagação sobre sua ida à praça observando que ela sempre está no caminho de seu percurso.

- É que é caminho. Ela fica no caminho para fazer qualquer coisa. [...] Quase tudo que você faz, você tem que passar aqui.

Finalmente, assim como o jovem Tiago, Seu Aragão, o dono de uma banca de revista na Praça do Ferreira, com toda sua experiência, observa a centralidade da praça para todos aqueles que andam no Centro.

- Aqui circula muita gente que chega, senta um pouquinho e vai embora. Porque aqui você tem ligação com vários pontos da cidade, quem vai pegar ônibus vai para acolá, pro lado da praça da Estação, pro lado da 24 de Março... Quem vai pra Coração de Jesus, vai para os bairros daquele lado. Tem a Duque de Caxias... [...] Eu estou aqui fixo há 34 anos, então eu tive muita visão daqui de quem é quem, quem levanta, então eu sei mais ou menos os acontecimentos. Tudo eu tô vendo...

O outro grupo que quero destacar são as pessoas que vão à praça como destino final, isto é, aqueles que permanecem, que *ficam*. Além daqueles que trabalham no Centro (os garis, os policiais, os servidores da prefeitura, os ambulantes, etc.), há grupos que vão a lazer e que passam uma determinada quantidade de horas na praça. Entre eles, os aposentados são os mais antigos e mais fiéis frequentadores<sup>38</sup>.

Sobre estes, minha primeira impressão foi a de que formavam um *único* grupo, quando, na realidade, são muitos agrupamentos distintos. Eles se reúnem na praça durante todas as tardes de segunda a sexta, e durante as manhãs de sábado. Chegam sem a pretensão de ter que necessariamente fazer algo no comércio do Centro, mas de simplesmente conversar com os amigos. Afinal, os aposentados são, antes de tudo, grupos de velhos amigos.

Sobre tal, Seu Jeremias, um dos aposentados com quem conversei, pontuou:

Eu adoro vir aqui para passar o tempo. Alguém da sua idade não sabe, mas esse lugar é um lugar muito especial. Eu lembro que eu vinha de longe só para encontrar os amigos aqui na praça, sabe? [...] Até hoje os meus amigos vêm para cá. A gente não escolheu esse lugar por acaso, não, ou porque é perto... É porque a gente faz isso faz tempo, da época de rapaz, sabe?

Mézim, outro aposentado, em outro momento, também comentou a presença constante de aposentados na Praça do Ferreira:

Eu acho que esse povo todo [os aposentados] vem para cá porque é agradável. É melhor do que ficar em casa vendo tevê, né? Eles vêm para ver os amigos. Talvez porque não queiram receber os amigos em casa, porque dá trabalho... Sei não. [...] Eu acho que é por isso, para não ter trabalho em casa, né?

Além dos aposentados, entre os frequentadores que ficam, há ainda os artistas de rua, os surdos-mudos, os estudantes e os crentes. Destes últimos, vejo pelo menos um diariamente em frente a um banco protegido do sol pela sombra de uma árvore, próximo à Farmácia Oswaldo Cruz. Muitos transeuntes ouvem atentos à pregação, alguns conversam entre si.

---

<sup>38</sup> No começo do trabalho, os aposentados eram os sujeitos que eu havia decidido pesquisar. Só ao longo do desenvolvimento do projeto e das constantes idas a campo foi que ampliei o quadro para os transeuntes. Portanto, acabei coletando muitos dados sobre os aposentados. Há também a disponibilidade de alguns deles para conversar. Outros, todavia, formam grupos fechados que são quase impenetráveis.

À medida que passei a visitar mais a praça, percebi que alguns desses artistas de rua, bêbados e pastores frequentavam o local diariamente. De modo que, ao contrário de compreender seus espetáculos e pregações como acontecimentos espontâneos, inesperados, passei a tomá-los como previsíveis, envolvidos na rotina da praça, mesmo que a palavra “rotina” pareça, a priori, estranha ao espaço público do Centro. Conforme passei a ir mais vezes, comecei a notar as mesmas pessoas e a me tornar um conhecido delas.

Gostaria de relatar uma dessas amizades em particular. Ela é excêntrica de alguma forma porque, a princípio, nunca havia conversado com o sujeito. Trata-se de Samuel, uma espécie de artista de rua. Ele fica diariamente no mesmo lugar, próximo ao Cine São Luís, sempre em frente aos bancos, sua plateia. Usando vestidinho e, às vezes, uma peruca como as de carnaval, Samuel traz consigo um carrinho de supermercado decorado de fotos de artistas. Independente das horas em que chego ao Centro, meu “amigo” sempre está lá, quase sempre se apresentando. Com seu inseparável aparelho de som, ele dubla as mais variadas músicas, uma a uma, durante toda a tarde. Como passava por ele todos os dias e, por vezes, sentava a sua frente, ele começou a me cumprimentar com o olhar, como se me reconhecesse, como se fôssemos velhos conhecidos. Eu, então, passei a responder o cumprimento.

Dentre os demais que costumo ver pelas ruas, há outra figura que sempre gostei muito. Trata-se de um poeta chamado Mário Gomes. Ele está sempre indo e voltando pelas ruas do Centro, seguindo um caminho que vai do Dragão do Mar até a Praça do Ferreira. Mário se tornou uma espécie de celebridade, um cidadão ilustre de Fortaleza. É um misterioso poeta que renunciou a tudo para viver nas ruas, nas praças. Embora famoso, com 8 livros publicados e uma biografia editada por Márcio Catunda, ele não parece viver sob nenhuma espécie de glamour de “vida de celebridade”. Ao contrário, anda sempre maltrapilho, com a barba por fazer e usando um paletó surrado. É comum vê-lo na Praça do Ferreira, seu “escritório”, onde sempre está sozinho e desconfiado. Ele não gosta que se aproximem. Mas apesar de não falar com ninguém, conversa consigo mesmo o tempo todo.

Os crentes, o Samuel e o Mário são exemplos do que há de mais cotidiano na Praça do Ferreira. Embora esse cotidiano só esteja mais visível para os que se acostumaram com o dia a dia do lugar. É interessante ver que para aqueles que passam, esses sujeitos podem ser

entendidos como um acontecimento inesperado no Centro de Fortaleza, digno da atenção de todos. Um espetáculo. Mesmo que, para os que ficam, eles façam parte do cotidiano, da “harmonia” da praça.

Sobre o poeta, certa vez, um dos aposentados esclareceu:

Ele é assim mesmo, mas ele não faz mal a ninguém, não, viu? Se alguém tentar intimidar com ele, a gente aqui da praça defende. Todo mundo conhece o poeta, ele é famoso mesmo. Famoso de livro publicado e de receber homenagem. Mas tem gente que não entende e que chega pensando que ele é doido. Mas ele não é doido não. Ele é da gente.

Em uma ocasião em que um vendedor de pipoca conversava com sua freguesa, foi comentado:

Pode até acontecer alguma briga, mas todo mundo sabe que o poeta nunca começa a briga. No máximo, os policiais colocam ele no carro e soltam uns quarteirões depois. Porque ele não faz mal a ninguém. São os outros que vêm fazer mal a ele.

Para quem não se detém na praça, a relação de reconhecimento desses sujeitos com a praça pode passar despercebida. Essa e outras relações fazem parte de um arranjo só compreendido por quem já conhece a rotina do lugar.

Outro exemplo é, certamente, o banco em que devo sentar. Para mim, assim como para os outros passantes, os melhores lugares são sempre os que estão cobertos pela sombra, claro. Todavia, conversando com Seu Aragão, o dono de uma banca de jornal cuja parte da conversa já destaquei, percebi que há outra dinâmica bem particular na Praça de Ferreira, que é sobre o espaço de cada um.

A praça do Ferreira ainda é considerada o coração da cidade. Idosos frequentam aqui, principalmente à tarde. Isso aqui fica lotado de aposentados, de pessoas de todos os níveis sociais. E tem outras classes também. Tem o lado dos surdos-mudos. Tem o lado dos gays. Você tem que tomar cuidado para não sentar no canto errado! Todas as figuras esdrúxulas vêm para cá. Tudo se encontra aqui. O canto que você senta, a gente aqui, que conhece, aí considera todo aquele pessoal do mesmo grupo.

Entretanto, essa harmonia visível quase que exclusivamente para aqueles que ficam, é constantemente desfeita. E isso ocorre principalmente quando a Praça do Ferreira é palco de

manifestações políticas, eventos públicos e intervenções artísticas (ver Figura 14), enfim, eventos que a elegem como o coração da cidade, como espaço de divulgação. Dessa maneira, eles desestruturaram as constantes que haviam ali – mesmo que estas sejam visíveis para uns e invisíveis para outros.



Figura 14 – Manifestações e eventos diversos na Praça do Ferreira. Fotos nossas.

Basta que um palco seja montado para que os lugares exclusivos pensados pelo Seu Aragão se desfaçam. Havendo uma passeata, parte da praça é ocupada por contingentes diferentes. Na ocasião de algumas manifestações grevistas, por exemplo, uma porção da praça ficou totalmente ocupada, promovendo uma superlotação da outra porção. No São João, um grande palco foi montado próximo à travessa Pará, de modo que diversos passantes se aglomeraram na porção superior da praça, forçando os aposentados a ir para os bancos próximos à rua Pedro Jorge. O mesmo aconteceu no Natal, quando um coral foi montado nas sacadas do Hotel Excelsior, e a porção da praça que vai até o início do Cine São Luís ficou lotada.

Há também eventos que ocorrem muito rapidamente, mas que modificam temporariamente a dinâmica do espaço público. Certa manhã de sábado, por exemplo, uma bandinha de carnaval desfilou inesperadamente pelas ruas do Centro, formando um grande número de passantes curiosos que a seguiam pelas ruas de passagem até sua dispersão na Praça do Ferreira. Uma vez, devotos do movimento Hare Krishna ocuparam a praça, conversaram com os passantes e distribuíram folhetos e livrinhos. O efeito dessas rápidas ocupações são novos arranjos naquilo que já era, de certa forma, “fixo” na praça. Samuel, nessas ocasiões, para de cantar e fica assistindo, como os demais, ao que acontece na praça. A

grande porção de espaços dos aposentados se mistura, então, a outros grupos. Só as formações menores, as “panelinhas”, é que parecem continuar unidas.

Para a maioria dos transeuntes, todavia, todo e qualquer arranjo da praça – mesmo aqueles mais ordinários – parecem novidades, pois conforme Herliande me disse, quando informei que estava interessado em estudar a região: “Se você vai estudar o Centro, você vai ter muito o que estudar. *Aqui tem sempre uma novidade!*”.

Esse efeito de novidade acaba por se tornar assunto para as conversas, mesmo entre estranhos. Foi o que aconteceu na situação que destaco a seguir, onde uma senhora começou a conversar comigo por causa de um crente que pregava o evangelho.

- Esse daí só pode é ser evangélico. [...] Meu filho, desculpe, você não é evangélico, é?
- Eu? Não, sou não.
- Que bom! Porque eu já ia começar a falar desse povo sem saber sua religião. Vai que você é evangélico...

Eu anotei trechos de variadas conversas como estas, que tiveram como estopim um acontecimento qualquer que gerou certa atenção mútua. Em fevereiro de 2012, por exemplo, enquanto uma dupla sertaneja de músicos de rua se apresentava e vendia *cds*, um senhor a meu lado puxou assunto com outro, dizendo:

- Zezé di Camargo e Luciano começaram assim.
- Eu conheci um rapaz da Aerolândia [um bairro de Fortaleza] que começou a vida como juiz de futebol e que hoje é dono de várias empresas. Tem que começar assim, de baixo.

Conversações como estas fazem parte da Praça do Ferreira. Elas se dão tanto dentro das panelinhas de aposentados como entre estranhos que nunca se viram. Sobre tais, Seu Jeremias, um dos aposentados, comentou:

- Seu Jeremias, tem muita gente, além dos aposentados, que fica conversando aqui, tem?
- Tem! Claro que tem, sabe? Quem vem para cá começa a conversar sobre qualquer coisa. Você vê, agora mesmo eu tava conversando com uma moça que tinha acabado de saber que tinha conseguido entrar num concurso público. Ela tava tão feliz que precisava falar com alguém.
- Como foi essa conversa entre vocês?

- Foi normal, sabe? Ela tava sentada aí onde você está quando recebeu uma ligação. Todo mundo viu ela sorrindo aqui. Aí ela virou para mim e disse que tinha acabado de ser aprovada num concurso público.
- E o que mais? Ela falou mais alguma coisa?
- Falou nada! Ela levantou e saiu!

Participei de muitas conversas que eram, de modo geral, curtas e pausadas. Elas se davam entre intervalos de interações verbais e momentos de silêncio. Percebi que quanto mais eu forçava essas intervenções, mais fluida a conversa se desenvolvia. Em outra conversação dessas, engendrada a partir da aproximação de um pedinte que parecia estar drogado, uma senhora com muitas sacolas na mão puxou assunto comigo para falar da insegurança, depois sobre a falta de banheiros químicos na praça. Como em outras ocasiões, esse foi um bate-papo rápido que não demorou mais que alguns minutos. Eu não me identifiquei, nem a senhora. Pode ser, porém, que as conversas se prolonguem e acabem por abranger a vida pessoal dos envolvidos, como no caso a seguir entre dois senhores:

- Esse “doido” tá sempre aí. [Referindo-se a um cantor de rua que estive diariamente em frente ao Cine São Luís, em janeiro e fevereiro de 2012].
- Eu sei. Coitado. Não há quem entenda a loucura. [...] Eu tive um primo que ficou doido, foi até internado, coitado.
- Eu tenho um conhecido meu. Mas ele não era doido, não. Era drogado mesmo. Não tinha quem desse jeito.
- Esse primo que eu tô dizendo, começou usando droga.
- Morreu esse meu conhecido... De droga.

Essas conversas banais com estranhos podem gerar vínculos mais fortes. Entre os aposentados é comum ouvir sobre namoros que começaram na Praça do Ferreira. Eles contam muito de como a praça já foi um espaço de paquera<sup>39</sup>. Hoje, todavia, as paqueras – pelo menos que eu tenha notado – são raras. Em um desses momentos, em dezembro de 2011, ouvi um casal de estranhos conversar sobre um surto de dengue que havia sido divulgado exaustivamente na mídia local. Depois, a conversa mudou para a eficiência de certas ervas tradicionais. O rapaz sempre agia com uma postura que eu entendia como conquistadora, enquanto a moça respondia tudo com muito entusiasmo. Quando ela disse que tinha que ir

---

<sup>39</sup> Acompanhei várias conversas sobre paqueras, especialmente dos aposentados. Esse é, na realidade, um tema comum em muitas das minhas conversas com eles. Acho que “falar de mulher” é um tema constante entre homens. Ao demonstrar interesse em ouvir suas conversas, eles sempre me contavam casos variados de suas vidas privadas, alguns demasiadamente íntimos para que eu reproduzisse aqui.

embora, pediu para anotar o *facebook* dele. Uma vez anotado no celular, ela se foi. De modo muito machista, o rapaz se dirigiu ao aposentado a seu lado (que acompanhou toda a conversa) e gabou-se: “Essa eu faturei!”.

É possível que se mantenha uma conversa longa sem que isso signifique uma paquera. De modo geral, acredito que a conversa com pessoas que permanecem mais tempo na praça, ao contrário daquela com os demais passantes, ocorre de modo mais fácil, como também mais prolongado. Foi isso que aconteceu quando conversei com um desses sujeitos, um morador de rua. Ele, que parecia ser mais um aposentado sentado nos bancos, distante da imagem que normalmente temos de moradores de rua, que ficam embaixo de marquises, sob papelões – como os que eu poderia descrever na rua Major Facundo –, puxou conversa a partir de um acontecimento que nos chamou mutuamente a atenção: um susto. Um vendedor de saladas passava a nosso lado quando deu um grito: “Olha a salada! A salada de frutas!”, assustando-nos. O susto fez com que ríssemos da situação. Ele, então, disse: “Aqui você vive levando susto, você quer cochilar, mas não adianta!”. Após alguns minutos de silêncio, momento em que aproveitei anotando algumas observações em meu diário, ele falou, cheio de ironia, a respeito do céu nublado: “O clima hoje está bom para secar roupa, né?”. Concordei, mas não consegui continuar a conversa sem parecer artificial. Mas ele insistiu: “Vai chover forte mais tarde, a partir das 15h”, opinou apontando para uma nuvem negra no céu. Começamos, então, uma conversa longa sobre assuntos diversos. Do tempo fechado daquele mês de maio chegamos a falar de coisas outras, como a minha caligrafia no diário de campo. Ele disse: “Sua letra é bonita, parece letra de padre”. Então ele começou a agradecer a Deus em cada frase que dizia. Contou que é do Rio Grande do Norte, mas que mora em Fortaleza há 2 anos e que gosta da cidade. Enquanto conversávamos, não pude deixar de me incomodar com o cheiro forte que exalava. Por algum motivo, como se pudesse ler meus pensamentos, ele comentou que não gostava de tomar banho em dia de “frio” e que tem muita gente pior que ele, que estava era bem, “graças a Jesus”. Estrategicamente, tento falar do Centro, das fachadas dos prédios, mas ele só confirma o que eu falo e, na sua vez de falar, começa a contar a história de um soldado, amigo seu, que foi preso porque matou a mulher. Ele sempre dá uma gargalhada depois de dizer qualquer coisa. Quando falei que precisava ir embora por

causa da hora, ele se despediu dizendo: “Então depois você aparece aqui para a gente conversar mais”.

Certa vez, no meio da praça, por volta das 16h, um bêbado, tendo a Coluna da Hora como cenário, cantava músicas populares. Assim, os bancos e seus usuários voltados para ele, pareciam transformar a cantoria em um espetáculo. De repente, alguém próximo ao Cine São Luís grita: “Sai daí, louco véi!” e reproduz a típica vaia cearense. O bêbado constrangido para de cantar e sai do meio do passeio na mesma velocidade que os demais transeuntes que cortam a praça, misturando-se à multidão. Minutos depois consigo ouvir que, do outro lado da praça, próximo ao Cine São Luís, ele voltou a sua cantoria. E em determinado momento chama atenção ao gritar: “Eu sou um homem bomba e eu vou estourar agora... POU!”. Alguns risos... Ele refaz a brincadeira algumas outras vezes. Esse é um exemplo semelhante a outros que dei a respeito da rua Senador Pompeu. Assim como lá, percebo que a praça é o tempo todo tocada por essas questões exteriores ao Centro. As notícias dos meios de comunicação de massa, por exemplo, perdem seu ar jornalístico e se conjugam em situações banais, ganhando um *tom* de Centro.

A brincadeira do homem bomba não é à toa. No dia anterior, o Fantástico – um programa de variedades – havia dado uma atenção exaustiva ao caso da morte de Bin Laden, que havia acontecido no domingo anterior (dia 1º de maio). Seu Pedro, por exemplo, um dos aposentados com quem mais conversei, disse-me que sempre traz notícias dos veículos de comunicação para as suas conversações na praça.

Eu leio essas coisas no jornal ou vejo na tevê e trago para discutir com os meus amigos aqui. [...] Eu leio aqui mesmo. Trago o jornal de casa e leio aqui neste banco. Aí é bom porque eu tenho notícia para o dia todo!

Antes de conhecê-lo, ouvi sua conversa com amigos. Ele, na ocasião, falava, com certo ar de autoridade, a respeito de imigrantes haitianos: “Os haitianos estão indo para São Paulo, para o Acre, para Manaus e para o Ceará. Daqui a poucos dias vai tá cheio de haitiano aqui... Lá no Haiti, é só miséria”. Quando o grupo mudou de assunto, passando a falar da

Copa, Seu Pedro chegou a dar detalhes sobre o evento. “Os ingressos mais baratos vão custar mais de 300 reais”, ele disse.

Enfim, todas essas possibilidades de conversações são encontradas no contexto da Praça do Ferreira. Os transeuntes, de modo geral, tendem a passar não mais que trinta minutos ali. Talvez sequer ficassem o tempo necessário para cruzar a praça. Todavia, independente do tempo, há sempre a heterogeneidade do Centro presente, mesmo que na forma particular da Praça do Ferreira. Como passante, não creio que seja a mesma experiência que tenho nas ruas de passagem, nas galerias ou nas ruas convencionais. Nestes espaços do trajeto, há muitas coisas que acontecem e que me chamam a atenção, distraem-me. O mesmo ocorre na praça, mas há algo de particular ali: é possível que eu venha a diminuir o passo, ou mesmo sentar em um banco, ou quem sabe conversar com alguém, coisas que dificilmente aconteceriam em outras áreas do Centro. Por mais que o corpo pare, descanse, o pensamento, na praça parece ainda ser um transeunte, caminhando na heterogeneidade que me interpela constantemente. Se, para os aposentados, o Mário ou o Samuel fazem parte do cotidiano, para um transeunte de vindas ocasionais ao Centro, eles são uma novidade. E se não são mais, não há dúvida de que, no mínimo, algo inesperado poderá ocorrer no espaço público que chamará a atenção. Nem que seja uma pedra atirada de longe. E que quase cai em mim.

### ***Post-Scriptum: outras formas de observar o Centro***

Simultaneamente ao momento em que eu visitava o Centro, passei a colecionar algumas notícias de jornais locais sobre a região<sup>40</sup>. Eu fazia isso inspirado na citação de Michel de Certeau (1994) que abre este capítulo (cf. página 54). Nela, o autor percebe a cidade como uma “guerra de relatos”: de um lado os “pequenos relatos” e do outro os relatos da “publicidade e da televisão”. Isto é, relatos horizontais, cotidianos e antropológicos *versus* relatos verticais, institucionalizados e midiáticos. Se os primeiros ocorrem por meio de uma conversação, da fruição do espaço público, os segundos parecem cheios de estratégias de comunicação de massa, de segundas intenções. Eles não se encontram de modo algum.

---

<sup>40</sup> A partir de janeiro de 2011, acompanhei os cadernos “Cidade”, do Diário do Nordeste e “Fortaleza”, d’O Povo, além das notícias divulgadas no site da prefeitura.

Grosso modo, poderíamos dizer que, enquanto o Centro se mostra multifacetado, híbrido e complexo durante minha experiência transeunte, nas notícias, ele se torna refém de generalizações, a maioria quase que exclusivamente voltada para seu uso comercial. Deste modo, as pautas produzidas pelos veículos que exploramos tendiam a trazer identidades à tona. Dentre os assuntos favoritos, percebemos que a presença de vendedores ambulantes ganhava certo destaque. Eles são os mais investigados pelos periódicos cearenses.

“Qual Centro que queremos para a Copa do Mundo de 2014?”, é assim que começa a matéria do dia 28 de Julho de 2011, publicada no Diário do Nordeste (LIMA, 2011a). A seguir, o *lead* enumera os problemas da região: “sujeira, grandes congestionamentos, insegurança e vias com ambulantes”. Sua principal fonte de pesquisa é o Sindicato do Comércio Varejista e Lojista de Fortaleza (Sindilojas), que, segundo a reportagem, reitera como o Centro “passa hoje pelos piores momentos de sua história”. No dia 21 de novembro de 2011, uma outra matéria intitulada “Ambulantes podem chegar a mais de sete mil no Centro” (GIRÃO, 2011), afirma que “não é de hoje que a problemática do comércio ambulante e da ocupação irregular de calçadas e vias do Centro de Fortaleza irrita pedestres, clientes e comerciantes”. A matéria explica, por meio de intervenções do então presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas do Ceará (CDL), Riamburgo Ximenes, que: “o Centro já virou, há muito tempo, *uma terra de ninguém*. Quem mais sofre é a população que perde o direito ao espaço público e de locomoção segura”. (grifo nosso)

Tanto o Sindilojas quanto a CDL parecem ter uma visão semelhante dos problemas relacionados ao Centro. Percepção que é divulgada por meio das matérias jornalísticas. A Associação dos Empresários do Centro de Fortaleza (Ascefort), em sua página na *internet*, costuma divulgar fotos do Centro e dos ambulantes, mas não sem etiquetar em cada imagem a frase “o direito de ir e vir é cláusula pétrea na Constituição Federal, o que significa dizer que não é possível violar esse direito fundamental”.

Mas o que está em jogo? Há um valor econômico que rege as críticas sobre o Centro. Apesar de todas as deficiências da região, os vendedores ambulantes são incomparavelmente os que mais merecem a atenção das páginas dos jornais, apontados como a causa da situação embaraçosa da região central.

A reivindicação é antes econômica do que urbanística. Segundo o Sindilojas, o Centro é o segundo maior arrecadador do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do Ceará, atrás apenas do próprio município de Fortaleza. Apesar disso, ainda segundo a instituição, o faturamento do comércio informal é pelo menos duas vezes maior que o de lojistas formalizados. Segundo Juarez Elias, presidente da Associação dos Lojistas do Mercado Central (Almec), na relação entre comércio informal e formal há

[...] uma concorrência muito desleal. Eles não pagam aluguel nem impostos e, por isso, podem praticar preços menores. Enquanto a gente, não. Muitos lojistas estão prejudicados, alguns não têm conseguido honrar seus compromissos (LAVOR; GIRÃO, 2012).

Uma das ações que mais nos chamou a atenção foi realizada em dezembro de 2011 pela Ascefort. A associação dirigiu uma espécie de manifesto chamado “O grito dos comerciantes legais”, visando aos meios de comunicação locais. O objetivo foi protestar contra o que chamaram de “a falência administrativa e inoperância dos poderes municipal, estadual e federal” diante da “permissividade da avalanche do comércio informal na área” (conf. Anexo C). O documento é um “grito”, conforme o título sugere. Ele destaca o ponto de vista patronal, esclarecendo o que está em jogo nas relações de poder no Centro de Fortaleza: uma luta de interesses entre empresários, políticos, ambulantes, pedestres, etc. É a empresa que pretende tornar-se o crivo dos espaços públicos.

De modo geral, as matérias que tivemos acesso nos principais jornais locais, quando tratam do Centro e dos ambulantes, reproduzem a versão dessas instituições. Os títulos das matérias exemplificam essa posição: “Ordenamento falha no Centro”, “Informalidade no Centro prejudica permissionários”, “Praças ocupadas por comércio” e muitas outras. Elas produzem uma imagem da região como à beira de um caos e enxergam, no ordenamento do comércio informal do Centro, uma solução. Essa “guerra de relatos” nos mostra algo sobre as relações de poder em Fortaleza, em especial no que tange aos interesses das elites.

Enfim, cremos que haja uma discrepância entre os diversos relatos sobre a região central. De um lado, os jornais e as instituições, que não cansam de enumerar os problemas do lugar, solicitando ações de intervenção ao poder público que ordenem o meio urbano, mas

desde que defendam os objetivos e os métodos empresariais. De outro lado, nas “práticas sociais” (CERTEAU, 1994), os passantes parecem vivenciar um Centro que não cabe dentro de generalizações fechadas, extremamente instável, complexo e heterogêneo. É importante notar que essas duas forças coexistem, agem entre si. Uma investigação acerca do Centro de Fortaleza é melhor explorada quando reconhece o contraste entre essas visões.

### 3 PRÁTICAS COMUNICATIVAS E POLIFONIA URBANA

Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.

Italo Calvino (2011: 51)

#### 3.1 Experiência transeunte: comunicação nas ruas do Centro

Louis Wirth (1973) foi um sociólogo cujas pesquisas foram desenvolvidas no contexto da Escola de Chicago. Foi sua geração (claramente influenciada pelo trabalho de Georg Simmel<sup>41</sup>) que desenvolveu importantes questões acerca da cidade. Uma das quais diz respeito à produção de heterogeneidade no ambiente urbano. Segundo Wirth, a cidade pode ser definida como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1987: 96).

A heterogeneidade dos cidadãos, em Wirth, está diretamente associada ao número de habitantes e à densidade da cidade: “é de se esperar que a amplitude de diferenças cresça proporcionalmente à quantidade” (WIRTH, 1987: 98). Essa diversidade procede da divisão do trabalho e da especialização, mas também da “função magnética” das urbes (conforme vimos em Mumford, 1961), atraindo (ou “recrutando”, segundo as palavras do sociólogo) indivíduos de diversas regiões e contextos culturais diferentes.

A cidade tem sido, dessa forma, o cadinho das raças, dos povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos

---

<sup>41</sup> Abordamos um dos textos mais célebres de Simmel (1973), “A metrópole e a vida mental”, no primeiro capítulo desta dissertação. Conf. página 84.

biológicos e culturais. Ela não só tolerou como recompensou diferenças individuais. Reuniu povos dos confins da terra porque eles são diferentes e, por isso, úteis uns aos outros e não porque sejam homogêneos e de mesma mentalidade. (WIRTH, 1973: 98)

O efeito desse “cadinho” possibilitou novos arranjos subjetivos nas cidades. Wirth (1973) assinala que, assim como também vimos em Simmel (1973), as relações sociais entre desconhecidos tendem a ser marcadas por uma “atitude *blasé*” (ver página 30). Segundo ele, “os contatos da cidade podem na verdade ser face a face, mas são, não obstante, impessoais, superficiais, transitórios e segmentários” (WIRTH, 1973: 101). Tal ocorre em todas as grandes concentrações de indivíduos de constituições diferentes, ressalta-nos, pois “essa tendência niveladora é inerente, em parte, à base econômica da cidade” (WIRTH, 1973: 105). Conforme sustenta, há um movimento na cidade que caracteriza o cosmopolitismo: há tanto uma intensa *liberdade* de trânsito que permite ao indivíduo o tráfego por regiões bem distintas de seu contexto cultural quanto uma *autonomia* do passante, que se fecha em si. Para o autor, quanto maior a diferença entre eles, maior será o “fechamento” dos cidadãos em relação aos demais e ao meio.

Quanto maior o número de pessoas num estado de interação umas com as outras, tanto *menor* é o nível de comunicação e tanto maior é a tendência da comunicação preceder num nível elementar, isto é, na base daquelas coisas que se supõem serem comuns ou de interesse de todos. (WIRTH, 1973: 111, grifo nosso)

Janice Caiafa (2007) avalia que, em Wirth, a produção de heterogeneidade do meio cidadão é tida como deletéria. É o que fica claro quando o sociólogo salienta que quanto maior a heterogeneidade, menor será a comunicação – ou pelo menos, mais elementar. Acreditamos que, com base em nossos dados de campo, podemos trazer algumas considerações a essas questões propostas por Wirth.

Primeiramente, vimos que alguns bairros numerosos e densamente habitados de Fortaleza, como a Aldeota, não produziram a heterogeneidade que ressalta Wirth. Na realidade, a Aldeota soube, à sua maneira, produzir a miséria subjetiva que estudamos em Guattari (1992). O modelo dos *shoppings centers*, dos carros e dos condomínios fechados produziu espaços homogêneos. Assim, entendemos que apenas a densidade não deve ser

premissa para a heterogeneidade. Contudo, compreendemos o lugar do pensamento de Wirth. Observemos que ele escreveu suas notas no início do século XX, não chegando, portanto, a conhecer empiricamente os efeitos marcantes da produção de espaços de anticidade.

O Centro, entretanto, aproxima-se, em alguma medida, do espaço heterogêneo descrito pelo sociólogo. Mas eis que, mais uma vez, percebemos que os dados de campo nos mostram o oposto do que argumentou o autor. Ao contrário de espaços de pouca comunicação, evidenciamos algo de extremamente comunicativo no *locus* estudado, uma zona fértil e criativa para a produção de diferenças. Apesar de Wirth pensar o indivíduo metropolitano como fechado, individualizado e, utilizando um termo de Simmel (1973), “*blasé*”, nós acreditamos que os passantes, no contexto do Centro de Fortaleza, *podem* (enfatizamos a possibilidade) constituir aberturas subjetivas aos acontecimentos que estão a sua volta. É o que indicam a observação direta e as afirmações dos interlocutores, como tentaremos argumentar mais adiante.

Na cena teórica de Caiafa (2007), avaliamos que a antropóloga – tendo Gabriel Tarde (2005) como seu aliado – contesta os argumentos de Wirth sobre o empobrecimento da comunicação nos espaços urbanos. A autora entende que, em Tarde, as “conversações” têm como finalidade a “propagação da imitação”, que é “uma força microssocial que forma a opinião, que repercute os costumes, que enfim produz as sociedades” (CAIAFA, 2007: 99). Ao abranger temas gerais e impessoais, ainda a partir da cena teórica da antropóloga, os cidadãos em conversações com desconhecidos experimentam o que entendemos como uma abertura ao outro. Nestas situações, não há uma restrição aos assuntos pessoais, familiares, mas uma atenção ao que é coletivo. Esta atenção é descrita por Tarde (2005: 77) como uma “atenção espontânea que os homens se prestam reciprocamente e pela qual se interpenetram com profundidade infinitamente maior do que em qualquer outra relação social”.

Tarde (2005) compara as conversações em cidades pequenas e grandes. Nos dois casos, os cidadãos falam sobre o que há em comum entre eles. Os habitantes de cidades grandes não se relacionam a partir de particularidades íntimas, daí a tendência das conversações ocorrerem em torno de “assuntos gerais”. Já os de pequenas localidades têm entre si uma mínima intimidade e, portanto, tratam-se por meio de uma comunicação que visa

aos assuntos “particulares da vida e do caráter das outras pessoas de seu conhecimento” (TARDE, 2005: 79)<sup>42</sup>. Vejamos essa relação em nossos dados etnográficos.

Vimos que a Praça do Ferreira, conforme Seu Jeremias (conf. página 86) e outros tantos passantes expuseram, sempre possibilita conversações. Vimos também que não há apenas um único grupo de aposentados na praça, mas variados. Alguns mais acessíveis a conversas com estranhos do que outros. Estes últimos, mais fechados, são os que chamamos coloquialmente de “panelinhas”. Nestes meios mais reclusos, é difícil conseguir uma entrada, pois eles são formados por amigos íntimos que se reúnem diariamente para “colocar os assuntos em dia”. “Eles vêm para ver os amigos”, esclareceu-nos Mézim (conf. página 82). Como grupos mais ou menos fechados, eles conversam entre si assuntos que lhes dizem respeito, da ordem de suas vidas particulares. Nas ocasiões em que eu, um estranho, pude conversar com esses senhores, o diálogo saía dos planos da comunicação entre amigos para seguir um outro tipo de construção.

É o que vimos acontecer, por exemplo, a partir de certas falas entre desconhecidos. Entre eles, as conversações tendiam sempre a “assuntos gerais” como o clima, os eventos, os bêbados no meio da praça, os artistas de rua, os pastores, etc. Os diálogos tiveram como estopim os acontecimentos de ordem pública. No capítulo anterior, dedicamos algumas páginas registrando como elas ocorriam: ora foi o pastor que possibilitava essas interações, ora foi a apresentação de dois cantores de rua que engendrou outra entre dois senhores. O bêbado que fazia sua apresentação no meio da praça e que, em determinado momento, queria explodir tudo com uma bomba (conf. página 89) também nos serve como exemplo. Mesmo as reclamações a respeito do lixo ou da insegurança pareciam ter como função introduzir uma conversação e não uma frustração em si. Nesses casos de interação entre desconhecidos, é preciso *construir* uma comunicação pouco a pouco.

Estranhos que se encontram por acaso construiriam suas declarações e sua réplicas de forma menos estereotipada, *como se tivessem que inventar um pouco mais já que não se conhecem*, ou já que aquela situação se armou ali naquele momento e não se encontra reforçada

---

<sup>42</sup> Esta é uma relação semelhante àquela em que Mumford (1961) analisa as diferenças entre o meio urbano e a vila (conf. nota 7, página 22).

pelo uso, não é uma situação estável, garantida pelas “fórmulas da vida corrente”. (CAIAFA, 2007: 100, grifo nosso)

As categorias que Herliande nos sugeriu – as pessoas que ficam e as que passam – trazem-nos questões a serem pensadas. O transeunte que passa pela praça ocasionalmente parece ver tudo com certa surpresa. Foi o que Michel apontou em fevereiro de 2012:

Toda hora acontece alguma coisa aqui. Ficando aqui parado, alguma coisa vai acontecer. É uma festa, uma passeata, um... Como é? Um evento. Alguma coisa... Toda hora! Você já chega aqui para alguma coisa.

Mas para os que ficam e já conhecem as dinâmicas do Centro, não há tanta novidade assim (vale lembrar a advertência de Seu Aragão: “o canto que você senta, a gente aqui, que conhece, aí considera todo aquele pessoal do mesmo grupo”, conf. página 84). O poeta Mário Gomes, para quem convive diariamente com essa figura peculiar da praça, “não é doido não. Ele é da gente”, ouvi de um dos aposentados (conf. página 84). O mesmo foi acontecendo comigo, conforme escrevi no diário de campo. Quanto mais ia a campo, mais aprendia a entender as surpresas do Centro como ordinárias. Embora fosse possível que, mesmo já tendo algo de fixo, a qualquer momento algum acontecimento estourasse como novo.

Por esse caráter criativo, o tom de novidade é sempre um terreno possível no Centro, especialmente em conversações entre desconhecidos. Quanto maior a estranheza, afirma-nos Caiafa (2007), maiores são as possibilidades inventivas da comunicação. Na intenção de se comunicar com aquele que não lhe é familiar, o cidadão procura *alinhar-se* com o estranho, isto é, procurar identificações com esse outro. Entretanto, essa atividade também tende a revelar *desalinhamentos*, que são situações cujo sentido aproxima-se do “ruído” na forma como ele é entendido pelas tradicionais teorias da comunicação. É esse último efeito inesperado o capaz de surpreender criativamente os envolvidos.

### 3.1.2 *Perder-se na cidade*

Reforçamos o argumento de que esse fator criativo da diferença seja facilmente encontrado nas conversações entre desconhecidos. É o tom inventivo do primeiro encontro que produz um conjunto de expressões no contato com o outro. Contudo, essa é uma situação

que engloba todo o processo de estar no Centro, incluindo a própria prática de ser transeunte na cidade. Há uma poética no fortuito urbano que também faz uso desse tipo de comunicação da diferença. A vivacidade de pessoas, cores e lugares, justamente por seu caráter de extrema variação, apresenta-nos possibilidades criativas.

Nas grandes cidades cruzamos freqüentemente com estranhos cuja procedência ignoramos. E não é só a diversidade humana, mas toda sorte de estímulos em torno, todo o espaço natural e construído nas cidades tende a *constituir um ambiente de descontinuidades* que nos interpela e exige constantemente um gesto de nossa parte. É a *intensidade urbana*. (CAIAFA, 2007: 105, grifo nosso)

Pensemos nessa relação que se estabelece entre o passante e as “engrenagens urbanísticas e arquiteturas” (GUATTARI, 1992). Guattari (1992), em um ensaio intitulado “Espaço e Corporeidade”, explica-nos que a dobra do corpo sobre si mesmo é “acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários” (GUATTARI, 1992: 153). Ele ainda exemplifica essa relação a partir de um caso pessoal: quando andava por São Paulo, viu-se diante de uma ponte que intercedia uma rua por um nível mais alto. Diante de tal imagem, percebeu que algo da sua primeira infância lhe “falava do âmago dessa paisagem desolada, algo de ordem principalmente perceptiva” (GUATTARI, 1992: 154). Houve uma sobreposição das duas percepções, a antiga e a atual.

Esse exemplo nos mostra que percepções atuais do espaço podem ser “duplicadas” por percepções anteriores, sem que se possa falar de recalque ou de conflito entre representações pré-estabelecidas, já que a semiotização da recordação da infância fora acompanhada, aqui, pela criação *exnihilo* de uma impressão de caráter poético. [...] Enfatizemos que cada um desses componentes do eu, uma vez aparecendo, continua a existir paralelamente aos outros e é suscetível de subir à superfície, ao primeiro plano da subjetividade, de acordo com as circunstâncias. (GUATTARI, 1992: 155)

É neste sentido indicado por Guattari que a cidade interpela o passante. Massimo Canevacci (1993) também nos acrescenta algo semelhante:

Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que o nosso relacionamento com ela é estabelecido. O que faz com que a cidade se anime com as nossas recordações. E que ela seja também *agida* por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com suas calçadas de

mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo, um romance que acabamos de ler. (CANEVACCI, 1993: 22, grifo do autor)

Aqui, mais uma vez, ressaltamos a importância de desconsiderarmos as esferas do sujeito e do objeto em prol do próprio encontro. A relação transeunte-cidade é antes da ordem de uma contaminação do que de um sujeito e um mero cenário. A cidade é igualmente produtora de uma subjetividade – mesmo que uma “subjetividade parcial”, como afirma Guattari (1992) – que encontra o passante, interpela-o. O ato de caminhar na cidade pode, então, tal como nas conversações na Praça do Ferreira, trazer aquele senso de novidade, aquela inquietação que emerge e que traz à tona o próprio pensamento<sup>43</sup>.

Em “Rua de Mão Única”, Benjamin (1987) fala-nos que se perder em uma grande cidade é como se perder em uma floresta. Tal condição, a nosso ver, é a de um encontro com um lugar desconhecido e potencialmente perigoso, o que torna a ação de perder-se uma *aventura*. Explorando tal situação de risco, acreditamos que essa imagem abarca não só o passante perdido, mas também os demais. A experiência de qualquer transeunte já comporta em si uma aventura, já que, no meio urbano, não se sabe bem o que vem adiante. Há sempre a possibilidade de uma surpresa, de que algo diferente pode estar por vir. O transeunte na multidão do Centro de Fortaleza, como na condição em que eu me coloquei, *pode*, em comparação aos espaços familiares, assumir a condição de um “animal à espreita”<sup>44</sup>.

Priscila, dona de um pequeno estabelecimento na periferia de Fortaleza, faz compras uma vez por mês no Centro. Segundo ela:

Não é que seja ruim andar no Centro. Na realidade, não é nem bom nem ruim. Mas é que você tem que andar com muito cuidado. Se protegendo de tudo. Não é que eu me sinta com medo de andar no

---

<sup>43</sup> O pensar, em Deleuze (2010), diz respeito a um ato criativo. É uma forma de fugir da *doxa*, de deixar as zonas das constantes em que tudo já é previsível e familiar, para se aventurar nas zonas incertas do que não é conhecido. Pensar, assim, torna-se uma atividade laboriosa, potencialmente sofrível. Força-se o pensamento: “A lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio” (DELEUZE, 2010: 110).

<sup>44</sup> A imagem de um “animal à espreita” é pensada por Deleuze em uma entrevista a Claire Parnet (BOUTANG, 1996). Ele observa que o filósofo, assim como o escritor, é como um animal à espreita: “O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo”, comenta.

Centro. Mas é o Centro, né? Tem que andar com a bolsa na frente.  
*Tem que ficar atenta, olhar pra tudo.* (grifo nosso)

Camila, conforme vimos na página 72, também nos indicou algo sobre essa atenção demasiada provocada pela intensidade que compõe o Centro: “É muita informação ao mesmo tempo. [...] você quer ir para casa correndo porque é tudo muito tumultuado”. Mesmo Rafaela (conf. página 73), que afirmou não gostar de ir ao Centro, também nos enfatiza essa intensidade urbana por meio de sua fala: “O Centro é muito exaustivo. É muita gente, muita coisa, muito barulho”.

A experiência transeunte no Centro me faz andar cauteloso, com atenção ao que vem. Ao mesmo tempo em que reconheço as ruas e os prédios, a multidão e as inconstantes formas de apropriações do espaço público colocam-me em uma situação sempre nova. É a incerteza de um *labirinto*. Mesmo na Praça do Ferreira, sentado, “há sempre uma novidade”, como nos disse Herliande. É porque mesmo a minha experiência (de quando sentado nos bancos) também transita. Ela navega por *loci* imprevisíveis. A aventura dessa experiência não está em encontrar o minotauro, mas na “doida aventura da caçada”, como nos aponta o poeta Mário Quintana (2009: 37, conf. epígrafe deste trabalho).

Cada transeunte, assim, desfia sua solução para o Centro, como um fio de Ariadne. Sendo o campo tão heterogêneo, é possível que as soluções nunca sejam as mesmas e que, a cada ida à região central, um novo fio seja desfeito. É desta forma que entendemos a natureza problemática do Centro: o novelo de lã que cada transeunte desfia é uma solução. O próprio trajeto é um fio de Ariadne. Como problema, o Centro nos exige uma resposta. Mesmo que ela sempre nos venha de forma diferente. Assim, há algo de puramente criativo no próprio problema, afinal, ele é potencialmente resolvido de muitas maneiras. A solução fixa (tal qual um teorema) é que seria fechada, como nos esclarece Deleuze (ROQUE, 2006-2008).

Por sua vivacidade, o Centro não cansa de buscar novas soluções. Ele não se satura em um fio, ele refaz o nó e exige-nos novas soluções. Porque parece que as paredes desse labirinto não são fixas, mas inconstantes. Se a urbanização moderna do Centro, com suas linhas ortogonais, procura ordenar o espaço de alguma maneira, torná-lo preso a um *grid* do Estado, as diversas ocupações do meio público, por outro lado, mostram uma desestruturação

dessa ordem, uma abertura para outras formas de se estar na rua. A linha barroca das vias modernas torna-se incerta diante dos tapumes, dos vendedores ambulantes, da multidão, dos gritos e dos cheiros que devolvem a experiência para a potência do fortuito, do imprevisível<sup>45</sup>.

A *possibilidade* de criar novos arranjos subjetivos é o que principalmente caracteriza a experiência transeunte que estamos a abordar. Ela faz parte tanto dos que pouco andam no Centro quanto daqueles acostumados com a região. Afinal, no Centro, o fio de Ariadne não parece ser mais interessante que o labirinto em si. Vilma, uma jovem *sketchbooker* – nome dado aos artesões de livros manuais (por vezes conhecidos como diários gráficos) – que conheci na Praça do Ferreira, acrescenta:

Aí, você não se sente no lugar... Porque são muitas coisas. Presta atenção, olha só essas coisas todas. Olha esses prédios, olha! Eu fico imaginando quantas vidas não têm aqui, não é? Tu imagina isso? [...] Eu gosto de vir pro Centro, porque eu fico pensando enquanto tou caminhando.

Arriscaríamos dizer que o Centro – mesmo com suas deficiências, que são muitas – é um lugar procurado por muitos fortalezenses. E não nos basta dizer que eles o fazem porque simplesmente “é o jeito”, como um de nossos interlocutores, Daniel<sup>46</sup>, colocou. Mas também porque o Centro potencialmente produz “algo diferente”. Foi o que Lúcia, uma moradora da periferia de Fortaleza, na ocasião de um passeio chamado “Percurso Urbanos”, apontou:

O Centro mostra algo diferente do bairro que eu moro. Tem as fachadas – escondidas pelos nomes das lojas. Tem os museus, os centros de cultura... Tem muita coisa para se fazer no Centro. E mesmo sem isso, é muito diferente você andar aqui pelo Centro e andar lá pelo bairro [onde ela mora]. Você vê mais o povo. *Aqui tem algo diferente.* (grifo nosso)

A região central atrai muitos fortalezenses por sua intensidade urbana. A despeito dos bairros nobres, parece que o Centro é o lugar onde os fortalezenses melhor experimentam a

---

<sup>45</sup> Vimos, no primeiro capítulo, que Mumford (1936) também chama a cidade absolutista de cidade barroca. Foi este plano urbanístico que instaurou as linhas retas da cidade, as “ruas militares”. O plano barroco, afirma-nos Mumford (1936: 91), procede primeiramente de uma nova concepção de espaço que se associa ao movimento em prol do controle.

<sup>46</sup> Daniel comentou que vai ao Centro “porque é o jeito”, conforme registramos na página 72.

sensação de uma cidade grande. Kenya, outra passante com quem conversei, ressaltou as constantes idas de sua tia, que se desloca de muito longe “só para ir pro Centro”.

A minha tia às vezes sai de casa *só para ir pro Centro*, para fazer nada. *Só para andar*. Aí, de quebra, ela traz uma bandeja, só para dizer que foi. Ao invés de pagar as contas perto de casa, ela vai no Centro. *Só para dizer que foi*. (grifo nosso)

Acreditamos que, ao contrário do pensamento de Wirth, em espaços destinados ao uso coletivo, estabelece-se uma intensa *atmosfera comunicacional* que se caracteriza antes pela produção de estranhamentos do que pelo reconhecimento das partes envolvidas. Neste sentido, a cidade parece-nos um terreno fértil para as questões da Comunicação enquanto disciplina. Fabrício Silveira (2009) constata que, em implicação mútua, a cidade e a comunicação “aparecem como boas zonas de problematização de temas urgentes em função de sua permanente e volumosa reconfiguração” (SILVEIRA, 2009: 5). Afinal, assim como a cidade, a comunicação urbana também experimenta uma permanente *dinâmica de transformações*.

### 3.1.2 Outrem e a comunicação da diferença

Caiafa (2007), ao explorar a questão do papel de *outrem* na vida social a partir do texto de Deleuze, afirma que a experiência da alteridade se vê intensificada no meio citadino. A autora afirma que a fascinação pela cidade está no vislumbre de outrem em meio à heterogeneidade, isto é, “no encontro com a diversidade que nos apresenta outras vidas, outros mundos desconhecidos” (CAIAFA, 2007: 93). O conceito de “aventura própria da cidade” (CAIAFA, 2007) – que brevemente apresentamos no primeiro capítulo – dialoga com uma “experiência expandida de outrem” (CAIAFA, 2007: 122).

No espaço aberto da aglomeração urbana, não experimentamos nem agimos prioritariamente a partir de uma inserção pessoal. Como as marcas que se formam são constantemente relançadas, como as situações tendem a não estar previstas – diferentemente dos meios familiares onde estamos entre conhecidos ou parentes –, acentua-se essa *experiência de margem* que mostra outros mundos. *Ali outrem é uma operação mais ativa*. O espaço feito de fora das cidades proporciona precisamente uma intensificação da experiência de outrem como expressão de um mundo possível. (CAIAFA, 2007: 120-121, grifo nosso)

Em Deleuze (2011), *outrem* é a estrutura responsável por organizar todo o campo perceptivo. O autor avalia que outrem é responsável por aprisionar

[...] os elementos nos limites dos corpos e, mais ao longe, nos limites da terra. [...] Outrem é quem fabrica os corpos com elementos, objetivos com corpos, assim como fabrica seu próprio semblante com os mundos que exprime. (DELEUZE, 2011: 321-322)

Outrem aparece como uma estrutura, a “expressão de um campo possível, é o expresso apreendido como não existindo ainda fora do que exprime” (DELEUZE, 2011: 317). Percebemos o mundo por meio de outrem. Este não é um sujeito ou sequer um objeto. Mas a condição que nos permite organizar o tempo e o espaço.

Olho um objeto, em seguida me desvio; deixo-o voltar ao fundo, ao mesmo tempo em que se destaca do fundo um novo objeto da minha atenção. Se este novo objeto não me fere, se não vem me chocar *com a violência de um projétil* (como quando batemos em alguma coisa que não vimos), é porque o primeiro objeto dispunha de toda *uma margem* em que eu sentia já a preexistência dos seguintes, de todo um campo de virtualidade e de potencialidades que eu já sabia capazes de se atualizarem. (DELEUZE, 2011: 314-315, grifo nosso)

Outrem é quem “assegura as margens”, regula as “transformações da forma e do fundo”, ele “introduz o signo do não-percebido no que eu percebo, determinando-me a apreender o que não percebo como perceptível para outrem” (DELEUZE, 2011: 315). É como se cada sujeito ou objeto guardasse em si um lado obscuro que é, em suma, o lugar do possível: “o mundo assustador ou de alguma coisa de assustador no mundo que ainda não vejo” (DELEUZE, 2011: 317). Se em mim, conforme aposta Deleuze (1991), há toda uma zona obscura que inclui tantos outros mundos, o contato com outrem pode fazer com que o novo emergja da obscuridade, torne-se consciente. Seu efeito fundamental, afirma-nos o autor, é a separação entre a consciência e seu objeto.

Ao analisar a obra “Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico” de Michel Tournier, Deleuze esclarece que um mundo sem outrem é um mundo que perdeu sua estrutura básica. Em Tournier, o final da personagem só poderia ser sua “desumanização”, “o encontro da libido com os elementos livres” (DELEUZE, 2011: 313). Em um mundo sem outrem, não há

distinção da consciência ou de seu objeto, nem mesmo distribuição das dimensões do tempo. Neste caso, o autor acredita que a consciência coincide com o objeto em um eterno presente.

Assim, Deleuze esclarece que outrem é mais do que uma entre tantas estruturas do campo perceptivo. Ele é a primeira, “o princípio *a priori* da organização de todo campo” (DELEUZE, 2011: 318). Caiafa (2004) trafega por este pensamento, trazendo-o para o campo da Comunicação. Outrem, afirma-nos a antropóloga, é quem “traz a alteridade, mostra outros mundos – no mesmo golpe permite minha experiência e me tira de mim” (CAIAFA, 2004: 51).

O encontro com outrem, quando “violento”, deixa marcas. Ele se concretiza por meio da ruptura do padrão. É neste sentido que entendemos que a comunicação entre desconhecidos tende a efeitos criativos. Aqui, percebe-se que o mundo sensível tem grandes possibilidades de tocar criativamente o passante, produzindo experiência.

Para o transeunte, a cidade ou as conversações podem assumir certa fixidez, uma posição constante. Mas é também possível que haja uma *mobilidade*, de modo que uma antiga percepção sobre um objeto possa vir a mudar.

[...] na interação comunicacional, o que importa é a mobilidade do signo num contexto concreto. Ora, essa mobilidade não cessa de ameaçar as constantes, a sinalidade do signo, e pôr em cheque o processo de reconhecimento da linguagem. (CAIAFA, 2004: 55)

Em Caiafa (2004), vemos que Barthes sugere que, para fugir das “constantes da linguagem”, haja uma trapaça por meio da literatura. Contudo, a antropóloga esclarece a partir de Deleuze e Guattari (1995), que a língua por si só já oferece meios para fugir dos “gregarismos da repetição”. Se por um lado, ainda conforme a autora, o signo pode apresentar um aspecto familiar, por outro há sempre a possibilidade dele vir a encontrar fugas que o levam a uma outra dimensão que não se esgota nele mesmo. Acrescentemos que esta potência, no entanto, não é restrita ao uso da língua, mas abrange todas as multiplicidades. A seguir, exploraremos essa questão a partir de um dado etnográfico.

Janaína é uma jornalista que tive a oportunidade de entrevistar para a pesquisa. O nosso encontro ocorreu de maneira diferente dos demais transeuntes. Eu a conheci em 2011

por meio de um artigo em um *blog* chamado “Fortaleza no Centro”. Neste, ela publicou uma crônica a respeito de suas idas à região central da cidade. Segundo me relatou em entrevista, antes de receber a proposta de escrever para aquele veículo, ela não gostava de ir ao Centro. Suas considerações a respeito do local refletem de certa forma a opinião das classes mais altas de Fortaleza: as constantes descrições do bairro como “um lugar sujo, quente, feio, perigoso”. Os espaços de sociabilidade entre pessoas desses perfis normalmente não incluem o Centro. Todavia, por sua prática profissional, ela teve a oportunidade de se aventurar na região central.

No blog, ela nos relata:

Montados em bicicletas, [...] percorrendo as ruas históricas do Centro, estávamos cercados do *estranhamento necessário* para olhar nosso coração de cidade com olhos de primeira vez. Apesar do pouco tempo, [...] observar um a um os prédios do entorno da Coluna da Hora [na praça do Ferreira] e imaginá-los sem os *letreiros propagandísticos* das lojas dá um susto. Debaixo do depredo e da sujeira, uma verdade: vivemos em uma cidade bonita. (BRÁS, 2010, grifo nosso)

Deste caso, queremos analisar apenas essa mudança no olhar de Janaína. Diante de certa situação, ela teve um “susto” frente à cidade até então encoberta pelo “depredo”, pela “sujeira” e pelos “letreiros propagandísticos”. Esses “estranhamentos necessários” mostraram, por meio desse encontro inesperado, a tal da margem que não se esgota no objeto. O que era tido como constante (a percepção de Janaína a respeito do Centro) encontrou uma variação. A diferenciação – enquanto elemento que foge do ordinário – é, em suma, um ato de estranhamento. Ela torna possível o desvio de um estado fixo para um mundo novo. Daí o efeito do choque. Quando Deleuze (2011) observa que cada objeto traz consigo um mundo assustador (ou algo de assustador no mundo), entendemos que ele se refere a essa margem escondida nos objetos. É outrem quem traz, por meio do jogo da percepção, essa parte até então desconhecida do que é percebido, já que o mundo é sempre incompleto, nunca plenamente dado.

As principais teorias da Comunicação, observa Caiafa (2004), pressupõem que a comunicação torna-se tanto mais eficiente quanto mais próximas estiverem as “identidades”

dos envolvidos<sup>47</sup>. Isto é, a comunicação eficiente seria aquela que “acontece quando banimos o estranhamento e fazemos predominar o conhecido o mais claramente possível” (CAIAFA, 2004: 48). Nesta perspectiva, poderíamos inferir que os espaços urbanos onde imperam a homogeneização, o familiar e o conhecido seriam aqueles em que mais eficientemente ocorrem fenômenos comunicacionais. Todavia, conforme já abordamos e como a antropóloga sugere, um processo comunicativo potencialmente mais criativo tende a ocorrer em espaços públicos que se prestam ao uso coletivo.

Ciro Marcondes Filho (2010) afirma que há um equívoco nas antigas teorias da Comunicação. Nos tradicionais esquemas, só há sinais que passam por fios, conclui. De um lado e do outro, há tão somente identidades. A comunicação seria, então, um processo que permite um diálogo entre as partes. Segundo o autor, o problema

[...] já vem dos dicionários, que a definem [a comunicação] como troca de informações, sugerindo que estamos diante de um cano ou de um tubo, em que se coloca uma coisa de um lado, essa coisa atravessa o tubo e sai do outro lado. (MARCONDES FILHO, 2010: 25)

Ao deixarmos de lado essa imagem fechada da subjetividade dos indivíduos, passando a entendê-la como em constante transformação, valorizamos novamente o próprio encontro em detrimento das categorias de sujeito e objeto. São as relações diferenciais que extraem para o jogo da percepção o que é tido como ordinário ou relevante. Ou seja:

o espaço-tempo deixa de ser um dado puro para se tornar o conjunto ou o nexos das relações diferenciais no sujeito, e o próprio objeto deixa de ser um dado empírico para se tornar o produto dessas relações na percepção consciente. (DELEUZE, 1991: 154).

Conforme Caiafa (2004) investiga a partir de Deleuze e Guattari (1995), a diferença ganha um lugar de destaque nos processos comunicativos. Mesmo em situações de predomínio de uma comunicação entre pares, há diferença. Esta, contudo, mostra-se enquanto uma constante. Neste caso, a eficiência de uma comunicação se dá porque ela funciona como

---

<sup>47</sup> Em Caiafa (2004), a antropóloga faz uma análise do papel da diferença no contexto das práticas comunicativas. A autora observa algumas das teorias da comunicação (teoria da informação e o estruturalismo), concluindo que nelas privilegiou-se apenas um tipo de comunicação, aquele que vê a diferença como cristalizada, fechada em constantes.

uma “palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995). É a redundância (uma forma de repetição, portanto), destaca Caiafa (2004) a partir dos filósofos, que vence as interferências do ruído e permite seu entendimento. A linguagem aqui torna-se meramente “transmissão de palavra funcionando como palavra de ordem, e não comunicação de um signo como informação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 14). No exemplo que abre as discussões do texto de Deleuze e Guattari (1995), vemos que a máquina do ensino obrigatório sequer comunica informações. Trata-se de ordens, comandos que impõem à criança “coordenadas semióticas com todas as bases da gramática. [...] A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 11-12). Trata-se do caso onde o objeto aparentemente não deixa nenhuma margem para além de si, quando ele não nos afeta “violentamente”, como disse Deleuze (2011).

Mas no mesmo golpe, conforme Caiafa (2004) expõe e Janaína nos ajuda a perceber, podemos experimentar o que nos rodeia por meio de um “susto”. Isto ocorre quando a *diferença*, antes cristalizada, encontra uma “*variação contínua*”, que é “um grito de alarme ou uma mensagem de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 54). É esta mensagem de fuga que dota os signos de seu poder transformador, de seu caráter criativo, que opera “fugas contra a segmentaridade dos blocos” (DELEUZE; GUATTARI, 2002: 145).

O que vale, reitera Caiafa (2004), é perceber a diferença como primeira, mesmo que ela venha submergida pela constante. Segundo a autora, o desafio é extrair o “grito de alarme” de dentro da “mensagem de fuga”. Uma vez que a esperança da criatividade jaz nessa mobilidade dos signos, é possível, então, que os passantes, no meio urbano, encontrem-se com a diferença em sua variação contínua, e que ela possa conduzi-los a estranhamentos<sup>48</sup>.

Na comunicação, percebemos o *diferente*. Decodificamos, compreendemos não só pela conformidade à norma, pelo reconhecimento, pela identificação do que nos é familiar, mas também e sobretudo pela *novidade* daquela utilização, *pela variação do signo naquele contexto concreto*. (CAIAFA, 2004: 54, grifo nosso)

<sup>48</sup> Devemos mais uma vez ressaltar que o encontro, mesmo nos espaços heterogêneos, não garante a produção de diferença, e por conseguinte, uma transformação. Estamos trabalhando sempre com uma *possibilidade*. Ou seja, estamos tanto cogitando que haja efeitos criativos nesse encontro como com a possibilidade dessa mutação subjetiva ser frustrada, de não ocorrer uma transformação. Ao contrário de muitos trabalhos clássicos da Sociologia Urbana, que buscam as regras do jogo nas interações em espaços públicos, os acontecimentos no Centro mais parecem ter a ver com um lance de dados do que com regras fixas de um jogo de cartas.

Ainda que momentaneamente, a heterogeneidade do Centro põe o passante em uma condição de extrema variação, seja andando pelas ruas, seja sentado, conversando. Essa atividade possibilita, acreditamos, o vislumbre de margens além dos objetos percebidos e faz com que os signos comunicativos entrem em variação. Em suma, a posição em que se encontra o transeunte no Centro parece-nos um lugar que valoriza a mobilidade da diferença na comunicação.

### 3.2 Polifonia urbana: vozes transeuntes

Tudo comunica na cidade, afirma-nos o antropólogo italiano Massimo Canevacci (1993). Desde os códigos de trânsito até os anúncios publicitários, mas também os prédios, as pessoas e o mobiliário. Em um de seus livros mais conhecidos, “A Cidade Polifônica” (CANEVACCI, 1993), ele nos apresenta uma São Paulo multifacetada e tomada por elementos urbanos que dialogam entre si na cena cidadã<sup>49</sup>. Segundo o autor, é importante tirar a cidade do estatuto de cenário, de *locus*. Em vez de pensá-la como um adjunto adverbial de lugar, é preferível pensá-la como sujeito da enunciação, no sentido em que ela e seus componentes também são “atores” produtivos. A cidade é presente, participa dos encontros: ela comunica.

É neste sentido que o antropólogo nos apresenta o conceito de *polifonia*. Segundo ele, uma cidade se comunica por meio de vozes diversas e copresentes. Ela é

[...] narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas. A cidade se apresenta *polifônica* desde a primeira experiência que temos dela. (CANEVACCI, 1993: 15, grifo do autor)

Mais adiante, acrescenta que a cidade polifônica é o lugar onde

---

<sup>49</sup> Na primeira parte de seu livro, o italiano observa como a antropologia urbana, o futurismo, o estruturalismo de Levi-Strauss, as “passagens” de Walter Benjamin e as “Cidades Invisíveis” de Calvino são filtrados “pelo indicador da comunicação” (CANEVAVACCI, 1993: 19). Na segunda parte, por sua vez, ele prepara um “mapa visual” da cidade de São Paulo em que, a partir de 21 fotografias, analisa alguns elementos urbanos, privilegiando o caráter polifônico deles.

[...] a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que conta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam. [...] A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. (CANEVACCI, 1993: 17-18)

Neste sentido, o antropólogo faz coro a Mumford (1936; 1961) e Le Goff (1998) quando estes autores pensam a cidade como um espaço de trocas. “A grande metrópole não nasce contra a comunidade, mas a favor da comunicação”, afirma-nos Canevacci (1993: 126). Parece-nos interessante essa abordagem, especialmente quando o autor monta um complexo arranjo dialógico entre os diferentes elementos que constituem o meio urbano.

A multidão, os prédios, os anúncios, os odores e o barulho compõem um ambiente heterogêneo que poderíamos comparar a uma música de muitos instrumentos. Cada um desses elementos, afirma-nos Canevacci, é uma linha melódica que vem a se combinar com as demais, resultando em uma *polifonia* parcialmente alheia aos anseios específicos das partes, produzindo, em sua própria multiplicidade, sentido complementar ao dos elementos-componentes. Em suma, a cidade torna-se uma orquestra.

Em mais um exemplo, o antropólogo observa:

Um edifício “se comunica” por meio de muitas linguagens, não somente com o observador mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade [...]. Espectadores [...] ao observarem por meio de sua própria bagagem experimental e teórica, agem sobre as estruturas arquitetônicas aparentemente imóveis, animando-as e mudando-lhes os signos e o valor no tempo e também no espaço. Existe uma comunicação dialógica entre um determinado edifício e a sensibilidade de um cidadão que elabora percursos absolutamente subjetivos e imprevisíveis. (CANEVACCI, 1993: 22)

Em um prédio, há um conjunto de elementos comunicativos que lhe dotam de sentido. Ele enuncia o que viveu, diria Canevacci (1993; 2004). A arquitetura, por exemplo, comunica o estilo de quando foi feito, assim como o estilo do projetista, padrões de outras épocas, etc. Imaginemos que se trata de um edifício antigo em um estilo *art déco*, que tanto influenciou o *Design* na primeira metade do século XX. Ao vermos essa construção, estamos em contato com um mundo que certamente não é o mesmo de hoje, mas que, no entanto, produz visibilidade nos acontecimentos contemporâneos.

O transeunte no Centro experimenta constantemente essa sensação de sobreposição de percepções diferentes. No que tange a essa percepção de passado e presente, é quase que exclusivamente nessa região onde o transeunte fortalezense encontrará a arquitetura antiga expressa em velhos sobrados e edifícios. Basta-nos isso para percebermos que caminhamos em um ambiente peculiar da cidade. O passante vê o *design* mais antigo com os olhos de um mundo contemporâneo, afinal, segundo Guattari (1992: 128), “toda leitura do passado é necessariamente sobrecodificada por nossas referências no presente”.

Entretanto, o Centro de Fortaleza é dotado de inúmeras outras práticas comunicativas além dos edifícios antigos. No que tange a seu uso comercial, há placas de sinalizações, anúncios falados e tantos outros espaços publicitários institucionalizados ou não que formam um coro aparentemente antagônico ao estilo antigo. Analisando anúncios em *outdoors* e empenas, Canevacci (1993: 163) observa que essas mídias trazem “não só a mensagem explícita, a que se destina a vender, mas também o sistema de valores de uma determinada época, num específico contexto sócio-cultural”. A publicidade, assim, atualiza o prédio antigo quando se conjuga a ele. São como as linhas melódicas que o antropólogo italiano nos afirmou. Por um lado, o prédio, que comunica sua história, sua vida. Por outro, a publicidade cujas linhas melódicas falam dos valores de hoje.

[...] os monumentos abertos à dinâmica urbana facilitam que a memória interaja com a mudança, que [...] se revitalizem graças à propaganda ou ao trânsito [...] Grafites, cartazes comerciais, manifestações sociais e políticas, monumentos: linguagem que representam as principais forças que atuam na cidade. [...] Os cartazes comerciais procuram sincronizar a vida cotidiana com os interesses do poder econômico. O grafite (como os cartazes e os atos políticos da oposição) expressam a crítica popular à ordem imposta. Por isso são tão significativos os anúncios publicitários que ocultam os monumentos ou os contradizem, os grafites inscritos sobre uns e outros. (CANCLINI, 2008: 301-302)

Busca-se o Centro, dentre os demais motivos, por ele ser polifônico. Aquele “algo diferente” que Lúcia nos mostrou (cf. página 102) tem a ver com essa polifonia do espaço, essa poética formada por arranjos tão heterogêneos, que insistem em expressar-se entre harmonias e dissonâncias. A polifonia dos heterogêneos pode ocasionar a percepção daquele

senso de novidade. Logo, acreditamos que essa atmosfera comunicacional é um território possível para estranhamentos.

Cada componente de um prédio – seja parte original de sua arquitetura, seja uma empena publicitária colocada recentemente, seja uma alteração em seu *design* original – é uma máquina produtora de subjetividade, afirma-nos Guattari. Juntos, tais elementos entram em polifonia para formar o prédio.

Segue-se, com efeito, algumas vezes, como que por milagre, que todos os componentes, todos os instrumentos estejam não em uníssono, mas se afinem em um jogo de harmônicas e de simetrias de escalas, que conferem ao edifício seu caráter de auto-referência, seu acabamento sistêmico, em suma, sua vida própria. (GUATTARI, 1992: 160)

Mas eis que este também é uma engrenagem na rua, uma outra polifonia: uma máquina de máquinas que, por sua vez, também está inserida em um contexto maior. Inspirados em Guattari (1992), observamos o Centro como uma *megamáquina*. É ela que abarca seus componentes e que não cansa de produzir outros novos<sup>50</sup>: “Estratos espaciais polifônicos, frequentemente concêntricos, parecem atrair, colonizar todos os níveis de alteridade que, por outro lado, eles próprios engendram”, comenta Guattari (1992: 131). Deste modo, a cidade é polifônica não só porque tem na comunicação sua condição para existência. Mas também porque ela engendra em seu contexto heterogêneo novos componentes comunicacionais. A comunicação urbana torna-se condição e consequência.

Em meu diário de campo, discuto, em várias ocasiões, que apesar das fachadas preservadas, há sempre práticas comunicativas que fazem menções a situações atuais. Junto a sua entrada é comum haver cartazes com promoções e banners de medicamentos vizinhos ao *art déco* do sobrado. Segundo Canevacci (1993: 190), os prédios restaurados são “o velho coração da cidade, circundado por uma multidão de netinhos que não mais conhece”. Não se sabe ao certo quem é o estranho: as interferências contemporâneas ou a imagem memorialista

---

<sup>50</sup> A partir de Francisco Varela, Guattari especifica os componentes maquínicos enquanto sistemas autopoieticos: “Parece-me que sua noção de autopoiese, como capacidade de auto-reprodução de uma estrutura ou de um ecossistema, poderia ser proveitosamente estendida às máquinas sociais, às máquinas econômicas e até mesmo às máquinas incorporais da língua, da teoria, da criação estética” (GUATTARI, 1992: 118).

da *Belle Époque*. De um lado, os prédios, e de outro, os anúncios. O produto dessa relação é um sentido novo tanto para os edifícios quanto para os espaços publicitários.

Ao mesmo tempo em que a publicidade parece atuar unicamente em prol da visão mercantilista e dos valores morais de seu tempo, nós percebemos que, na situação em que ela se encontra no Centro (contaminada por sujeira, cores, ruídos e odores, mas também por outros anúncios, prédios antigos e pela multidão), ela pode vir a tornar-se outra coisa, distante de suas intenções primeiras. Segundo Dona Domitila, uma vendedora ambulante especializada em produtos para salões de beleza:

Não dá para ver uma placa. Tem que ver tudo. Tudo ao mesmo tempo. Não dá para julgar que uma placa é boa ou “mal”. Porque o Centro é poluído. Poluição visual mesmo. Quem anda aqui, até vê uma placa porque quer, porque está procurando. Mas assim... Normalmente não dá para ver uma coisa só. [...] As placas fazem parte do Centro. Sem elas, isso aqui nem pareceria com o Centro. Já pensou o Centro sem as placas? Ficaria muito mais bonito. Talvez até o valor do Centro aumentasse. [...] Mas também seria uma outra coisa, não é? Você vir aqui no Centro já imagina as placas. É a cara dele.

O anúncio deseja ser visto, bem compreendido, de despertar o interesse em um consumidor. No excesso do Centro de Fortaleza, ele *pode* deixar essa esfera, que é sua intenção primeira, seu desejo territorializado, para compor um cenário onde ele torna-se outra coisa, mesmo que a publicidade seja uma das vozes mais homogeneizadoras da sociedade capitalística.

Ainda a partir de Dona Domitila:

- A placa pela placa vira prédio. Vira quadro. Para quê pintar uma casa? As placas já fazem isso. É enfeite. Engraçado... Nunca tinha pensando sobre isso. Vai ver as placas deixam os prédios, que são tudo acabado!, menos acabado. Elas embelezam, né?
- Mas e nos prédios restaurados, naqueles que estão bem cuidados?
- Aí, não. Aí é melhor tirar as placas. Mas nos outros, pode deixar. Disfarça um pouco, né? Joga uma capa sobre eles.

É claro que as opiniões de Dona Domitila não abarcam todos os transeuntes no Centro. Na maioria dos casos, relata-se quase que contraditoriamente tanto que os anúncios publicitários atrapalham a fruição do espaço público quanto que eles são indissociáveis da

experiência de ir à região central. O que julgamos importante é a variação de sua função que os passantes relatam.

O mesmo pode ser dito do grafite, tantas vezes entendido como protesto, arte ou vandalismo. Na realidade, conforme conclui a pesquisa de Rachel Sodré (2008) a respeito da produção do grafite no Rio de Janeiro, ele é “um campo de multiplicidades, instável, atravessado e composto por elementos heterogêneos e fluxos, que se avizinham, se conectam, interagem, se afastam e, às vezes, até se repelem” (SODRÉ, 2008: 199). Ainda segundo a pesquisadora, em vez de pensar o grafite como arte, resistência ou intervenção social, é preferível pensá-lo a partir de toda a mobilidade que ele potencializa.

Mesmo os manequins das lojas também parecem ser uma fonte inspiradora que atuam contra as constantes. Vemos tal muito claramente a partir de uma poesia de Mário Gomes, que tem o Centro como alvo de muitas de suas investidas poéticas. No poema em questão, “A louca e o manequim”, o autor observa uma moradora de rua que conversa com um desses bonecos de plástico (que Mario diz ser de gesso).

A menina louca, maltrapilha e suja,  
Parou em frente à vitrine da Casa Parente,  
E estática olhava para um manequim feminino.  
Olhou... olhou... pensou... pensou...  
Dado momento perguntou:  
“ta com fome, égua?”  
Esta pergunta causou-me  
Certa impressão, o poeta,  
Que também já conversou com os manequins.  
Eu dissera: “se fosse realmente mulher  
Como és de gesso,  
Te daria um prato de comida.”  
Será que essa louca é  
A personificação da poesia? (GOMES, 1995)

Vima, a *sketchbooker* que abordamos neste capítulo, também explora essa mobilidade sónica. Em uma de suas falas mais marcantes, ela diz que, ao ver os prédios do Centro, “não se sente no lugar” (conf. página 102). Para ela, os componentes urbanos da região central possibilitam esses escapismos: “eu fico *pensando* enquanto tô caminhando” (grifo nosso), diz na mesma fala. Adiante, em nossa conversa na Praça do Ferreira, a artesã ainda acrescenta:

O Centro me inspira pra fazer minhas artes. Eu faço *sketchbook*, sabe?  
[...] Eu venho aqui comprar linhas, os papéis, naquim... Porque é

tudo mais barato! *Andando na rua, eu sempre me sinto inspirada pra desenhar, pra escrever alguma coisa.* (grifo nosso)

Em resumo, vimos que os prédios, os anúncios, os manequins ou o grafite, tal como ocorre nas conversações na Praça do Ferreira, também entram em espécies de conversações. O produto desse arranjo é uma polifonia. O que, por sua vez, não significa dizer que as partes ecoem de forma uníssona. Ao contrário, é de se esperar, especialmente em um espaço tão heterogêneo como o Centro, que haja desacordos, que podem se tornar portas de saídas para novas percepções. Conforme veremos, o território que se forma é o condutor que rege esse mundo. Assim, chegamos, enfim, ao momento de pensarmos o Centro de Fortaleza não mais como um bairro ou como uma mancha, mas desmontá-lo enquanto agenciamento.

### **3.3 Centro de Fortaleza, um agenciamento**

O que é o Centro? O Centro, mesmo que estejamos apenas nos referindo aos períodos em campo, é de tal forma plural que ridiculariza qualquer tentativa de produzir conceitos fechados sobre ele. Sem contradições, ele é, ao mesmo tempo, um lugar de ordem e caos, de ricos e pobres, de antigos e novos. Ele não cabe dentro das organizações bem concebidas. Ele é, e ao mesmo tempo não é. Mesmo para os que possuem uma opinião fixa sobre a região, há sempre a surpresa que assalta com violência e possibilita novas percepções. Isso porque o Centro não se esgota em uma categoria, transbordando sempre. Em seu constante movimento, ele jamais se deixa estagnar.

Ao invocar uma transcendência, os jornais e as instituições parecem querer categorizar o Centro. Algo que, segundo Deleuze (2010: 187), é uma forma de interromper o movimento, perder a experimentação em prol da interpretação. O Centro, nesses textos, é interpretado, mas aquele que vemos no dia a dia só pode ser acessado por meio da experiência: “Há somente processos, que podem ser de unificação, de subjetivação, de racionalização, mas nada mais. Esses processos operam em ‘multiplicidades’ concretas, sendo a multiplicidade o verdadeiro elemento onde algo se passa” (DELEUZE, 2010: 186).

Enquanto as instituições e os jornais parecem pensar o Centro a partir de entradas hierárquicas e teoremas (O Centro é histórico; o Centro é caótico; o Centro é comercial...), o

espaço público prolifera-se por meio de suas múltiplas entradas, um conjunto de redes interconectadas. Na página 57, vimos que a entrada se dá sempre pelo meio, como em uma sessão que já começou. Entrar pela metade é o contrário do que fazem as crônicas e as matérias de jornais, que parecem desfiar histórias bem encadeadas (começo, meio e fim). A pujança do meio heterogêneo não cansa de mostrar discontinuidades, ligar acontecimentos aparentemente estranhos. Não há necessariamente uma relação linear entre eles, mas saltos contingenciais que se interconectam de forma não linear. Em suma, a natureza problemática do Centro (o labirinto) se opõe aos que procuram dar-lhe uma só versão.

Ainda na introdução deste trabalho, usamos o conceito de “mancha” de Magnani (2008, conf. nota 1, página 11), que nos foi muito útil para pensarmos a região central. Contudo, esse conceito carece de certa movimentação, que não permitiria o aprisionamento do Centro em uma identidade ou uma interpretação. Mesmo que, por um lado, ele esteja próximo aos estratos territorializantes, por outro, ele também não cansa de encontrar linhas de fuga. Ao invés de pensarmos o Centro enquanto algo fechado (O Centro é...), Deleuze nos induz a entendê-lo como um lugar de conjugações, um “encontro de reinos” (DELEUZE; PARNET, 1996). É por isso que preferimos pensá-lo enquanto um agenciamento, um campo heterogêneo instável.

Qu'est-ce qu'un agencement? C'est une multiplicité qui comporte beaucoup de termes hétérogènes, et qui établit des liaisons, des relations entre eux, à travers des âges, des sexes, des règnes – des natures différentes.<sup>51</sup> (DELEUZE; PARNET, 1996: 84)

Mas como identificar um agenciamento? Como reconhecer as linhas que o formam? Deleuze e Guattari (2002) indicam-nos que o funcionamento de um agenciamento só pode ser dado pelo seu *desmonte*. Isto é, se buscarmos “os elementos que o compõem e a natureza das suas ligações” (DELEUZE; GUATTARI, 2002: 95). Afinal, os elementos do agenciamento, tal como engrenagens, não produzem a máquina. Pelo contrário, é a própria máquina que comporta seus componentes.

---

<sup>51</sup> Em tradução nossa: “O que é um agenciamento? É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos – de naturezas diferentes”.

Ainda segundo os autores, os enunciados não existem, por exemplo, senão enquanto partes de um agenciamento, pois não são frutos de um “indivíduo” que age como sujeito da enunciação, mas como engrenagens de um agenciamento coletivo. E é por isso que toda enunciação é sempre coletiva. Em um de seus textos, Deleuze e Guattari comentam:

É que o enunciado nunca aponta para um sujeito [...] Não há sujeito que emita o enunciado, nem um sujeito cujo enunciado seja emitido. [...] Ora, quando um enunciado é produzido [...] só é em função de uma comunidade nacional, política e social, mesmo que as condições objectivas dessa comunidade ainda não estejam concebidas no momento fora da enunciação [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2002: 140-141)

E acrescentam:

A enunciação procede o enunciado, não em função de um sujeito que poderá produzir este último, mas em função de um agenciamento que faz daquele a sua primeira engrenagem, com as outras engrenagens que vêm a seguir e que ao mesmo tempo se posicionam. (DELEUZE; GUATTARI, 2002: 143)

Simultaneamente, há também fluxos heterogêneos não discursivos – os conteúdos – que, conforme já vimos, também fazem parte do agenciamento. Eles são igualmente formados por multiplicidades que entram em contato umas com as outras, gerando suas próprias potencialidades.

Tout est mélange de corps, les corps se pénètrent, se forcent, s’empoisonnent, s’immiscent, se retirent, se renforcent ou se détruisent, comme le feu penetre dans le fer et le porte au rouge, comme le mangeur devore sa proie, comme l’amoureux s’enfonce dans l’aimé<sup>52</sup>. (DELEUZE; PARNET, 1996: 77)

Segundo o que exploramos no primeiro capítulo, são componentes de um dado agenciamento tanto o domínio dos enunciados (agenciamento coletivo de enunciação, a parte da expressão) quanto dos corpos (agenciamento maquínico, a parte do conteúdo). Recapitulando: um arrasta o outro, o que não significa dizer que um representa o outro. Eles conversam entre si, mas mantendo independência de suas partes. O esquema significado-

---

<sup>52</sup> Em tradução nossa: “Tudo é mistura de corpos. Os corpos se penetram, forçam-se, envenenam-se, interferem-se, revogam-se, reforçam-se ou destroem-se, como o fogo penetra o ferro e lhe veste de vermelho, como o devorador come sua presa, como amantes que mergulham no amado”.

significante – tão importante para o estruturalismo – só funciona nos espaços mais ou menos previsíveis, sob tons de homogeneidade.

O Centro de Fortaleza, enquanto agenciamento, comporta todas essas formalizações de expressão e conteúdo, elementos discursivos e não discursivos. Elas abrangem diversas ordens: sociais, culturais, artísticas, políticas, publicitárias, históricas, etc. Essa conjugação abarca lado a lado tanto um prédio restaurado quanto um anúncio publicitário; tanto uma senhora evangélica quanto uma menina *punk*; tanto um aposentado quanto um jovem estudante. Cada um dos componentes distingue-se do outro, todavia funcionam juntos, em co-funcionamento. São elementos extraídos do meio, mas que, conforme nos aponta Deleuze e Guattari (1997: 218), “adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’”.

O passante tem a sua frente tanto essa gama de regime de signos quanto as ações e paixões: o prédio novo e o antigo, os casarões quase abandonados, as pichações nas paredes, as cores das roupas dos demais, os cheiros de comida, os *remixes* inesperados de vendedores ambulantes, o corpo a corpo na multidão, a mistura de vozes, as imagens de uma *Belle Époque*, etc. Todos esses elementos são multiplicidades que se encontram e, nesse momento, montam certos códigos para se estabelecer lado a lado, como engrenagens do agenciamento. O próprio passante é parte do agenciamento.

Para pensarmos a intensidade do Centro, além das falas que já foram abordadas no segundo capítulo<sup>53</sup>, poderíamos citar o comentário de Mateus, um jovem ativista de um movimento político local:

O Centro é muito forte. Ele é muita gente ao mesmo tempo. Tem gente que enxerga o Centro como uma floresta... Uma selva... Uma *jungle*. Tem presa e predador vivendo junto. Se você quer falar sobre um assunto... Como é o nosso aqui... Sei lá... Pode ser sobre o PT, não sei. Fazer uma crítica do capitalismo. O Cid [o governador]. Os ecologistas... Enfim... Fazer um debate. Você vai pra onde? Você não pode ir pra onde só tem gente da tua tribo, sabe? Você vai falar de ecologia para ecologista? Não. Você tem que vir pra cá. Porque aqui é que tá a confusão, que é onde tá todo mundo. E o povão mesmo que não entende nada sobre ecologia. Entendeu o que eu quero dizer sobre selva? Sobre predador e presa?

---

<sup>53</sup> Nina de Carvalho (conf. página 77) e a pesquisadora do CETRATA (conf. página 77) falaram a respeito da escolha da Praça do Ferreira para seus respectivos objetivos. Ambas relatam que aquela região era o melhor lugar em Fortaleza onde poderiam encontrar uma concentração de pessoas diferentes.

Conforme exploramos no texto etnográfico, a *borda* do Centro (cf. página 54) parece possuir apenas um pouco da intensidade que marca a região. Mas bastam alguns quarteirões para perceber que ela começa a florescer. É a *confusão* que ganha vida em forma de ambulantes, gritos e transeuntes. “*Sinto que estou dentro do Centro*”, apontei no diário de campo. O mesmo ocorreu com Camila em sua descrição do Centro como um lugar de “tumulto”. E é o tumulto que a territorializa nesse espaço. Sem ele, o Centro seria outra coisa, outro lugar<sup>54</sup>.

Seu Veridiano aponta:

Olha, eu já trabalhei em muito lugar: Rio de Janeiro, São Paulo, Corumbá, Londrina, Brasília. Já viajei o Brasil inteiro, bem dizer. E eu posso te dizer com todas as letras. Pode gravar aí: não tem cidade mais desorganizada que Fortaleza. Do que o Centro. Aqui é, desculpa o uso da palavra, é uma verdadeira algazarra. É vergonhoso pr'um turista. É por isso que você não vê turista aqui. Se isso saísse no jornal, era capaz que ninguém nunca mais pisasse no Ceará. Uma verdadeira esculhambação. Olha, você vem da Estação, certo? Eu venho da Coração de Jesus. Você, quando sai do ônibus, já começa a sentir o Centro. Você anda e começa a ouvir o barulho do Centro. Não é ainda aquela coisa de Centro. Mas já tá quase no Centro. Começa a confusão, começa a algazarra. Um pouco antes, tá até bom. Aí você passa ali da Praça dos Correios e já era... Acabou! Já vem a esculhambação disso e daquilo...

Embora seja muito debatida a predominância dos fenômenos visuais nas práticas urbanas, em nosso caso de campo, parece-nos que os *sons* adquirem uma presença especial, tal como atesta Seu Veridiano. Eles chegam anteriormente ao excesso de placas e barracas de camelôs. Eles marcam o território por meio do burburinho da multidão, dos gritos dos vendedores ambulantes e dos alto-falantes. Antes mesmo de se perder entre outros passantes, o transeunte ouve. Os sons o alinham enquanto engrenagem do agenciamento Centro. Eles abrem o território. Desta forma, o passante assenta-se sobre os estratos.

Observamos que há constantemente movimentos desterritorializantes dentro do agenciamento, isto é, o equilíbrio é sempre provisório. É por isso que não cremos que seja possível responder à pergunta: “O que é o Centro?”. Afinal, ao mesmo tempo que o Centro

---

<sup>54</sup> Em um trecho que já transcrevemos na página 78, Camila relata: “Eu fico imaginando o Centro sem essa coisa toda. Sem a propaganda... *Porque aqui é tudo muito tumultuado*. Imagina se fossem só as lojas, as calçadas...” (grifo nosso).

aborda muitas entradas, ele também possui em si muitas fugas. Ora se está sob os estratos, ora encontra-se uma saída. Conforme alguns interlocutores colocaram, a região central é um ambiente propício a tantas variações e, por isso, pode abrir-se para muitos mundos: encontra-se um Centro Antigo, como Janaína; a inspiração para escrever ou desenhar, como Vilma, a *sketchbooker*; ou mesmo um “algo diferente” de seu bairro, como Lúcia.

Se por um lado o Centro reforça-se em constantes que o reterritorializam, ele encontra, em toda a sua diversidade, escapes, que são partes integrantes do próprio agenciamento. Quanto mais heterogêneo ele for<sup>55</sup>, aponta-nos Deleuze e Guattari (2002), maiores são as chances do passante vir a encontrar linhas de fuga, que são pontes criativas<sup>56</sup>.

Elenice, a senhora que entrevistamos e transcrevemos parte do diálogo na página 81, falou-nos sobre estar no Centro e encontrar inesperadamente uma festa de São João. Diante do novo território, o São João, ela percebeu que as regras haviam mudado. Afinal, ainda segundo os filósofos franceses, o agenciamento é sempre jurídico, isto é, ele produz certos códigos. É interessante ver, nesse caso de Elenice, a variação dessas regras. Em nosso diálogo, a transeunte expõe:

– O Centro tem muita coisa. Assim, eu acho, né? Você vem fazer alguma coisa, fazer uma compra e quando vê já tá dentro de um São João. Aí você já entra no espírito da coisa. Se minha filha não estivesse aqui comigo, eu era capaz de subir no palco e dançar quadrilha com eles, né? Mas ela me cutuca e eu me comporto. Porque se me deixar, eu danço mesmo. [...] Ela diz que eu faço ela passar vergonha. Mas eu não vejo problema, não. Assim... Não é que eu vá dançar quadrilha no meio do nada. É que aqui a gente pode se soltar mais um pouquinho, né? Fazer de conta que a gente também é moça e que tá dançando.

– E há outros eventos aqui ou outras coisas que a senhora costuma participar?

– É uma surpresa, meu filho. Agora tem São João. Mas se fosse Natal, teria Natal. E assim, né... Do nada. Você dobra a esquina e tem alguma coisa do nada. Tem muito humorista aqui na praça. Não esses de eventos, que são contratados. Tipo... Doido de rua, sabe? Gente

<sup>55</sup> Vale ressaltar que mesmo nos *shoppings centers*, esses espaços que atuam pela “miséria subjetiva” (GUATTARI, 1992), encontramos um agenciamento heterogêneo. Mas parece-nos que a heterogeneidade do *shopping* é menos intensiva que aquela vista na produção de espaços coletivos. A Aldeota, enquanto espaço privatizado, faz uso de seus próprios agenciamentos, mas reforçando que a diferença só pode ser encontrada em variações constantes.

<sup>56</sup> Conforme observa Deleuze: “la ligne de fuite est créatrice de ces devenirs. Les lignes de fuite n’ont pas de territoire”. Em tradução nossa: “a linha de fuga é criadora de seus devires. As linhas de fuga não têm um território” (DELEUZE; PARNET, 1996: 62).

que é doido mesmo, que não tem o que fazer e vem pra cá ficar contando piada. Eu adoro! Fico bem quietinha assistindo.

Com este exemplo, percebemos que a cada nova conjugação, novas regras são firmadas. A ponte entre esses dois territórios se dá por meio das linhas de fuga que desterritorializam o agenciamento, abrindo espaço para um novo arranjo heterogêneo. É importante observar que o momento da fuga pode adquirir tons de surpresa. É como se o novo não fosse devidamente previsto. É a sensação de uma violência intensiva, um desacordo provocado pelo não reconhecimento. Quanto maior a força do assalto, maior será o gesto exigido do passante.

É na possibilidade criativa das linhas de fuga que exploramos o sentido contingencial do espaço público que se presta ao uso coletivo: um lugar onde as mutações subjetivas *podem* ocorrer, mas não é certo que elas aconteçam. Por mais que pensemos o meio heterogêneo conforme regras de um jogo previamente articulado, ele funciona, como já mencionamos, tal qual um rolar de dados cujo resultado é imprevisível. É essa possibilidade de encontro com a diferença em sua variação contínua que pode gerar pensamento, tirar-nos das zonas de conforto, mostrar outra margem que não só aquela do objeto. Em agenciamentos tão complexos como o Centro de Fortaleza, as constantes são desafiadas a todo instante.

Chico, um vendedor ambulante de chicletes, ao comentar a respeito de uma senhora de cabelos cor-de-rosa, tocou nessa questão da instabilidade:

Senhora pra mim tem que se vestir como senhora. Aí aparece aqui uma senhora assim... Só aqui no Centro mesmo se vê isso. Só aqui eu consigo ver isso. Pode ser moda em algum lugar. Mas eu nunca vi isso em nenhum canto, não. Talvez na televisão. Mas ao vivo e a cores, só aqui. [...] Tudo o que eu tenho de certo na vida, eu já fui desmentido pelo Centro. Se me dissessem há 40, 50 anos atrás que homem podia casar com outro homem, eu diria que não. Mas aí eu vejo homem de mãos dadas no Centro e isso afeta muito minha cabeça!

Em uma ida a campo para verificar certos dados, em outubro de 2012, na oportunidade de entrevista com um pastor da Praça do Ferreira, ele comentou:

O meu trabalho aqui é garantir que as pessoas ouçam um pouco da Bíblia. No seio familiar, elas estão guardadas por Deus. Elas sabem o que é certo e o que é errado. Na vida pública, não. Principalmente nos dias de hoje, onde tudo é permitido. Pode tudo! Mas isso é errado!

Isso é coisa de quem quer nos afastar de Deus. E onde isso acontece principalmente? Na rua! É de fora que a família recebe o ataque. Eu tô aqui para lembrar que a rua também tem que ser um lugar da família, um lugar de Deus. Eu tô aqui e trato todo mundo como meu irmão, como mandou Nosso Senhor Jesus. Eu estou lembrando que todos devemos prestar contas com ele um dia. E que nossos atos aqui, um dia serão julgados. O meu lugar aqui é lembrar que cada coisa tem seu lugar. É não permitir que uma ovelha se desvie.

Em Deleuze (2010), pensar é criar (conf. nota 43 na página 100). Neste sentido, o ato de criação comporta uma relação semelhante às linhas de fugas que a experiência transeunte tende a proporcionar. Inspirados no filósofo<sup>57</sup>, pensamos o agenciamento Centro de Fortaleza como um espaço em estados voláteis. Há sólidos, que são os signos em suas variáveis constantes, mas há também a possibilidade de que as palavras e as coisas tornem-se líquidas ou vaporosas. A atmosfera comunicacional do Centro propicia essas mudanças de estado. Os sólidos, quando em variação, contaminam-se uns aos outros de forma a permitir toda uma gama de signos liquefeitos.

[...] o agenciamento negocia as variáveis em tal ou qual variação, segundo tal ou qual grau de desterritorialização, para determinar aquelas que estabelecerão relações constantes ou obedecerão a regras obrigatórias, e aquelas, ao contrário, que servirão de matéria fluente à variação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 44-45)

O que *particulariza* o Centro em relação às demais regiões da cidade é a própria intensidade urbana que ele comporta. Ao promover blocos de desterritorialização, ele pode gerar a mobilidade da diferença naquela determinada situação e, conseqüentemente, fazer com que ela ecoe sobre as demais multiplicidades, contaminando-as.

É o que vemos acontecer a respeito dos sons dos ambulantes que Seu Veridiano parece não gostar. Eles atuam contra os gregarismos, dando à língua certa musicalidade. Aponta-nos Deleuze e Guattari:

Talvez seja, aliás uma característica das línguas secretas, das gírias, dos jargões, das linguagens profissionais, das fórmulas repetidas em jogos infantis, *dos gritos dos vendedores ambulantes*, a de valerem menos por suas invenções lexicais ou por suas figuras de retórica do que pela maneira pela qual operam variações contínuas nos elementos

---

<sup>57</sup> Referimo-nos a uma passagem em que Deleuze comenta sobre os processos criativos da escritura. Ele expõe: “é preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas geométricas” (DELEUZE, 2010: 171).

comuns da língua. São línguas cromáticas, próximas a uma notação musical. [...] ela coloca em estado de variação o sistema das variações da língua pública. (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 40-41, grifo nosso)

A potência criativa das engrenagens do agenciamento leva-nos a pensar as relações de poder em Fortaleza. Entendemos que, em um sentido político, os jornais e as instituições que exploramos em nosso *Post-Scriptum* do segundo capítulo atuam pela manutenção de certo poder, certa ordem moderna. Ao forçar uma variação, o ambiente heterogêneo atua contra a organização das regras.

O que vale é antes a mobilidade dos signos do que a disputa sobre qual modelo urbanístico prevalecerá. Em nossa digressão histórica sobre Fortaleza, abordamos uma cidade onde o “progresso” tornou-se pretexto para produção de espaços de anticidade. Contudo, no mesmo golpe, a resistência ocorreu e ocorre em socorro da urbe. A favor do Centro, as várias engrenagens que compõem nosso agenciamento não cansam de produzir linhas de desterritorialização “em massa”.

Ali, os signos movimentam-se, despindo-se de seus supostos “significantes” em prol de uma variação contínua. É o agenciamento Centro de Fortaleza que engendra e força os desacordos necessários para que a diferença nas práticas comunicativas solte-se dos grilhões das interações entre pares e crie novos arranjos subjetivos. Em suma, que ela liquefaça-se, vaporize-se, desalinhe-se, estranhe-se e, tal como um transeunte, também transite.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Qual o sentido de tanta construção?” (CALVINO, 2011: 117). A pergunta que Calvino explorou em seu texto sobre a cidade de Tecla serviu como ponto de partida para nossos estudos urbanos. Observamos, naquele momento, que a cidade está envolta em constantes dinâmicas que lhe permitem um intenso movimento. A cidade é transeunte. Ela muda seus hábitos, seus costumes, suas instituições, seus projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Em nossa pesquisa no Centro de Fortaleza, buscamos experimentar o meio urbano, e não simplesmente interpretá-lo. Assim, encontramos uma instabilidade que passa por cada multiplicidade citadina, uma poderosa movimentação. Carros, buzinas, passantes, placas de sinalização, anúncios publicitários, grafite, pichação, sobrados antigos, edifícios novos, donos de empresas, trabalhadores da periferia, jovens estudantes, aposentados, mugunzá, milho verde, frutas, pastel, caldo de cana, sujeira, lixo, garis, policiais, gritos de ambulantes, altofalantes, megafones, televisões, camisetas de times de futebol, moradores de rua, bêbados, artistas, poetas, conversas com amigos, com desconhecidos, consigo mesmo, etc. Há tanto na experiência transeunte. E mesmo identificando uma larga porção dela, há sempre o assalto inesperado do novo, a estranheza, que é uma sombra a acompanhar cada elemento percebido.

O Centro não cabe dentro das categorias e das identidades, ele flerta com territórios novos, com desalinhamentos. Trata-se de um lugar onde a diferença é sempre desafiada a deixar suas zonas de segurança para se aventurar na mobilidade dos signos. A diferença ali é inquieta e, ao mesmo tempo, inquietante. Ela contamina o mundo a sua volta. Vimos que o agenciamento Centro de Fortaleza está sempre à beira de deixar seu estado sólido e vir a se

tornar móvel: *na experiência transeunte, a diferença é volátil*. Assim, a particularidade do Centro ocorre antes pela intensidade da experiência transeunte do que por sua identidade comercial ou histórica. É bem verdade que a região central abarca estas últimas. Contudo, a vivacidade está justamente na própria urbanidade, na tal “aventura própria da cidade” (CAIAFA, 2007) que estudamos.

Em nossa pesquisa, visamos a investigar as práticas comunicativas que fazem parte do Centro. A fim de cumprir esse objetivo, percorremos a região em diversas ocasiões, participando das dinâmicas do lugar. Por meio do trabalho etnográfico, exploramos a diversidade de práticas que compõem aquele espaço e os diferentes relatos a respeito dele. Foi a variedade de percepções que nos conduziu a uma experiência transeunte.

No que tange à estruturação e aos conteúdos abordados, este trabalho foi dividido em três capítulos, cada qual referente a um elemento da pesquisa: as questões urbanas, a etnografia e as práticas comunicativas no Centro, respectivamente. No primeiro deles, investigamos a *dinâmica das transformações urbanas*, sugerindo que, para estudar o meio citadino, deveríamos entender que o concreto dos prédios e o asfalto das ruas estão imersos em certas dinâmicas que fazem parte tanto das linhas que constituem a urbanização da cidade quanto das formas de sociabilidade que ela abarca. Enfatizamos as formações de um urbanismo moderno, observando suas consequências para as urbes.

Essa questão nos levou a pensar as cidades como espaços produtores de subjetividade. Na ocasião, ressaltamos que lidamos com a subjetividade como uma máquina em constante produção, uma abordagem teórica que nos permitiu apresentar os primeiros passos a respeito do conceito de *agenciamento* em Deleuze e Guattari (1995). Isso foi importante para avaliarmos dois modelos urbanos em tensão nas dinâmicas contemporâneas: a cidade que ainda carrega certas características das metrópoles modernas, em que o espaço público destina-se ao uso coletivo e atua pela produção de diferença, e aquela privatizada, que também consideramos como uma “anticidade”.

Na sequência, abordamos as dinâmicas urbanas de Fortaleza, refazendo seu traçado histórico. Encontramos, nesses textos, uma cidade que já fora palco de ocupações criativas e que hoje se torna refém de um modelo de cidade privatizada. Vimos também que a Fortaleza

contemporânea tem o bairro Aldeota como exemplo para suas transformações urbanísticas. Nesse ponto, destacamos a inauguração do *shopping* Center Um.

No capítulo seguinte, fizemos uso de um trajeto para explorar etnograficamente a região central. Abordamos muitas áreas do lugar, desde ruas convencionais até a Praça do Ferreira. Os transeuntes com quem conversei, ao longo do período em campo, eram constantemente chamados no texto. Assim, a experiência dos demais se combinava com a minha, montando um espaço dialógico.

Finalmente, em uma seção à parte, que chamamos de *Post Scriptum*, colocamos algumas considerações a respeito dos constantes relatos feitos de fora do Centro, mas que dizem respeito a ele. São, principalmente, as notícias que, conforme foi explorado, buscam o Centro a partir de instituições patronais, de categorias cristalizadoras e identidades. O que é o Centro para eles? Grosso modo, percebemos que ele é, antes de tudo, uma zona comercial cujo principal problema envolve o comércio informal.

No capítulo seguinte, o último deste trabalho, abordamos um texto de Wirth (1973), em que o sociólogo americano argumenta que a comunicação no espaço público tende a ser elementar. A partir de Caiafa (2007) e dos dados que colhemos em campo, apresentamos dados contrários, considerando o Centro como um espaço onde a comunicação pode tornar-se mais inventiva. Foi esse contexto que nos possibilitou abordar textos sobre “comunicação da diferença” (CAIAFA, 2004) e “outrem” (DELEUZE, 2011).

No momento seguinte, abordamos o trabalho de Canevacci (1993) com o objetivo de explorar o coro polifônico que faz parte das práticas comunicativas no Centro de Fortaleza. Trouxemos várias falas de transeuntes para dialogar com o antropólogo italiano. Foi ainda nesse momento que abordamos algumas das muitas práticas comunicativas que existem na região central, considerando que, naquela situação, elas *podem* vir a se comportar de forma inesperada, isto é, produzir desacordos, escapes a suas intenções primeiras.

No caso particular das conversações, observamos como o diálogo entre desconhecidos proporciona, por meio da própria comunicação, um esforço criativo, questão recorrentemente apontada por Caiafa (2007). O mesmo também ocorre nas demais regiões do Centro, onde o passante é constantemente interpelado por um “ambiente de discontinuidades” (CAIAFA,

2007) que tende a trazer novas percepções sobre o que é tido como já dado. Mesmo a publicidade, que é tão frequentemente associada às intenções de *marketing* e ao empobrecimento da subjetividade, pode se soltar de seus lugares institucionalmente atribuídos e contaminar-se pela poética da diferença.

São esses escapes que nos levam a pensar o Centro de Fortaleza como um agenciamento, um território heterogêneo e instável que pode ser levado a zonas incertas. Mais uma vez, abordamos várias falas que demonstram essas fugas, essas desterritorializações como partes integrantes do agenciamento. Ao contrário de categorias fechadas e identidades, as práticas comunicativas no Centro se encontram à mercê de variações.

Tal abordagem nos permitiu voltar para as questões de Fortaleza, observando como o Centro em si atua em defesa da urbe. Ele, em sua própria poética urbana, cria os desalinhamentos necessários para que Fortaleza não se fixe apenas em *shoppings*, carros e condomínios fechados. Ele *possibilita* que os passantes encontrem variações sígnicas que, conforme afirmamos em várias situações, produzem um efeito criativo. Cremos que as práticas comunicativas guardam em si a potência de um mundo multifacetado, de modo que a instabilidade é sempre uma possibilidade a ventilar os meios cristalizados, permitindo que as palavras e as coisas vaporizem-se.

Ao término deste trabalho, percebemos que a atividade etnográfica e a produção do texto final, embora abarquem a pergunta de partida da pesquisa, trouxeram algumas questões de ordem metodológica e teórica que não se esgotam aqui. Organizamos cada uma delas a seguir, de modo que sejam aproveitadas em momentos oportunos no futuro, ou mesmo para incentivar outras investigações relacionadas a tais questões, inclusive sobre o Centro de Fortaleza.

Primeiramente, no que tange ao método utilizado, de modo autoavaliativo, celebramos o uso de procedimentos etnográficos nesta pesquisa. Foi por meio do contato com o campo, com as pessoas e as práticas comunicativas no Centro que eu – enquanto pesquisador – pude forçar questões a respeito da região. A prática de andar nas ruas, estando sempre atento às multiplicidades ao redor, permitiu a desconstrução tanto do Centro que eu imaginava em meu lugar de fala quanto aquele que, por ventura, eu pudera ter exotizado para a pesquisa. Apesar

das leituras metodológicas sobre a questão, foi a experiência em campo que me trouxe tais pensamentos. Ao mesmo tempo, também devo muito às conversações. Embora inseguro a princípio, percebi desde cedo que os demais produziam dados valiosos para o trabalho.

No que diz respeito à escritura, percebi que a narrativa sempre tende a organizar os acontecimentos, enquanto que, na experiência de campo, o que eu via era uma constante sobreposição de informações. Tomei o cuidado de reconhecer, ao montar uma cena como aquela do Centro, os problemas relacionados à escritura do texto. Isso ocorreu, em partes, devido a minha leitura sobre assuntos relacionados à produção escrita na etnografia – em especial em Caiafa (2007), Clifford (1986) e Crapanzano (1986). Essas discussões incentivaram-me a romper com as tentativas de “representação da realidade”, reconhecendo que o texto em si abarca suas devidas potências e produz suas próprias experimentações. Em nosso caso particular no segundo capítulo, percebemos que a estrutura do texto age como um “agente duplo”. Apesar de haver um trajeto bem pensado – de certa forma, hierárquico –, a narrativa constantemente sofre os assaltos da imprevisibilidade, característica do meio urbano. Enquanto descrevíamos um percurso definido, uma infinidade de questões saltava em nosso texto, tal como ocorrera no Centro. Isto é, por mais que envolto em certa ordem narrativa, exploramos as potências do fortuito na própria escritura. Essa estratégia nos permitiu problematizar a pujança urbana e suas inconstâncias.

Sobre algumas questões teóricas, a exposição da bibliografia e dos dados de campo forçou certas problematizações que não dizem respeito diretamente aos objetivos deste trabalho, contudo o acompanham constantemente. A principal delas é a respeito dos processos comunicativos. O trabalho de Caiafa (2004) nos trouxe alguns avanços importantes sobre essa discussão teórica. Gostaríamos, em um momento mais apropriado, de investigar a cena teórica da antropóloga à luz de algumas passagens de Deleuze, tais como sua celebração dos “vacúolos de não comunicação” (DELEUZE, 2010), sua separação da diferença em “diferenciação” e “diferençação” (DELEUZE, 2006) e sua particular explicação sobre o ato de criação/ pensamento (DELEUZE, 2006; DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Engendrada a partir da leitura de Deleuze (1991), uma outra pretensão que extravasou as intenções do trabalho foi sobre a relação entre percepção e experiência transeunte. Em sua

obra sobre Leibniz, o filósofo francês dedica-se a estudar o jogo das percepções, observando relações entre acontecimentos ordinários e relevantes, as percepções pequenas e as conscientes. Segundo aborda, as pequenas percepções não são partes da percepção consciente, mas requisitos para tal. Elas constituem “a obscura poeira do mundo incluído em cada mônada, constituem o fundo sombrio” (DELEUZE, 2011: 154). Neste sentido, o espaço-tempo deixa de ser meramente um atributo puro, intocado, mas um arranjo compreendido (organizado). Vislumbramos possíveis diálogos entre tais debates e o conceito de “outrem” que exploramos no último capítulo, quando estudávamos os processos comunicativos. Questionamo-nos sobre a singularidade de cada percepção, a escolha por elementos que fogem de um fundo que não é conscientemente percebido para uma zona clara, consciente. Trata-se de um fenômeno que muito tem a acrescentar a nossa pesquisa sobre experiência transeunte. Paralelamente, essa questão também nos engendra a pensar os acontecimentos. Em Deleuze (2011), o frescor criativo da experiência, essa constante possibilidade de ser tocado pelo novo, está diretamente relacionado com as “mônadas”, que ao contrário do que é sugerido por Leibniz, teriam suas portas e janelas escancaradas.

Finalmente, também nos interessa as provocações que Deleuze (1997) faz a respeito dos sons. As qualidades expressivas sonoras, em Deleuze, parecem ao mesmo tempo montar e desmontar territórios. Além delas, perguntamo-nos sobre a musicalidade das imagens, tendo como plano de fundo trabalhos em *design* que abarcam a relação da música com a cor (BARROS, 2007) e a forma (BRINGHURST, 2005). Mais uma vez, ressaltamos que tanto esses conceitos quanto esses debates teóricos não couberam neste trabalho, sendo aqui brevemente identificados em forma de rascunho para que sirvam como incentivo a novas investigações.

\*\*\*

Por fim, volto ao Centro, passado um ano desde que terminei oficialmente minhas explorações etnográficas. Por lá, observo que muita coisa vem acontecendo e mudando. Neste fevereiro de 2013, percebo que, pela primeira vez, há um carnaval de rua em Fortaleza, que começa a receber um público realmente expressivo quando comparado a outros anos recentes.

Manifestações que tiveram o Centro, o Benfica e a Praia de Iracema como grandes protagonistas. Paralelamente, percebo que as tensões entre os comerciantes e os ambulantes estão longe de terminar, embora os gestores públicos quase sempre tendam a priorizar os primeiros em detrimento dos segundos. Os ambulantes não estão mais na rua José Avelino. Foram expulsos porque, segundo os jornais locais, as calçadas são tombadas e não devem servir para aquelas práticas. Mas seus rastros ainda podem ser vistos. O Centro invadiu um pouco da Praia de Iracema, diminuindo a aproximação com as zonas mais abastadas da cidade. Ainda em fevereiro, conheci a linha Sul do Metrô de Fortaleza, que corta a cidade em sentido norte-sul. Tomei o metrô no Benfica, bairro próximo ao Centro, e fui até a estação São Benedito, uma das três que passam pela região central. Foi uma experiência singular descer as escadas para o subterrâneo da cidade no novíssimo transporte público fortalezense, que é rápido e silencioso, apesar de já ter começado suas atividades lotado. Percebo que ele traz novas dinâmicas para a região, que se destaca por ser o ponto de encontro de três linhas (oeste, sul e a futura linha leste). A chegada, ainda nesses primeiros meses de 2013, das máquinas-tuneleiras para a construção da Linha Leste – prometida para 2016 – dá início às obras da linha que ligará o Centro – a partir da Praça da Estação – à avenida Washington Soares, passando pelos principais bairros da Regional 2, incluindo todo o longo bairro da Aldeota. Essas novidades prometem novas mudanças às que já estão em curso na cidade.

Nesse período de dois anos, o Centro mudou muito. E seus novos arranjos prometem trazer mais modificações. As tensões ainda existem, algumas delas expostas aqui neste trabalho. Contudo, devo reconhecer que elas tendem a se reorganizar continuamente. No meio de tantas transformações, a cidade pulsa sua urbanidade, tendo o Centro como seu melhor exemplo, a despeito de todos os *shoppings*, carros e condomínios. Fortaleza, a metrópole sertaneja construída sobre as dunas, continua a produzir estranhamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Publicações em periódicos científicos, livros e capítulos de livros.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas vol. II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas vol. I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas vol. III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BARROSO, Oswald. Fortaleza viva. In: VELOSO, Patrícia (Org.). *Viva Fortaleza*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2011. Pp. 128-137.

CAIAFA, Janice. *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. Comunicação da diferença. *Fronteiras: estudos midiáticos*. São Leopoldo, RS, v. 6, n. 2, pp. 47-56, jul./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Aspectos do múltiplo nas sociedades de comunicação. *Contracampo*. Niterói, RJ, n. 22, pp. 130-146, fev. 2011.

CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. Metrópole comunicacional. *Revista USP*. São Paulo, n. 63, pp. 110-125, set./nov. 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do Carnaval carioca. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLIFFORD, James. Introduction: partial truth. In: \_\_\_\_\_; MARCUS, George (Orgs.). *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1986.

COELHO, Antônio Carlos. Fortaleza e seus negócios: o percurso desde os anos 1950. In: VELOSO, Patrícia (Org.). *Viva Fortaleza*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2011. Pp. 54-67.

COLARES, Otacílio. Fortaleza em desamor. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Fortaleza 1910*. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará, 1980.

CRAPANZANO, Vincent. Hermes' Dilemma: the masking of subversion in ethnographic description. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (Orgs.). *Writing Culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1986.

DANTAS, Eustógio; SILVA, José; COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Da cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Liebniz e o barroco*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. Post Scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. Michel Tournier e o mundo sem outrem. In: \_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Postulados da Linguística. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 2*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Conclusão: regras concretas e máquinas abstratas. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 5*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa, Portugal: Assírio e Alvim, 2002.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Máquinas desejanter. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. De la superiorité de la littérature anglaise-américaine. *Dialogues*. Paris: Champs essais, 1996.

FREITAS, Ricardo. Comunicação, consumo e lazer: o caso da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. In: \_\_\_\_\_; NACIF, Rafael (Orgs.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

GARCIA, Raquel. *Da rua da frente à beira-mar: histórias de pescador*. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2010.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GOMES, Mário. *Terno de poesia*. Fortaleza: Oficina, 1995.

GUTIÉRREZ, Ângela. Fortaleza de pedra, Fortaleza de papel. In: VELOSO, Patrícia (Org.). *Viva Fortaleza*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2011. Pp. 28-41

HARVEY, David. A liberdade da cidade. *Revista GEOUSP – Espaço e Tempo*. São Paulo, n. 26, pp. 9-17, 2009. 2009.

JUCÁ, Gisafran Nazereno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. A modernização de Fortaleza e o cotidiano da população: 1930-1960. In: GADELHA, Francisco A.; SILVA, Marco Aurélio F. (Orgs.). *Outras Histórias: Fortaleza, cidade(s), sujeito(s)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LINHARES, Paulo. *Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

\_\_\_\_\_. A Fortaleza de Alencar. In: VELOSO, Patrícia (Org.). *Viva Fortaleza*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2011. Pp. 14-27.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o Campo é a Cidade: fazendo Antropologia na Metrópole. In: \_\_\_\_\_; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MATOS, Fábio; VASCONSELOS, Fábio. O litoral de Fortaleza e o planejamento urbano na primeira metade do século XIX a partir das plantas de Silva Paulet e Simões de Farias. *Revista Brasileira de Cartografia*. Fortaleza, n. 63/04, p. 555-563, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. “A Nova Teoria da Comunicação”. Caderno Programação das Sessões Temáticas. *Seminário 10 anos de FiloCom*. 2010. Pp. 21-42

MOURA, Cristina Patriota de. Vivendo entre muros: o sonho da aldeia. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MUMFORD, Lewis. Court, Parade and Capital. In: \_\_\_\_\_. *The culture of cities*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1936.

\_\_\_\_\_. *The city in history*. New York: Harverst Book Harcourt, 1961.

NATENZON, Claudia Eleonor. Las plazas de Buenos Aires: apuntes para una investigacion. In: Mesquita, Zilá (Org.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: Universidade, 1995.

NILO, Fausto. O sonho feliz de cidade e a realidade metropolitana. In: VELOSO, Patrícia (Org.). *Viva Fortaleza*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2011. Pp. 160-173.

PONTE, Sebastião R. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

QUINTANA, Mario. *Quintana de Bolso*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ROSSI, Lia Mônica. Art Déco sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco. *Revista UFG*. Ano XII, n. 8. Goiânia: UFG, jul. 2010

ROQUE, Tatiana. Sobre a noção de problema. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1. Rio de Janeiro, n. 23-24 jan. 2006-abr. 2008.

SENNETT, Richard. *The fall of public man*. New York: Penguin Books, 2002.

\_\_\_\_\_. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVEIRA, Fabrício. *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

SODRÉ, Rachel Fontes. *Tintas no muro: um estudo sobre a produção de grafite no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2008.

SOUSA, Francisco Herbert. O poeta anfíbio e a história das montalidades: Otacílio de Azevedo e a cidade de Fortaleza. *Entrelaces: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira – da Universidade Federal do Ceará*. V. 1 (1): pp. 4-7, ago. de 2007.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: \_\_\_\_\_; KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

### **Publicações de documentos, relatos de blogs, resultados de pesquisa em meio digital**

BENEVIDES, Augusto (Guto). Histórico. *Shopping Center Um*. Disponível em: < <http://www.centerumshopping.com.br/>>. Acesso em 11 jan. 2012.

BRAS, Janaína. *Fortaleza no Centro*. Publicado em 18 de jan. 2010. Disponível em: <[www.fortalezanocentro.com](http://www.fortalezanocentro.com)>. Acesso em 22 dez. 2010.

IBGE. *Censo demográfico 2010 – Resultado do universo*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

ROSSI, Lia Mônica. *Art Déco Sertanejo: resultados de pesquisa*. Disponível em: <<http://art-deco-sertanejo.com>>. Acesso em 18 de mai. 2012.

OLIVERA, José de Arimatéa V. Uma cidade em construção: modernidade, cotidiano e imaginação na Fortaleza de finais do século XIX e princípios do século XX. *Revista Espacialidades*, v. 2, n. 1, *online*, 2009. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/espacialidades/v2n1/arimatea.pdf> >. Acesso em: 15 jan. 2012.

### **Publicação em jornal impresso**

GIRÃO, Ivna. Ambulantes podem chegar a mais de sete mil no Centro. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 12, 21 nov. 2011.

LAVOR, Thays; GIRÃO, Ivna. Sercefor promete construção de três mil boxes no Centro. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 6, 24 mai. 2012.

LIMA, Luana. Centro precisa de melhorias para a Copa do Mundo. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 10, 28 jul. 2011a.

\_\_\_\_\_. Complicações no trânsito: Fortaleza tem um veículo para cada 3,4 habitantes. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 13, 9 dez. 2011b.

MOURA, João. 90% dos estacionamentos do Centro são irregulares. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 13, 8 dez. 2011.

SARAIVA, Raone. Ambulantes terão de seguir novas regras da prefeitura. *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, p. 13, 14 ago. 2011.

### **Publicação em meio audiovisual**

BOUTANG, Pierre-André. Letra A, de animal. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. [Filme-vídeo]. Produção e direção de Pierre-André Boutang, entrevista de Claire Parnet. Tradução e legendas de Raccord. Paris: Vidéo Edition Montparnasse, 1996. DVD. Duração: 158 minutos.



## ANEXO B – MAPA CENTRO DE FORTALEZA E TRAJETO DA PESQUISA



Reprodução do Google, MapLinks. Destaque em amarelo do trajeto da pesquisa

## **ANEXO C – MANIFESTO “O GRITO DOS COMERCIANTES LEGAIS”**

O GRITO DOS COMERCIANTES LEGAIS<sup>58</sup>.

9 de dezembro de 2011

Lideranças empresariais lojistas pedem atenção para o centro de Fortaleza, resolvem protestar contra a falência administrativa e inoperância dos poderes municipal, estadual e federal, pela permissividade da avalanche do comércio informal na área, onde no contexto assistimos a própria secretária, espontaneamente, admite, que Existem diferentes tipos de comerciantes informais, atacadistas e varejistas, uma ilicitude fomentando contra Ordem econômica e tributária, gerando um clima propício a sonegação fiscal e também lavagem de dinheiro, que são crimes, especialmente onde tudo é aceito em nome do social “milionário”, que sobrepõe em mais de duas vezes o faturamento da economia formal do centro.

Representantes das entidades de classe do Centro, preocupadas com o comércio formal no bairro decidiram realizar uma manifestação, um ato de protesto, que ocorrerá em um dia ainda a ser escolhido pelas lideranças, em que as lojas do centro trabalharão “à meia porta” durante um dos períodos comerciais, para demonstrar a insatisfação com o descaso ou aquiescência do poder público municipal e ausência de ação do poder estadual, no que lhe compete, na falta de disciplinamento do comércio informal, a feira livre que se apropria do espaço público central, todos os dias da semana no horário comercial. Nenhuma legislação pertinente ao assunto é cumprida, como a Lei do Consumidor, Lei das etiquetas, Código de Obras e Posturas do Município e o Decreto Municipal 9300 que regulamenta a atividade e sobre poluição visual e sonora no caso dos ambulantes adolescentes sem licença da Semam, desfilam tocando DVDs e CDs piratas em mini paredões de som perturbando a ordem pública mostrando que a maioria das formas adotadas pelo o comércio informal desleais e predatórias, sem rumo, régua e compasso gera o desemprego formal, promove a prostituição, a jogatina, o trabalho infantil e sem a menor condição de salubridade, sem esquecer que muitos dos produtos comercializados são advindos da contravenção e descaminhos.

---

<sup>58</sup> Inicialmente publicado pela internet e divulgado para os jornais locais.

Os passeios não existem mais para o cidadão comum, comerciante formal ou até o informal cadastrado (antigos 960, até 2004, que hoje são menos de 100 em um universo de 2623 institucionalizados, onde 2523 são apadrinhados por esta gestão). No centro tem ambulantes novos todos os dias se instalando nas principais ruas ou praças, às vezes com o aval do poder público municipal, como é o caso da praça da Estação, em frente a um patrimônio Federal tombado no centro comercial. Sem permissão oficial ou pré-inscrições que não significam permissão, os ambulantes se tornam efetivos como se legais fossem. Onde se encontram o Iphan e o Ministério Público, que tão bem atuaram na demolição das bancas de revista da praça José de Alencar em favor do Teatro e da Igreja do Patrocínio?

Para complicar ainda mais o abuso e o descontrole no centro, estacionamentos irregulares se transformam em verdadeiros *shopping/Box* de comercialização ilegal, sem alvará de funcionamento, vigilância sanitária, vistoria do Corpo de Bombeiros e fiscalização da SEFAZ, pois o entendimento por parte desses gestores estaduais é de que isto (informalidade) é de responsabilidade única da prefeitura, cabendo ao Estado, os rigores da Lei apenas juntos ao comércio formal, instalados em locais fixos e regularizados perante ao ICMS.

#### Informação:

Para conseguirmos mais atenção para o nosso justo movimento recorreremos aos meios de comunicação local e a grande mídia nacional, os grandes sites e com isso facilmente atingiremos a mídia internacional, tendo em vista a realização da copa na nossa metrópole e o centro de Fortaleza ficou totalmente fora do contexto de apreciação da cúpula do comitê de avaliação da Fifa, escondendo o caos em que se encontra, nesse sentido sendo desprezado a nível estadual e municipal.

(Num ponto, a maioria concorda: o Centro de Fortaleza é uma excrescência do ponto de vista urbanístico, de tráfego, de asseio e conservação, de conforto. Enfim, é o espaço da não-cidadania, quando deveria ser o espaço da cidadania por excelência. E é preciso fazer alguma coisa urgente).